

Ofey
-O. NOV. 1998

ANO III N.º 146
2
MARÇO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1\$50

Participe neste nosso sensacional concurso:

Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?

5 valiosos prêmios para o público!

(Veja as condições na página 21 deste número)



**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

RUA ESQUECIDA

11

O cão foge, ganhando... E o homem fica-se a rir, satisfeito com a sua pontaria. Depois, lentamente, olha para o balcão vazio de copos. Raios de dia, não se faz vintém. Afinal, todos os dias são iguais. Só às noites é que aquilo toma uma arca de animação. Vem o Chico da Terça, o Manuel Tórtio, o «Batatinhas», o João Indácio, o Cidreira e os outros... Os frequentes, do costume. Fôra um hábito que ficara nêles, desde os bons tempos...

Raramente aparece uma cara nova, ali, pela taberna. E quando aparece, sente-se em ambiente estranho. Não volta mais... O «Batatinhas» usa sempre o mesmo estribilho. Mal pisa o degrau da porta, êle grita logo: — «Eh, Santinhos, atão essa cambada?». Cambada é a vida...

Júlio Santinhos, o taberneiro, limpa o balcão com o trapo sujo. Ouve o filho mais pequeno a choramingar, lá para dentro. Sim, o «Batatinhas» tem razão. A vida é mesmo uma cambada. Santinhos cuspinha e passa a mão pelos lábios grossos. Uma cambada! Lembra-se da última discussão do Cidreira com o «Batatinhas». Falava-se da guerra, do mundo que havia de vir, das mentiras que os jornais diziam. O «Batatinhas» não saía da sua: — «Isto na vale nada, é tudo uma podridão!».

E o Cidreira afirmava que não, que, no futuro, havia de haver dinheiro para todos. Mas o Cidreira empregava palavras que êle não percebia. Aliás, o Cidreira tinha sempre aquela mania: falar caro, como os senhores doutores, e o engenheiro das obras...

Sente uma soneira a fechar-lhe os olhos. Com um dos pés, puza o banco de madeira e senta-se. Cruza os braços em cima do balcão e pensa no filho mais pequeno que continua a choramingar. Que terá o miúdo? Há dois dias que anda assim, com vômitos, com dores de barriga, agarrado às saias da mãe. Santinhos enruga a testa. Pois é, ela é que tem a culpa daquilo tudo. Amimalha os filhos até mais não poder. Depois, êle que os ature com essas choraminguices...

Ouve uma voz perto de si. — Pai... — Volta-se, num repêlido. Vê o garoto, de olhos chorosos, de baba a cair de mistura com ranho. Não diz nada. O garoto põe os olhos no chão. — Pai... Devagar, Santinhos puza o filho até aos seus joelhos. Afaga-lhe os cabelos. — Doi-te? Êle faz que sim com a cabeça. E aponta a barriga... Santinhos encolhe os ombros. — Isso passa... Vai brincar. Depois, hesita. Mas acaba por abrir um frasco e tirar um rebugado. — Toma lá... O miúdo afasta-se. Todavia, não sai da porta. Senta-se no degrau e fica, acocorado, juntando paus de fósforos...

Escurece. Santinhos não acende a luz. Para quê? Ah, se fôsse noutra tempo, quando a rua valia alguma coisa. Aquela hora estava tudo cheio e a taberna até parecia um mercado. Mas, agora—agora é aquilo: miséria e tristeza.

Deixa-se estar, debruçado sobre o balcão. Lá fora, na rua, tudo é escuro também. Ali anoitece mais depressa do que nas outras ruas. O sol não chega lá...

Súbito, um clarão ilumina a rua. Santinhos não se move. Já sabe que são os faróis do automóvel do Freitas. O Freitas vem jantar aquela hora.

Da porta da rua, a voz do garoto faz uma pergunta inesperada: — Pai... É bom ter um «automóvel», não é? Santinhos não responde. Mas fica a pensar na pergunta do filho...

GENTIL MARQUES

ESTUDIOSA...



Bordalo Pinheiro e o seu célebre casaco...

REPARAI bem na fotografia que encima este artigo: lá ao fundo, mesmo ao centro, está um simpático jovem desse tempo, com um chapéu alto, um bigode cinzento, um laço negro... e um casaco claro cheio de botões.

Pois bem, êsse jovem chamava-se Raphael Bordalo Pinheiro... e o seu casaco de trinta botões fazia furor em todo o Brasil.

Sim, que esta fotografia foi tirada no Brasil—e ficou a perpetuar a pitoresca e extraordinária República das Laranjeiras, constituída pelos melhores humoristas de então.

Tudo isto se passava... em 1875. A república das Laranjeiras tornou-se célebre, de facto—pelo menos, tão célebre como o casaco de Bordalo Pinheiro...

Boémios inteligentes e ricos, êles davam-se ao luxo de exhibir no seu palacete as mais belas mulheres que passavam pelo Brasil. Ah! a mocidade desse tempo!

Raphael Bordalo Pinheiro fôra recebido em plena glória. Entusiasmados, os brasileiros, acolhiam-no numa apoteose triunfal.

E êle, artista, primava por manter a sua personalidade: usava sempre calça de duraque cor de ganga, rabona de pano, bengala à pome d'or e—segundo os cronistas—tinha as gavetas tão cheias de roupa que, durante um ano, os seus companheiros vestiram apenas... as camisas dêle...

Essa república das Laranjeiras—foi somente um episódio na vida de Raphael Bordalo Pinheiro. Marca, porém, uma época essa mesma vida. E por isso a recordamos, numa homenagem sincera ao talento excepcional daquele que mais originalidade soube dar à arte portuguesa...

Bordalo Pinheiro fundara, com Guerra Junqueiro e Luís de Andrade, a Lanterna Mágica, indubitavelmente o primeiro grande jornal português de caricaturas. A Lanterna Mágica fôra um êxito artístico e literário enorme, mas fracassou financeiramente. E êle, o obreiro, vira-se, de repente, transformado num mísero amanuense da Câmara dos Pares...

Ah, não, Bordalo Pinheiro nunca poderia suportar as grillhetas da Câmara. E num sonho grande embarcou para o Brasil...

...Depois, veio a idéia da república das Laranjeiras, com as suas irreverências e os seus escândalos, os seus arrojados e as suas excentricidades...

Foi assim, numa das reuniões, regada pelo belo champagne espumante e pelos sorrisos de lindas mulheres, que se pensou no Besouro, tendo a colaboração literária de José do Patrocínio, de Lopes Trovão e de Artur Azevedo, então príncipes das letras brasileiras.

Para falar de sucesso do Besouro junto do público—basta dizer que os

exemplares do jornal eram disputados a murro e que o nome de Raphael Bordalo Pinheiro passou a ser um pesadelo para aos velhos senadores da Câmara Conservadora.

Certo dia, um desses senadores, político de discutido mérito, não pôde refrear a sua ira por se ver alvejado no Besouro. E em plena Câmara voltou-se para a presidência e lembrou que se o Brasil acolhia os portugueses, vindo, pobres e famintos, com jalecas de briche de trinta botões e lhes dava trabalho e pão—não era para que êsses mesmos portugueses abusassem da sua hospitalidade, troçando dos vultos mais destacados do país.

...Dois dias depois, Raphael Bordalo Pinheiro apareceu na Rua do Ouvidor, a principal artéria do Rio de Janeiro, envergando um espantoso casaco de mescla azul e branco e abotoado... com trinta grandes botões!

Era a sua resposta. Desde êsse momento, o casaco de Bordalo Pinheiro ficou célebre—e marcou o apogeu do génio satírico desse homem que até ao fim da vida foi um trabalhador incansável e a quem o povo português deve o mais perfeito dos símbolos: o Zé Povinho!

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

PARA melhor facilitar o serviço e orientar o público, a Estação de Correios e Telégrafos dos Restauradores tem, em cada «guichet», um dístico de vidro com a indicação «selos», «registos», «correio aéreo», etc., etc.

Até aqui muito bem. Mas repare-se no caso bastante curioso que me aconteceu esta tarde: queria registar duas cartas, uma para a Inglaterra, via normal, outra para o estrangeiro, via aérea. Pois bem. Procurei o «guichet» que tivesse o dístico «registos» — e encontrei-os. Digo encontrei-os, no plural, porque havia dois. Naturalmente, procurei aquêles que tivesse menos gente e pus-me na «bicha». Um quarto de hora depois, chega a minha vez. Então, o empregado responde-me apenas: «Se é registos é no «guichet» ao lado». Quiz saber a razão: «Depois das 5 horas, êste «guichet» não aceita registos».

Pergunto: então se não aceitam registos porque conservam o dístico e forçam o pobre do público a longas esperas?

Mas a odisseia não estava ainda terminada. Passo para a «bicha» do outro «guichet» que era, aliás, bastante respeitável. Vinte minutos depois chega a minha vez. Registo a carta para a Inglaterra, mas a outra, a do correio aéreo, não a aceitaram. Porque? Porque não era ali, mas sim no «guichet» n.º 5.

Resumindo, perdi uma tarde inteira a saltitar de «guichet» para «guichet».

C. LOPES — Av. António Augusto de Aguiar, 122

Novamente, sem aviso prévio, faltou a água em minha casa, precisamente à hora do almoço. O que devo fazer para que a Companhia tenha mais consideração pelos pobres dos consumidores?

A. CASTRO — Rua Alves Correia, 15.

Em nome de um grupo de moradores de Algés, povoação de 11.000 habitantes, como a liberdade de pedir à Sociedade Estoril que o combóio n.º 717, que nos dias úteis parte do Cais do Sodré às 20 horas, passe a ter paragem naquela localidade. Do pequeno atraso de 1 minuto que êle sofreira com isso, nenhum prejuízo, julgo eu, adviria para a referida Sociedade, e grande seria o benefício de tal modificação para as pessoas que ali residem e que habitualmente utilizavam o combóio das 19,50, suprimido quando da última remodelação do horário.

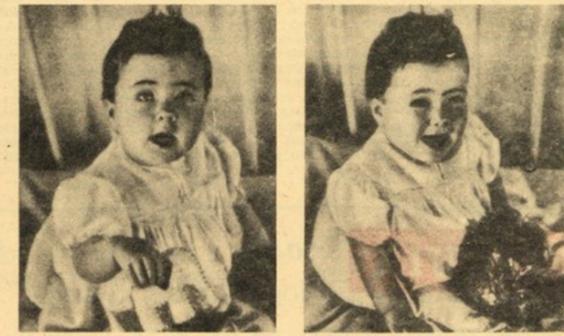
O combóio anterior ao das 20 horas parte do Cais do Sodré às 19,33, demasiado cedo, portanto, para os que trabalham longe da estação em estabelecimentos cuja hora normal de encerramento é às 19 horas.

Poderá objectar-se existirem carreiras de eléctricos para Algés, de 10 em 10 minutos, que poderão ser aproveitadas por quantos não consigam utilizar o combóio das 19,33 e não queiram esperar pelo das 20,23. Mas do que são os eléctricos nesta época anormal em que vivemos, e do maritimo a que é condenado quem não obtenha lugar dentro dêles e se veja forçado a viajar comprimido numa plataforma como sardinha em tigela, durante cerca de 1 hora de trajecto, não vale a pena falar, porque todos o sabem.

Não creio, porém, repito, que a Sociedade Estoril sofra qualquer prejuizo com 1 ou 2 minutos de atraso que o combóio n.º 717 tenha com a paragem de Algés, antes lucrará com isso, pois é bom não esquecer que, de toda a linha de Cascais, é Algés a estação que tem, ordinariamente, maior movimento de passageiros.

H. COSTA — Rua do Mestre de Avis, 11 — Algés.

O BÉBÉ E O RELÓGIO...



O fotógrafo fixou estas quatro belas expressões de um lindo bebé da nossa cidade. O bebé olha, o bebé pensa, sorri e gargalha. Alguém, diante dêle, lhe mostra um relógio. O relógio oscilava, prêso pela corrente de ouro. Tique-taque, tique-taque... E o bebé deixa de brincar. Os seus olhos bonitos poisaram no relógio. Surpresa. Medo. Há inquietação nas finas linhas do seu rosto. Depois, o tique-taque, tão suave, tão igual, fizera-o sorrir. E o bebé ri e gargalha; feliz, muito feliz. Que bom é ser bebé para sentir a felicidade com pequenas coisas!...

GATOS DE LISBOA



JÁ não nos lembramos a quem pertence a frase, mas ela tem verdade absoluta: Lisboa é a cidade dos gatos!

Isso mesmo. Sobretudo, nesse último mês que passou, os gatos encheram as noites de nuances nostálgicas e profundos.

Janeiro pertence aos gatos—é o mês dos seus amores e das suas aventuras, dos seus romances e das suas tragédias.

Contudo, durante o ano inteiro, Lisboa tem o privilégio de apresentar aos forasteiros os seus gatos de todos os tamanhos e de todas as raças.

Quem não se lembra da Maria Rita, a mais venerável mãe dos gatos?

Sim, a Maria Rita que morreu a rir, a rir muito—quando lhe vieram contar a pitoresca partida que a sua vizinha e rival Maria Cachucha sofreu de certo gato de estimação, que a própria Maria Cachucha lhe tinha roubado...

Não nos parece, portanto, exagerado o amor que os lisboetas dedicam aos seus bichanos.

Aliás, os gatos têm renome nas páginas da história universal.

Remontemos ao Egito—a êsse Egito milenário, que hoje tentamos em vão imi-

tar, na sua civilização avançadíssima. Em Thebas, a deusa era personificada numa gata—assim como gata, também, era a deusa de Bubastis. E, depois, entre os povos antigos—o senhor gato de largas bigodas e de olhar sonhador, poético, foi sempre um «cavalheiro» muito respeitável...

Nos tempos mais modernos, êle teve a adoração de grandes vultos nas letras, tais como Vitor Hugo, Baudelaire, Gautier—para não falar já no Cardinal Richelieu, que possuía em sua casa uma verdadeira família de «Angorás».

E não conhecem aquela célebre história de duas gatas, contada pelo extraordinário narrador que se chamou Pierre Loti? Pois perderam algumas das suas melhores páginas de poesia em prosa...

Por isso—não nos admiramos, repetimos, da idolatria que o povo da capital tem pelos seus gatinhos.

Lisboa é bem a cidade dos gatos! Êles simbolizam os bairros em que vivem. Gordos, anafados, de laçarotes espumantes, de bonitas guiseiras—os das Avenidas Novas. Vãdios, bulhentos, mostrando o dente aos estranhos, arranhando aquêles que lhes são pouco simpáticos—os de Alfama, da Mouraria e da Madragoa. Embasbacados, pensativos, mandriões, gostando de se estireçar ao sol, olhando as gatas que passam—os do Rossio e do Chiado. Assanhados, bairristas, não tole-

rando o domínio dos gatos rivais—os de Alcântara. Poéticos, elegantes—os do Arieiro. E assim por diante. Cada bairro com os seus gatos...

Há reliquias que Lisboa não esquece. Aí vos oferecemos duas delas, leitores amigos. Um desses gatos foi já proclamado rei dos «Angorás»—valendo uma fortuna, uma verdadeira fortuna. Quereis saber quais os seus alimentos? Bifes de vitela, filetes de pescada, sopinhas de leite, caldos de farinha...

O outro—o outro... basta que se diga o seu nome: D. Beltrão de Figueira. Eis o gato predilecto do dr. Júlio Dantas, o gato que foi seu companheiro de serão no trabalho de algumas das melhores páginas dos livros do insigne académico.

Ah! gatos de Lisboa—quantas lendas não seriam necessárias para vos consagrar?!...

E lembramo-nos agora do sonho que alguém teve: igualar Lisboa, com os seus gatos—a Venesa, com os seus pombos!

Simplemente, a nós, parece-nos que há nisto uma pequena diferença: «os gatos são capazes de comer as pombas». Nada mais...



A batalha da testa de ponte

A 22 de Janeiro a batalha de Itália, que se tinha estabilizado praticamente desde Novembro, após o norte dos cursos do Garigliano e do Sangro, pareceu sacudida por golpes prenunciadores de novos cometimentos: o general Alexander fazia desembarcar elementos do 5.º exército, do comando de Clark, na zona ao sul de Roma, em Anzio e Nettuno. O exemplo de Salerno — onde o desembarque se revelara, na sua fase inicial, mais custoso, mas que pudera, finalmente, fixar-se — estava ainda recente e logo se deitaram cálculos de que a frente inimiga, firmada principalmente no nó de Cassino, aluiria — que era desde logo a batalha pela posse de Roma que ia começar. Vários comentadores puseram já a diferença entre os desembarques de Salerno e de Nettuno. A diferença subsiste: agora, a frente estabilizada não se quebrou e o grosso dos exércitos aliados não pôde ocorrer a juntar-se, com a prontidão precisa, aos elementos desembarcados na vanguarda. Estes, por seu turno, embora o terreno lhes seja mais fácil, não dispõem de meios precisos para romper o fluxo de socorros alemães — chegou a referir-se que Kesselring pusera em linha dez divisões — nem dispõem de espaço suficiente para manobrar à vontade. Em face da resistência alemã, o comando aliado decidiu empenhar-se na tarefa de resistir, para manter a todo o custo a testa de ponte com tanta felicidade conquistada. Em vez da batalha pela posse de Roma, era, verdadeiramente, uma batalha de prestígio a que se travava.

Cada pormenor da guerra tem de ser visto, com efeito, no conjunto da própria guerra. E, a uma data em que já se considerava imminente a grande operação que levasse à invasão da Europa pelo oeste, não podia deixar de seguir-se com a maior atenção quanto ocorresse na testa de ponte de Nettuno. Um malgrado desse desembarque logo faria, na verdade, que se indagasse: quem não fosse capaz de efectuar e manter em condições um desembarque de escala limitada poderia tentar operação de natureza similar mas em muito maiores proporções? Em Londres deu-se conta da situação. Um comentador do «Daily Mail» pôs o problema em termos a que não faltou certa aspreza: «O resultado da batalha de Nettuno pode decidir se a vitória é ou não possível este ano, pois que, se fosse desfavorável às armas anglo-americanas, a segunda frente poderia ter de ser retardada por alguns meses».

Els posta em toda a retazada a concepção da batalha de prestígio. O comando aliado deu-se conta da importância do pormenor e, à mingua de terreno para manobrar à vontade e de forças suficientes desembarcadas para impôr a razão do predomínio local, fez falar a sua hegemonia em forças aéreas e fez entrar em acção, com bombardeamentos intensos, o seu poderio naval. À custa destas intervenções, a frente terrestre manteve-se, suportando terríveis contra-ataques alemães. O general Clark, numa das suas ordens do dia, lembrou aos seus soldados que o que mais interessava não era uma polegada de terreno perdida ou conquistada. «O objectivo da luta», disse ele, «é aniquilar o inimigo». A densidade de fogo, por isso, atingiu proporções quasi sem medida. Para uma área limitadíssima, as bocas de fogo em posição eram em número elevadíssimo. Hitler, disse-o um telegrama expedido de fonte neutra, fizera expedir um correio com ordens incisivas às suas tropas para que desalojassem os anglo-americanos e os fizessem retroceder para o mar. Todos compreendiam e confessavam, pela eloquência dos actos, a importância da batalha.

A dois passos de Roma, o lance é decisivo. A ocupação da capital italiana não será fundamental sob o ponto de vista militar — pode mesmo dizer-se que é de importância mínima. Mas a sua significação moral e política é de uma transcendência que se pode com relativa facilidade entender. Era a primeira capital europeia reconquistada. Era, principalmente, símbolo de um dos dois polos do Eixo que se fracturava, isto ao tempo em que Berlim continua a ser repetidamente sujeita ao mais duro bombardeamento. Roma e Berlim são, compreensivelmente, dois objectivos essenciais: Roma para as forças estabelecidas na Itália; Berlim para os que se não afastam da concepção de que os martelamentos aéreos são o preparo preciso para que se desmorone todo o edifício da resistência.

J. R. S.

TURQUIA

Inonu, Chefe de Estado e jogador de xadrez...

A política é um grande taboleiro de xadrez, em que as figuras se movem conforme o vento as vai tocando. Talvez por isso, as figuras são irrequietas e, às vezes, também põem pé em falso. Não é o caso da Turquia nem do seu Presidente Ismet Inonu, um grande Chefe de Estado que com honra tem conseguido manter o seu país fora da guerra, não obstante estar geograficamente encravado no ponto vital da contenda. Cuidadosa e sábilmente, a Turquia tem aumentado o seu poder bélico — não para fazer a guerra, mas para dela se defender.

Entretanto, e já que os complexos do jogo político não são revelados ao mundo, o mundo contenta-se

em saber que há um outro jogo — o do xadrez — em que o Presidente Inonu é menos reservado. Toda a gente, de facto, sabe que Ismet é um arguto e inteligente chefe político — mas poucos saberiam que ele, longe das preocupações de Estado, é um entusiasta jogador de xadrez. A foto que ilustra este artigo é por demais eloquente, pois reflecte o grão de intimidade em que foi feita. Ismet Inonu debruça-se sobre o tabuleiro de xadrez e talvez porque a arte xadrezística tem muita semelhança com a arte da guerra.

Ao lado do Presidente da República, sua esposa enfia um laçarote nos sapatinhos de lá que o marido à noite irá calçar...



ITÁLIA

Homens e valores que o tempo leva

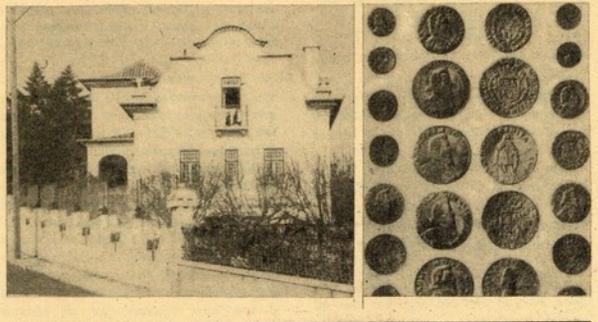
O tempo, a guerra, os maus instintos dos homens levam o mundo à destruição. Já se disse e escreveu que será preciso um século para restaurar os destroços que esta guerra tremenda está a produzir. Entretanto, na viagem, vão-se valores que jámais serão recuperados. Não são só as vidas humanas destruídas ou levadas para a dispersão. O drama italiano, um drama que as nações latinas sentem melhor que quaisquer outras, porque em todas corre o mesmo sangue — depois do drama francês, veio colocar na alçada da destruição muitos valores em vidas e em coisas. Não são unicamente as vidas dos soldados mortos, invalidados ou aprisionados. As grandes figuras da política italiana dispersaram-se pelo mundo, como aconteceu a Edda Mussolini, Alfieri, Dino Grandi — cuja casinha branca e sossegada na linha do Estoril reproduzimos na foto — estilharam-se contra o fogo da metralha inimiga, como aconteceu com Clano, De Bono e tantos outros; procuraram a morte como acto redentor, como aconteceu a Virgínio Gayda.

E tantos, tantos outros que o

tempo há-de reduzir a pó e a História à sua função histórica. Entretanto, já se sabe: o homem nasceu para morrer. A sua missão, como a sua passagem na terra, é transitória e renovável.

Mas as coisas, cuja missão se reveste às vezes de eternidade? Como poderão regressar à sua função de mensagens de épocas, se foram dispersas e destruídas?

O rei Vitor Manuel, nas horas calmas, foi sempre um apaixonado coleccionador de moedas italianas. E, nos tempos mais acidentados da sua vida, nunca se esquecera de velar pela sua riquíssima colecção, que constitue para a Itália um tesouro inestimável, reflexo vivo de toda a história peninsular. Pois essa valiosíssima colecção nomistática, que havia sido devidamente embalada numas trinta caixas seguríssimas, acaba de ser descoberta pelos alemães que a entregaram aos neofascistas. Da colecção existe uma reprodução magnificamente ilustrada, obra editada por Hoepli, de Milão. A foto que damos ao lado é a reprodução de uma página desse álbum precioso.



SUÍÇA

Contra o mercado negro

Por toda a parte, o mercado negro alastra — o que significa não ser produto exclusivamente nacional...

Na Suíça, onde os tentáculos desse polvo galvanizam, tomaram-se medidas proclamadas judiciosas, afin de assegurar, pela acumulação de reservas de respectivo racionamento, uma distribuição equilibrada de víveres. Entretanto, até ao fim do ano passado, até ao fim do ano passado, as autoridades suíças ocuparam-se de cerca de 10 mil infracções às prescrições da economia da guerra — e todas elas se referem, quasi exclusivamente, ao mercado negro. Esta expressão, que se internacionalizou com a guerra, significa, na Suíça, comércio sem cupões, comércio sem autorização, de mercadorias racionadas, tráfico de títulos de racionamento — verdadeiros ou falsificados — e, ainda, dissimulação de mercadorias submetidas a «contrôles».

O Departamento Federal de Economia Pública, criou, para combater esta seta misteriosa, uma secção especial que funciona em colaboração estreita com a polícia dos cantões e das comunas, com a polícia do exército e das alfândegas, com as entidades fiscais e a ajuda dos bons cidadãos.

Uma dúzia de inspectores especializados percorrem o país acompanhados de um corpo de polícia cantonal, para proceder a investigações. Para isso, têm às vezes que usar de processos subtils, pois a cartilha dos componentes do mercado negro é vasta, complexa e cheta, por sua vez, de subtilidades: uma boa cartilha onde se ensina a arte de enganar o próximo...

Para isso, apresentam-se como interessados nas transacções do mercado negro, muitas vezes aparecendo como agentes provocadores — não obstante este processo ser contrariado pelo Conselho Federal.

O mercado negro é, de facto, uma espécie de sabotagem do racionamento e constitui um atentado à economia nacional, provocando a alta dos preços e a desordem social.

O caminho da mercadoria é longo e doloroso, até ser consumido: do traficante profissional, passa aos intermediários e só depois de ter passado por numerosos tubos de desvio, chega enfim aos pobres — ou ricos? — consumidores.

Na Suíça, 88 mulheres, durante o ano passado, foram punidas pelo mesmo crime: vendiam no mercado negro e passavam cupões falsos...

Segundo dizem os jornais estrangeiros — nada é sagrado! — as apreensões subiram a 5 mil quilos de açúcar, 1.300 litros de azeite, 1.100 quilos de massas, cerca de 1.000 quilos de arroz, alguns centos de quilos de café, manteiga, farinha, e dois ou três centos de barras de sabão...

Diante de um tamanho aprovisionamento — hein! — até dá vontade de pertencer ao mercado negro... suíço!

Damos na foto dois cupões de açúcar: o do alto é falso e o de baixo é o autêntico. Foi obtido por meio de letras de água, desenhadas sobre o papel.





O problema dos transportes na invasão da Europa

SEGUNDO um telegrama de Estocolmo, os círculos militares alemães parecem estar convencidos de que a grande ofensiva aliada para o estabelecimento da Segunda Frente está prestes a ser desencadeada.

Baseia-se esta opinião na notícia divulgada pelos observadores dos aviões de reconhecimento germânicos de que estão concentrados em determinados pontos da costa da Inglaterra mais de 1.000 navios e elevado número de barcas de desembarque.

Este telegrama, embora bastante elucidativo no que diz respeito ao número de navios concentrados para o transporte das forças invasoras, deixa em claro, como não podia deixar de ser, uma infinidade de pormenores numéricos que explicam mais cabalmente o que significa o transporte das forças militares necessárias para uma empresa de tal envergadura.

Como se sabe, uma invasão anfíbia do género daquela que tem de ser tentada para o desembarque no litoral europeu, implica a conquista duma testa de ponte que sirva, simultaneamente, de ponto de partida e de apoio para os empreendimentos terrestres que se seguirem. Para tal fim, necessário se torna desembarcar uma força armada capaz de agüentar os primeiros contra-ataques do adversário, e, não será demasiado supôr que, numa operação tão dispendiosa como esta, a primeira vaga de invasão exija um contingente de três a cinco divisões — duas divisões motorizadas e três divisões de infantaria motorizada.

Ora, fazendo contas, à composição duma divisão do exército americano — em homens, material e abastecimentos — teremos, aproximadamente os seguintes números: 300 a 700 aviões, 200 canhões anti-tanques, 100 peças de artilharia, 80 morteiros, 2.800 metralhadoras, 25 a 35 navios, 10 locomotivas, 250 vagões de caminho de ferro, 480 tractores, 400 tanques, 200 motocicletas, 1.803 camiões, 930 carros blindados, 330 metros de pontões, 1.233 membros de batalhão médico-sanitário, 40 ambulâncias, 130 cozinhas de campanha, 250 toneladas de víveres e água potável por dia e 720 toneladas diárias de carburantes e munições.

Por muito impressionantes que pareçam estes números, é preciso, todavia, não esquecer que eles correspondem apenas ao equipamento utilizado por uma divisão, a qual não é mais do que uma pequena porção da força armada a desembarcar para semelhante aventura. Consequentemente, dever-se-ão multiplicar os números atrás citados, pelo menos, por cinco, afim de esta-

belecer a verdadeira proporção. Mas, mesmo assim, os Aliados só poderão contar com uma força expedicionária de 100.000 homens, ao passo que os alemães terão, na Europa, alguns milhões de soldados, germânicos ou satélites, para lhes fazer frente.

Na invasão propriamente dita, o maior problema não está na conquista da testa de ponte nem tão pouco na sua consolidação contra as arremetidas das forças que defenderem o litoral. Estas duas fases da invasão dependem, principalmente, da surpresa, da boa organização e da dureza dos primeiros recontros. Deste modo, o transporte, em navios, de toda esta carga móvel constitui a principal incógnita para o êxito da operação.

Dito isto, acrescenta-se que é nitidamente impossível levar a bom termo uma invasão anfíbia desde que as forças atacantes não tenham à sua disposição um pórtico de mar com docas, guindastes e vias férreas nos cais. Por conseguinte, a testa de ponte a escolher deverá conter, como requisitos essenciais, além duma praia arenosa e em declive para os primeiros desembarques, um pórtico onde seja possível acomodar navios de grande calado e um aro-pórto que possa ser utilizado pelos aviões pesados.

Uma vez alcançados estes três objectivos durante o primeiro assalto, a consolidação e a defesa da testa de ponte ganham importância, porque será nesse intervalo que se efectuará o desembarque do grosso

das forças invasoras; e, se partirmos do princípio de que tudo correu bem para os atacantes, estes terão, no entanto, de contar com a inutilização pelo inimigo, antes da retirada, dos guindastes e dos vagões, e o afastamento do local de desembarque das locomotivas que anteriormente faziam serviço no pórtico, ao passo que o fogo da artilharia naval atacante terá destruído os armazéns e as vias férreas do cais.

E por este motivo que entre os primeiros desembarcados costumam seguir, em operações semelhantes já realizadas em Itália e no Pacífico, as brigadas especiais de reparação incumbidas de repôr tudo em condições no mínimo espaço de tempo possível. E como vimos que cada divisão traz consigo 250 vagões de caminhos de ferro e 10 locomotivas, estas começam a ser descarregadas logo que os guindastes recomeçam a funcionar. O mesmo acontece com os camiões, tractores e guindastes e oficinas de reparação portáteis, além de muitas outras coisas mais pequenas mas igualmente indispensáveis, tais como purificadores de água, material telefónico e toneladas e toneladas de mantimentos de toda a espécie.

Contudo, a descarga também não pode ser considerada tarefa fácil, porque a população dos países ocupados, se bem que simpatizantes e, provavelmente, disposta a colaborar com o invasor terá sido evacuada ou mobilizada, à força, pelos defensores; logo, serão as companhias de estivadores especializadas que, depois de terem recebido intensivo treino antes de embarcar com os combatentes, desempenharão essa missão sob uma chuva de bombas.

Eis, pois, traçado o quadro provável do início da invasão da Europa. Onde e quando será desencadeada? Por hora, estas duas perguntas continuam sem resposta, mas os alemães falam nela como sendo realizável e isso já é alguma coisa... No que diz respeito à facção aliada, não queremos terminar sem de novo chamar a atenção para o facto: os dados a que aqui fizemos referência não são mais do que uma pequena parcela das forças de desembarque necessárias para as testas de ponte a estabelecer no continente europeu para que a 2.ª frente deixe de ser um eslogão para se transformar numa realidade esperada há quasi três anos.

Para se obter as verdadeiras proporções desta operação que será, talvez, o maior acontecimento militar da II Guerra Mundial, não é disparatado, repetimos, multiplicar tudo isto por dois, cinco ou mesmo dez!...

FRANÇA Milau, capital das luvas

NA França, onde o frio chega a passar muito além das conveniências humanas, existe agora mais um novo problema: onde arranjar luvas de cabedal?

Os homens, principalmente, têm enorme dificuldade em encontrar luvas de pelica, forradas, confortavelmente, de pelo de coelho. No entanto, o comércio de luvas é livre — simplesmente a produção não chega para as encomendas estrangeiras.

Eis a explicação fornecida, perante



os reclamantes, por um membro do governo de Vichy:

«Temos necessidade de divisas, para obter do estrangeiro alguns produtos de compensação. Ora, a indústria das luvas francesas, à qual podemos chamar a nossa ourivesaria de couro, gozou sempre, nos outros países, de magnífica reputação. As luvas francesas, são um dos raros produtos da nossa indústria que podemos exportar ainda. Se, portanto, for necessário que vendamos ao estrangeiro toda a produção das nossas fábricas de luvas, nós as venderemos. Porque nós temos nela uma moeda de câmbio extremamente rara».

Perante os factos, a França curva-se e desiste de usar luvas, enquanto as fábricas de Milau, considerado o grande centro luveiro, continua a produzir mais e cada vez melhor — porque de Milau saem quasi exclusivamente artigos de luxo.

Antes de 1939, a luvaria francesa era uma das mais importantes fontes de exportação. Hoje, a indústria, mercê das conhecidas e suspetadas condições criadas pela guerra, há grandes dificuldades. Por isso, mais do que nunca, a necessidade de aproveitamento de pequenos pedaços de peles se tornou indispensável. É que a «França tem na sua luvaria uma preciosa moeda de permutas...».



DE PONTO... EM BRANCA

NÃO fazemos as protocolares apresentações porque todos a conhecem com certeza — pelo menos de nome. Na verdade, quem há, por aí, que não conheça a dr.^a Branca Rumina, médica ilustre, oftalmologista não menos ilustre, espírito de invulgar cultura e — ou ela não usasse saias — uma intrépida conversadora. Pelas tardes, terminada a sua consulta, aparece pelas livrarias do Cbiado, passa com o nariz e com os óculos sobre os últimos volumes aparecidos, e detém-se seguidamente a conversar com as pessoas conhecidas. As mulheres falam muito. Diz-se que o velho marquês de Viana esteve dois anos sem falar à marquesa — para a não interromper. Entretanto, quando as mulheres falam, com graça e com espírito, têm significativas atenuantes. É o caso de Branca Rumina. Anda ao facto de tudo. Interessa-se, não apenas pela última clinica, — mas pela última moda política ou literária. Como especialista de doença de olhos — não lhe falta golpe de vista. Apesar de se chamar Branca — nunca está em branco. Além disso, não lhe falta «verve». Ainda, há dias, ao encontrar um colega perguntou-lhe:

- Então tem tido muito trabalho?
- Nem imagina, minha boa amiga. Com a gripe não paro. Presentemente os doentes matam os médicos...
- Logo Branca Rumina, rindo por trás dos óculos:
- É a vingança, dr....
- Não sabemos se isto foi assim, mas podia ser!

À MANEIRA DE ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

no «Elogio da Monarquia»

Elogio a Monarquia
Porque a verdade contém:
Dizer bem é a Alegria
Duma pessoa de bem.

Elogio a Monarquia
Que é doce como ninguém:
Sabe a rosa, a malvaia,
E eu gosto do que ela tem!

Monarquia, que Deus mande,
Já na Grécia se escrevia
Com um M muito grande...

.....
Mas agora, bem pensado,
Dizer bem da Monarquia
É quasi um golpe de Estado!

COMPRA E VENDA

O meu amigo Carvalho Henriques — que oscila entre o filósofo e o diplomata — enviou-me, há tempos, um livro seu: *Vendedores e compradores*. Só agora me foi possível lê-lo. Trata-se dum volume, aliás bastante curioso, em que o seu autor procura definir as grandes linhas da arte, cada vez mais complexa, de comprar e vender. É fora de dúvida que a Arte da Venda tem os seus preceitos como a Arte da Compra. Para se ser um bom comprador ou um bom vendedor é necessário estar ciente desses preceitos, que são múltiplos. Carvalho Henriques, com grande riqueza de pormenores, põe-nos ao facto do que é preciso fazer para saber comprar — e do que é preciso fazer para saber vender. Tudo está certo nos seus postulados. Ainda ontem o constatei. Quis comprar um par de luvas. Peguei no livro de Carvalho Henriques, disposto a seguir as suas indicações, e dirigi-me a um luveiro. Qual não é o meu espanto quando o luveiro, vendo-me com o livro, abriu a gaveta e tirou um livro igual. Eu abri no capítulo «Quando o comprador procura o vendedor»; ele abriu no capítulo «Quando o vendedor atende o comprador»; — e os argumentos surgiram de parte a parte, eu pretendendo obter um excelente par de luvas por o mínimo preço, o luveiro procurando impingir-me um par de luvas ordinárrissimo por uma fortuna. Lêmos os dois capítulos de fio a pavio; entrámos pelos outros capítulos; acabámos por percorrer o livro todo; e ao fim de duas horas de réplicas e controvérsias, conforme mandam as regras do volume, atingimos, como era de esperar, o almejado acórdio: eu comprei a luva da mão direita e o luveiro ficou com a da mão esquerda...

Grande arte, esta de comprar e vender, meu caro Carvalho Henriques! Obrigado pela lição.



ROSA ARAUJO E O «DANCING»

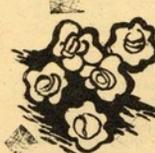


Luiz Teixeira, ilustre vereador da Câmara Municipal de Lisboa, na última sessão da Câmara, protestou contra o facto de ter sido dado o nome de Rosa Araujo — grande benemérito da cidade — a um «dancing» alfacinba. Terá razão Luiz Teixeira? Razão jurídica não terá, segundo uns, porque não há qualquer disposição legal que permita à Câmara coagir um comerciante a mudar o nome do seu estabelecimento; razão intelectual não terá, segundo outros, porque, tendo sido Rosa Araujo um espírito aberto a todas as conquistas progressivas, não teria ele próprio dúvida, se visse boje, em ser o proprietário dum «dancing» da moda... Pela nossa parte, julgamos que Rosa Araujo se soubesse do caso diria apenas:

— Honny soit qui mal y dancing!

cabecitas loucas não se amam como as outras cabeças? Ou baverá uma arte de amar cada cabeça feminina conforme o seu maior ou menor juízo? Perante estas interrogações, de complicadíssima resposta psicológica, o mais fácil é ainda amar uma mulher — sem cabeça...

AS «ROSAS»



Já tivemos no teatro a Rosa Enfeitada e a Rosa Tirana. Vamos ter a Rosa cantadeira. E sabemos que Xavier de Magalhães, Amadeu do Vale e Lourenço Rodrigues estão escrevendo com destino ao Avenida uma grande opereta cuja acção gira em volta duma das nossas mais conhecidas e estimadas figuras de teatro. Título: Rosa... Mateus!

ESPELHO DE AGUA



Um cavaleiro de «mocking», sob um casaco escuro, chapéu às três pancaçadas, caminhava em zigue-zagues, na rua da Junqueira, às duas da manhã. Nisto, um vulto aproximou-se e perguntou-lhe: — O «Espelho de Agua» ainda estará aberto? — Sei lá... — respondeu o cavaleiro. — V. Ex.^a não vem do «Espelho de Agua»? — Venho. Venho do Espelho de Agua-Pé... E não sei mais nada...

«ARTE DE AMAR UMA CABECINHA LOUCA»



Sousa Costa, romancista da velha guarda, publicou agora um romance — «Arte de amar uma cabecinha louca» — em cujas páginas se afirmam, mais uma vez, as eminentes qualidades literárias do seu autor. O livro lê-se do princípio ao fim com o vivo interesse com que se lêem todos os livros felizes. Mas — perguntar-se-á — existirá, de facto, uma arte especial para amar as cabecitas loucas? Então as

UM TRIO NOTÁVEL



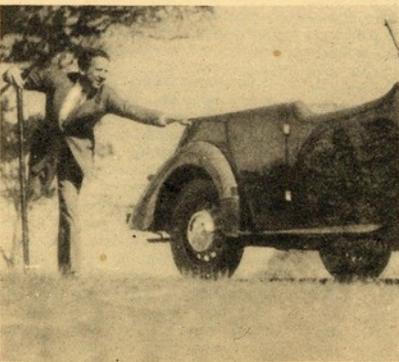
O jornal donde recortamos esta curiosa fotografia não nos diz se estamos em face de três infelizes vítimas do racionamento, ou de três açambarcadores ou, simplesmente, se são três sócios do «Clube dos 100 Quilos», essa curiosa instituição onde os gorduchos se reúnem para tratar de questões inerentes ao seu estômago, como seja organizar jantares, almoços, «pic-niques» e outras festas similares, e que conta nada menos do que cerca de 250.000 associados, ou seja um total de 30.000 quilos, fazendo o cálculo de 120 quilos por cada cabeça.

O PEIXE SUBSTITUE O DINHEIRO

EXISTE, no território de Alaska, uma pequenina cidade de nome Betel, que seria desconhecida de todo o resto do mundo se não fôsse o seu cinema. Não se pense, porém, que se trata de algum cinema especial, muito grande ou muito pequenino, muito pobre ou muito rico. Pelo contrário: é um cinema vulgar, em tudo igual aos cinemas de todas as pequenas terras do mundo. O que lhe tem de extraordinário é a «moeda» que circula, o peixe, o dinheiro porque se compra um bilhete. Mas explica-se: como os clientes do cinema são, na sua quase totalidade, esquimós e a fortuna dos esquimós consiste no peixe, o dono do cinema resolveu trocar um bilhete de platéia por um peixe fumado de dimensões médias.

A «receita» do cinema é, depois, revendida pelo empresário aos donos de cães de trenós que, como se sabe, têm como principal alimento o peixe...

É capaz de fazer isto?



Este é o bailarino Joyce, o bailarino que só tem uma perna... Quando qualquer outro homem se sentiria «líquidado para sempre» se tivesse tido esta infelicidade, Joyce, pelo contrário, cheio de força de vontade, conseguiu vencer a desgraça,

SABEM QUEM FOI PESTALOZZI?...

EM 17 de Fevereiro de 1827 — passou agora mais um ano — morreu esse homem notável que se chamou Henrique Pestalozzi depois de toda uma vida dedicada aos problemas da educação.

Orfão muito cedo, Henrique Pestalozzi recebeu, de sua mãe, ternura, lições de bondade e de amor que, para sempre, lhe ficaram gravadas na alma. Do avô paterno, pastor evangélico de uma aldeia próximo de Zurique, aprendeu a amar a Natureza, a vida simples.

Um pouco mais de vinte anos, já saía à rua a lutar pelos oprimidos, enquanto, ao mesmo tempo, defendia, em artigos pelos jornais, as realidades populares que estavam sendo oprimidas pela injustiça das famílias aristocráticas.

As idéias de Jean Jacques Rousseau entusiasmaravam-no. Na agricultura, no seu aperfeiçoamento, via a salvação das classes pobres e remédio para todos os males. Mas como estudar e procurar solucionar estas questões de tamanha importância? Pestalozzi não hesitou. Casara com uma mulher bastante inteligente e compreensiva. Os pais passaram a viver na herdade de Neuhoof e deram-se à exploração agrícola. Anos passados, Pestalozzi estava arruinado. Foi, então, que concebeu aquele plano admirável de transformar Neuhoof num asilo para crianças pobres, começando, assim, a sua carreira de educador, em busca de um método pelo qual o mestre ensine menos e o discípulo aprenda mais.

Mas foi, sobretudo, no orfanato de Stanz que Pestalozzi se tornou «grande». Experimentou novos processos de educação. O seu lema era este: respeito pela espontaneidade da criança, cujo desenvolvimento é de trabalho autônomo e não da natureza ou da sociedade.

Em 1803, Pestalozzi era convidado para dirigir um Instituto em Yverdon. Aqui, Pestalozzi passou o período mais brilhante da sua vida. De todo o mundo vieram alunos para aprender com ele a difícil arte de ser professor. Yverdon tornou-se como que um centro de renovação dos velhos métodos de ensino. Intrigas, receios injustificados, medo daquela revolução que se operava, fez com que o Instituto fôsse encerrado e Pestalozzi se visse envolvido em processos escandalosos em que arruinou não só a saúde mas também a sua bolsa, que era bem pobre.

Cansado, triste, mas não derrotado, Henrique Pestalozzi regressou à sua herdade de Neuhoof, ao retiro que nunca quisera vender na esperança dali poder ainda realizar a casa de educação para crianças pobres, que era todo o seu grande e bonito sonho.

Augustin Keller redigiu para o monumento do criador da escola popular e iniciador da pedagogia social moderna, um epitáfio que diz: «Aqui descansa Henrique Pestalozzi. Nasceu em Zurique a 12 de Janeiro de 1746. Morreu em Brug em 17 de Fevereiro de 1827. Prefector popular no «Leonardo e Gertrudes», salvador dos pobres de Neuhoof, pai dos órfãos em Stanz, fundador da Escola popular em Berthoud, educador da humanidade em Yverdon, homem cristão, cidadão, tudo para os outros, nada para si. Paz às suas cinzas. Ao nosso pai Pestalozzi, a Argonia reconhecida».



TRÊS NOTÍCIAS DA AMÉRICA

1. — O Departamento de Registos de Patentes, em Washington, registou a patente de um violino que tem a particularidade de só ser ouvido por quem toca.

2. — Segundo foi agora revelado, o conhecido milionário Rockefeller, morto em 1937, usava uma cabeleira postíça que lhe havia custado nada mais nada menos do que 10.000 dólares.

3. — Afim de conseguir que as

espectadoras de um teatro tirassem os seus chapéus durante as representações, o empresário mandou afixar na bilheteira o seguinte aviso: «A direção, desejando proporcionar todas as facilidades e comodidades às senhoras de idade avançada, permite que estas assistam aos espetáculos sem tirar os seus chapéus». Naquela mesma noite já não se viu uma única dama de chapéu na cabeça...

Poesias dissonantes

Rabindranath Tagore e Manuel Bandeira

A crítica moderna da poesia, chamada «compreensiva» algumas vezes por curioso eufemismo, instalaram-se com excessiva facilidade alguns dogmas a que não falta o sabor, também muito moderno, da arbitrariedade. Para isso concorreu a expansiva propaganda de doutrinas divinatórias e brilhantes como as de Bergson e do Abade Brémont, que constituiu em tese definitiva uma entidade escolástica sem razões a que se deu o título sedutor de «o mistério da poesia». Segundo ela, o privilégio da visão lírica seria aptidão excelsa e inexplicável de seres excepcionais, dotados com o poder transfigurador da realidade em puro ímpeto do sensível, sem relação discursiva de qualquer espécie com os factores essenciais que definem o homem: a influência do meio, a consciência da época, os movimentos colectivos avasaliadores, a inteligência que julga, selectiva e constroem um homem em bloco como se constroem um sistema de múltiplas coordenadas.

Por essa espiciosa série de exclusões se fundamentou um conceito de poesia que tem levado, em muitas das suas interpretações, aos erros mais palmares. O dom poético, como mistério indiscriminável, sem justificações, nem explicação complexa, seria o mesmo para todos os seres e todas as épocas — revelação prodigiosa superando as condições efémeras do espaço e do tempo. Arvorada em metafísica, esta doutrina tinha o mérito simultâneo da facilidade e da sugestão transcendental; e também o crítico podia considerar-se um imaculado, mostrando-se apto a compreender sem limitações o testemunho lírico e maravilhoso do génio.

Nada mais evidente, para contestar essa teoria do absoluto em poesia, do

que a leitura consecutiva de duas antologias agora publicadas que representam a obra de dois poetas separados por todo um hemisfério: Rabindranath Tagore, de quem a Editorial *Confluência* publicou uma colectânea, traduzida e prefaciada por Augusto Casimiro; e Manuel Bandeira, talvez o máximo fundador do modernismo brasileiro, que a *Inquérito* apresentou nos Cadernos Culturais com um longo estudo crítico de Adolfo Casais Monteiro.

Ambos os escritores — um com projecção universalista, outro mais restrito na sua cadeia férrea da língua portuguesa — preenchem na arte literária dos seus países natais as primeiras décadas deste século. Ambos nascem e derramam a sua emocionante experiência poética em países de grande exuberância naturalista, envolvendo em contágio da terra e de tudo o que viceja nela a inspiração interior do artista. Ambos fazem da sua mensagem lírica, vivida fervorosamente, o único quadro aceitável das suas obras, destinadas muito menos ao cultivo voluptuário de uma arte do que é expressão profunda dos seus respectivos universos espirituais.

E apesar disso tudo — e contra o conceito uniformizador dos apóstolos da «poesia misteriosa» — que radical diferença entre estes dois cantores sinceros do seu tempo e do seu meio! E como os seus versos, sem qualquer influência da tradução ou da originalidade formal, nos revelam com surpreendente vigor dois mundos distintos em que só uma ponte, de comunicação os liga sem restrições: a humanidade a que ambos pertencem, no mais largo sentido, que é o único real e perdurável... De dois extremos da terra, estes poetas vêm trazer à curiosidade antológica do português de hoje as suas profissões de lirismo; e se o fundamento humano é o mesmo, porque no humano são idênticos todos os homens, que distância essencial entre as formas de realidade, os conceitos espirituais, os sentimentos gregários e as místicas que Tagore e Manuel Bandeira proclamam...

Em Tagore, nesta versão inspirada pelo estro eloquente de Augusto Casimiro, adivinha-se e acompanha-se depois a manha milenária do povo indiano, percorrendo os séculos em busca das suas certezas religiosas e da sua unidade espiritual. Em Bandeira, cujo ponto de partida parmasiano e simbolista Casais Monteiro assinala muito bem, sente-se a ausência de verdadeiro passado espiritual e a fragilidade humana de uma poesia que ecoa na solidão real do poeta — porque mal ensaia os primeiros passos de uma lírica nativa, ainda muito presa à carcassa das formas verbais portuguesas, e lhe falta o imenso conteúdo espiritual de uma civilização que viveu dezenas de séculos.

Na leitura destes dois cadernos e dos apreciáveis ensaios de explicação que precedem as antologias dos poetas, tem o público português, sobretudo nas suas camadas mais jovens, valiosa fonte de conhecimento literário.

ALVARO SALEMA

A IDADE DA INOCÊNCIA DE UM ESCRITOR EPICURISTA

ANATOLE France teve, como quasi toda a gente, uma infância recatada e doce, em que não se adivinhava a longa e agitada carreira espiritual do escritor. É interessante comparar a expressão de vaga melancolia e curiosidade quieta deste Anatole menino, com a do velho encanecido que, para além dos 80 anos, presidia com as suas barbas brancas e o seu olhar de indulgência às reuniões agitadas da Villa Saïd.

Entre uma e outra idade encontra-se a admirável trajectória literária deste escritor de génio, que dotou a história do romance francês com três dos seus tipos fundamentais: Silvestre Bonnard, Bergeret e o Abade Colnard. É de os olhos imaculados da criança que parte afinal essa mesma visão destilada, relativista, apenas crente no domínio da estética, que o escritor amadurecido representou mais tarde nos seus livros — em tão bela forma e tão larga compreensão humana que o tempo não consegue diminuirlos.



Fala-se de GIRAUDOUX...



o seu autor ser já considerado escritor de grande «linha».

Giraudoux entra, entretanto, para a diplomacia e parte para a Rússia e para o Oriente. Escreve, em dois tempos, «Simon le pathétique», pequeno breviário de sensibilidade. Depois, vem a guerra, vêm as missões em lugares distantes, com Joffre e Bergson. E surge esse «Siegfried et le limousin», um compêndio de sutileza, onde se descobrem dois mundos: o alemão e o latino. Mas não é tudo. Vem em seguida esses romances de linhas imateriais e evasões por um mundo eterno: «Bella», «Eglantine», «Suzanne et le Pacifique» — e outros, tudo obras pensadas e sentidas, porque ele próprio disse: *toute pensée qui n'est pas conçue pour être exprimée tout haut, en bon français, voyez-vous cela s'appelle hypocrisie.*

Giraudoux, como ele próprio disse a um jornalista, trabalhava cerca de dois meses por ano sem horário nem programa. Quando queria trabalhar e não estava disposto, isto é, se sentia «vazio» — desistia. Não preparava trabalhos, nem preparava nada — nem mesmo à mesa. Não tinha ordem nem método. O mais que fazia era ter pena de não ter tudo isso. Mas nunca conseguiu ter um «carnet» de apontamentos. Por isso escreveu «Suzanne et le Pacifique» — quando procurava, furioso, um «Robinson Crusoe» que lhe haviam dado uma vez. Não o encontrou — e o facto conduziu-o a «Suzanne»... Ele o disse: «um escritor faz os seus livros, mesmo quando lhe falta um...»

Que pena nem todos serem Giraudoux!...

JÁ passou sobre a morte de Giraudoux mais de um mês. Mas os ecos da sua saúde e o elogio das suas virtudes ainda não se extinguiram. O escritor de Bellac — «a mais linda cidade do mundo» — morreu em Paris, exilado no seu próprio país, depois de ter percorrido meio mundo:

A Baviera, onde o havia precedido Paul Morand, a Prússia, a Austria, a Escandinávia, os Balcãs e a Itália, os mares do Atlântico, para visitar o Canadá, os Estados Unidos e o México, o regresso pelos Açores e Madeira — uma cadeia de paisagens e climas morais que lhe hão-de dar a estranha bagagem da sua obra literária.

Ainda não tinha trinta anos. Mas em Paris, no terraço de um «café», encontra um dia um editor. É Grasset, que lhe aceita os manuscritos e lhe publica o primeiro livro: «Les Provinciales». Em quatro anos, vendem-se... trinta exemplares, não obstante

O APOSTOLADO DE Guerra Junqueiro

A errada interpretação que alguns exaltados jacobinos fizeram da obra de Guerra Junqueiro é a única justificação dos juízos que por muitos anos se conservaram sobre a sua obra. Junqueiro foi sempre um espírito essencialmente religioso que se acomodaria melhor ou pior à sua declamatória filosofia do descomunal e do anímico. Parece que nem sempre eram muito verdadeiras as suas alegações de homem de polémica, atirado para o exagêro por uma mentalidade retórica e de certo modo teatral.

Contou êle certa vez a João Grave que fôra convidado para um banquete a que assistiram cinco bispos, seus amigos e leitores das sátiras da «Véliche do Padre Eterno». Das conversas que teve nessa ocasião conclui o poeta dos «Simples»:

— «Era todos ateus! Nenhum cria em Deus, nem no céu, nem no inferno. O único deista sincero que estava presente aquêle jantar era eu. E não cêcula o poder de dialéctica que tive de empregar ao café e aos licôres para converter à boa doutrina e reconduzir à vereda segura da crença os transviados príncipes da Igreja!»

Meu querido Cândido Godinho:

Disseram-me—não sei qual foi dos nossos companheiros da Brasileira—que a *Vida Mundial* ia anunciar a próxima aparição do livro sobre Eça de Queiroz, numa espécie de réclame.

Apresso-me a declarar-lhe que achei muito original Você inventar que a última obra que publicou fora recusada por três Editores...

Mas agora—se insiste na especialidade—digo sempre inventar, que o meu livro não o recusou ninguém, por uma simples razão: porque Você o tomou em primeira mão, antes de eu o compor e sem mesmo saber como o ordenaria para a Imprensa, dando, como dou, três ou quatro aulas por dia, cuidando incessantemente dos Figurões históricos da *Edições Universo*, além do grave peso das discussões de Café, de que nos levam tanto tempo, e das quais, como se sabe, depende a boa ordem do Mundo, o destino dos Povos.

Já que não conseguí encontrar-lhe nos últimos dias e tenho de dirigir-lhe esta epistola, para prevenir-me contra a hipótese de Você me dar como uma vítima de Editores que replem génius desconhecidos—a mim, que não tenho sombra de génio, mas não assombrei nunca a porta dum livreiro a oferecer-lhe qualquer malfadado original—deixe que lhe conte, a propósito de Eça, uma pequena anedota do meu tempo de Coimbra.

Suponho que Você terá reservado a minha carta para a ler à noite, aconchegadamente, junto do fogão, na doce seroada depois do jantar, em que se suportam melhor as maldoradas faladas ou escritas.

E—olha!—parece que Você vai libertar-se, atirando a anedota ao lume! Homem, não faça isso: talvez lhe sirva para a *Vida Mundial*, destacando da carta as páginas que vão seguir-se. Quem sabe?

Mas não, estou brincando: o que quero—já que estou com a pena na mão—é que Você me ature as divagações, como à mesa da *Brasileira*, quando estou em maré de falar.

Leia, leia; e atire ao fogo, de pois...

* * *

No ano lectivo de 1898-99 fui morar para os Arcos do Jardim: aí estreitei relações com J. P. T. F. Estudávamos Latim com o velho Dr. Hermano; e, porque as nossas casas avisinhavam, resolvíamos juntos, todas as noites, as dificuldades das traduções de Virgílio, Horácio e Tito Lívio.

Quanto às nossas opiniões, fora da paz imperial de Augusto, chocavam-se tremendamente em contínuos prontos dialécticos. Mas tudo costumava passar-se no domínio da Ração Pura, sem perigos de colisão terrena perturbadora. Um dia, porém—tratava-se de curas de almas ou de guardas rurais?—o meu condiscipulo, sem que nada o fizesse es-

EÇA DE QUEIROZ

A PROPÓSITO DUM LIVRO DE LOPES DE OLIVEIRA, SÔBRE O GRANDE ROMANCISTA

perar, empregou um argumento esmagador, um argumento *ad hominem*, de que nunca me esqueci:—«Tu podes pensar assim, porque não tens onde cair morto!»

Fiquei atordado; especiosamente retorquii que se enganava, que eu tinha bem onde cair morto—no cemitério da minha terra, que era um lindo sitio...

E procurei desentalar-nos do passo estreito em que tínhamos entrado, graçejando. Inútilmente, porque os meus graçejos deviam ter o travor de sarcasmos.

Eu sofrera um singular golpe de lógica que deixava a sangrar o meu coração: nunca até essa hora fatídica eu tinha percebido que a grande separação entre os homens provém, não de serem bons ou maus, mas de serem pobres ou ricos. O J. F., que era bom, era simultaneamente rico, e eu, supposto que bom fosse, era pobre: nenhum sólido e duradouro entendimento poderia estabelecer-se entre nós, a não ser que o Acaso me guindasse à sua riqueza ou o rebatesse a elle à minha míopia.

Não imagine Você, todavia, que caí, de todo em todo, em desespero de causa; eu queria já muito ao meu amigo, para o abandonar sem combate ao brutal domínio do seu preconceito de classe: sempre que se ofereceu occasião, instei com elle para que lesse os *Evangelhos*, essa enormidade intragável para os bem-aventurados da Fortuna—vai para 2.000 anos...

Mas—e aqui é que começa a anedota—o J. vivia com um irmão mais velho, que já não fim dos seus estudos de Direito; assinava-se—F. P. F. T. de Távora. Fora elle próprio quem descobrira o seu parentesco com os infelizes executados de Belém. E, havendo acrescentado aos que já usava desde a sua meninice, mais esse apelido, conceitara contra si a animadversão de muitos fidalgos e plebeus da Academia Coimbra, por motivos, é claro, um tanto contraditórios, mas que me revelaram um outro novo aspecto dos preconceitos do Mundo: Descendês tu, ou não de Ordono? pois assim tu serás, ou não, gente...

Sua Excelência—assim o tratava a estúpida chalaça de estudantes e fruticas—era uma pessoa muito simpática, afável com todos, usando, mesmo para os seus mais raiuosos detractores, o desdém da delicadeza, e, como era também muito inteligente, eapaz da mais ampla com-

preensão e tolerância. Curioso é que, ao passo que eu confiava na absoluta sinceridade do J., quanto as distinções de pensar bem ou pensar mal, baseadas na distribuição de riqueza, nunca acreditei que o F. tomasse muito a sério o sangue azul dos seus Távoras para separar os filhos de Adão e Eva em inconciliáveis categorias.

De ambos estes fidalgos, então meus vizinhos, me lembro com saúde—uma saúde de quasi meio século—mas o que vai agora aproveitar-nos é o que me disse, um dia, o mais velho, o F., em cujas conversas eu encontrava sempre, um tanto, a encantadora leveza das cartas de Fradique Mendes.

Ora ouça-o:—As nossas idéias não dependem exclusivamente da nossa situação social—como Você deduziu, para não dormir, na forma, à custa da sua sensibilidade... Pode-se ser padre e ateu; pode-se ser banqueiro e socialista; tem havido reis que se gabam do seu republicanismo; e pode-se estar na iminência dum linchamento, entre uma multidão ululante, ou pregado na cruz (mesmo sem ser o Cristo) e amar a Humanidade.

Bem vê—há o Espírito, a Alma; nem tudo depende da matéria.

Mas não são, decerto, indiferentes às condições ordinárias da nossa vida. Se a minha família não fosse abastada, creio bem que teria as mesmas idéias gerais—elevando-me sem grande esforço acima das contingências da Fortuna—perante o mesmo espectáculo do Mundo. Contudo como seria diversa a minha existência. Ora eu gosto muito de viver como vivo...

Há dias passou-me pela cabeça ir almoçar a Paris: metti-me no *sleeping*; cheguei lá fresco como uma rosa da minha Sepins, fiz *toilette*, almoccei, dei uma volta pelos *boulevards*, digerindo o sossegadamente, e vim jantar ao *sleeping* onde dormi como um Rei, sem o incômodo da comitiva. E aqui me tem! Enquanto isto não puder fazer-se em balão, é uma façanha, que ésses parvos invejam, e custou-me apenas trinta libras...

Para não fixar os meus olhos um tanto arregalados, deu uma volta pela sala, dispôs melhor uma cadeira, e continuou:

—Vê Você esta tela, tão alegre, tão graciosa, em que rompe a alvorada. É o último quadro do artista: as derradeiras pinceladas lançou-as

com o estertor da miséria na garganta. Quando lho comprei, levei com que pagar o seu caixaço—a sua *sleeping-car* da viagem donde se não volta.

E este bronze, onde passaram talvez as mãos de Cellini, é-me dado contemplá-lo dias como uma visão deslumbrante. Resconça—porque tive para dar por elle, em Roma, alguns milhares de liras.

E, como eu me aproximasse da estatuetta cheio de curiosidade, F. achou oportuno insinuar:

—Se Você algum dia, sem degradação moral—não há prazeres que compensem da deshonra—se algum dia puder ser rico, não despreze essa faceta da Ventura.

Há três mil anos—proseguiu logo—um certo Homero fez grandes poemas, e foram salvos por um tal Pisistrato, para que eu os lesse: ainda não tive tempo. Fiquei com certo receio a estes vates antigos, desde que aturei, como Você e meu irmão agora estão aturando, Virgílio e Horácio.

Mas tenho a certeza de que, deambulando por Atenas, Sócrates já espalhava o seu ensino sagaz, contando-me como seu discípulo. Nem pode entender-se de outro modo: aqui estão as obras de Platão.

E não estão as de Aristóteles porque? E não estão as de Sócrates, desde que foi mestre de Alexandre da Macedônia.

Repare que nestas estantes não há mais de mil volumes: mas se escolhi-os, um a um; note que Dante, Petrarca, Shakespeare, Babelais, Cervantes, Milton, Goethe, Chateaubriand, Lamartine, Vigny, Stendhal, Hugo, Flaubert, Tolstói—para só falar de alguns dos maiores—estão aqui às minhas ordens, e falar-me-ão quando eu lhes der audiência. Os «Lusiadas» em quantas edições? E me estou bem agradecido a Camões por ter lutado com a braveza das ondas para salvar os seus cantos, que, levantando as almas, refizeram a Pátria em 1640. Hel-de decorar as estrofes de Aljubarrota, se me atormentarem algum dia com o Iberismo.

E não só a Arte e a Literatura, mas a própria Religião, creia, está a meu serviço. Você sabe que eu gosto de ver sentados amigos à minha mesa nestas reuniões de véspera de feriado, de que tanto ri a «brósia». Mas às vezes têm de ser à sexta-feira, que é dia de jejum: não posso fazê-los cair em pecado. Pois ofereço aos meus convivas Bulas da Santa Cruzada.

E, como resultantes também da condição de abastança, já não quero referir-me às íntimas emoções, tão doces, tão saltares, da caridade, mas às consolações de pequenas vaidades dos outros que nos aliviam do peso das nossas. Tem reparado no ar contente do meu misantrópico secretário, que é um tão digno sacerdote? Pois, porque lhe arranjei a ser cavaleiro da Concelção! Custou-

(Continua na pág. 31)

10 MINUTOS COM JOÃO GASPAR SIMÕES

PELA sua acção na «Presença», como crítico na Imprensa de grande divulgação, como ensaísta e romancista de obra vasta e influente, João Gaspar Simões tem desempenhado notório papel neste período de renovação da literatura portuguesa. Nesta entrevista está o depoimento exacto da sua personalidade intelectual. E, na ordem costumada, foi esta a primeira pergunta que lhe apresentámos:

—Em que obra trabalha presentemente?

—Num estudo biográfico e crítico de Eça de Queiroz. É um trabalho longo, minucioso, onde procuro associar a interpretação crítica, tal como a tenho aplicado em trabalhos de menos fôlego—como, por exemplo, o opúsculo sobre António Nobre—à investigação das fontes e à recriação psicológica da personalidade do escritor. Creio que o meu trabalho revelará um Eça de Queiroz completamente desconhecido.

—Vai adiantado o seu trabalho?

—Conto tê-lo concluído no fim deste ano. Será publicado em Portugal

e no Brasil simultaneamente. É justo que a crítica portuguesa procure resgatar a falta em que está para com o autor de «Os Maias». Bem sei que outro haveria, mais capazes do que eu, para levarem a cabo uma tal empresa. Pela minha parte, faço o que posso...

—Abandonou, então, o romance?

—Não. Não se abandonam facilmente os nossos sonhos mais queridos. Voltarei ao romance, logo que haja acabado este estudo. Aliás, tenho dois romances começados. Os estudos críticos são, de momento, uma necessidade do meu espírito desjejado de uma disciplina em matéria de história literária. Procuro conciliar duas coisas que, em geral, têm andado divorciadas entre nós: a investigação das fontes e a crítica. Está quasi tudo por fazer em Portugal.

—Que lhe parece o panorama actual da nossa literatura?

—Sou optimista, embora me atribuíam, em geral, uma sádica má vontade contra os nossos escritores. Nunca me recusei a admirar o que julgo digno de admiração. Simples-

mente não sou tão generoso como as nossas gazetas. Tenho o mau costume de tomar a responsabilidade dos meus elogios... Louvar por igual o bom e o mau é fácil para os irresponsáveis.

—Acha, então, que o papel da crítica deve ser moralizador?

—Moralizador... dentro do domínio literário. Sou contra os troca-tintas das letras, nada mais.

—Que lhe parecem aqueles autores que falam da crítica com desdém? Acha que a crítica é indispensável à manutenção de um alto nível literário?

—Evidentemente que sim. A crítica não dá talento a quem o não tem nem o furta aos que o possuem a rodos. Sem a crítica, contudo, a literatura é uma actividade incompleta. O crítico é o melhor leitor da obra literária. Sem leitores, a literatura é virtualmente inexistente. Por isso mesmo só os escritores irresponsáveis desdenham da crítica... quando a crítica lhes não tributa a admiração que elles se julgam no direito de receber dela. Vaidade, tudo vaidade, lá diz o Eliasiastes. Ainda um dia hei-de escrever as me-

mórias dos meus anos de crítico. Há-de ver então como o termómetro da consideração do escritor para com a crítica varia na razão directa dos elogios que aquela lhe tributa...

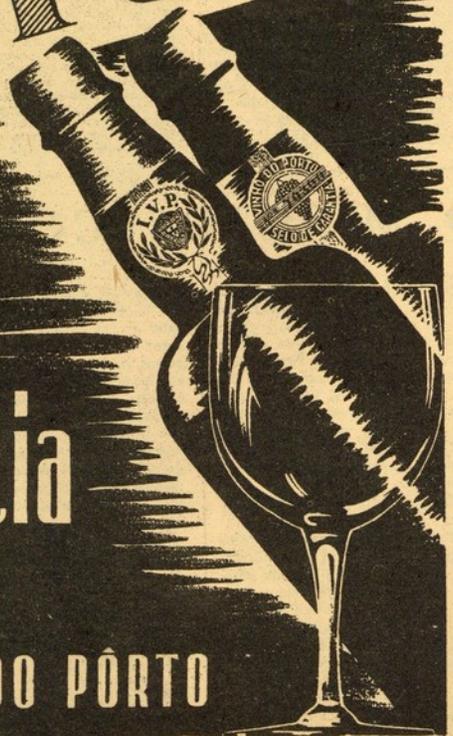




VINHO DO PÓRTO

tem o
sêlo de garantia

DO INSTITUTO DO VINHO DO PÓRTO



Erico Braga,
actor de cinema

Do "Violino do João"
a "Inês de Castro"

D. Jacinto Frazão de Mena e Albuquerque cavalga em direcção a nós, quando nos avista ao fundo da alameda que conduz à sua casa senhorial. É um homem de quarenta anos, cujos cabelos embranqueceram na boémia dorada das grandes capitais europeias e que, a julgar pela forma como domina o corcel, conserva ainda uma mocidade que contrasta singularmente com a sua face precocemente envelhecida. Para junto de nós, obrigando o cavalo a empinar-se e dá-nos as boas-vindas. Fidalgo de boa cepa, passela-nos através das suas propriedades alentejanas. All vive retirado, numa vida calma, onde os devaneios sentimentais aparecem, de quando em quando, a recordar-lhe o passado.

D. Jacinto Frazão de Mena e Albuquerque, no entanto, não existe. É uma figura imaginária, a sombra translúcida dum novo filme português — é Erico Braga, numa prodigiosa caracterização, capaz de ludir o mais criativo.

Erico criou, de facto, um tipo magnífico. O admirável artista que se tem distinguido nos nossos palcos pela assombrosa naturalidade que imprime aos seus papéis, dentro de uma cuidada e exacta composição, regressou ao Cinema. E regressou com o pé direito, depois dessa escorregadela cinematográfica que foi, para a produção, o filme «Ver e Amar!». Porque, ao que nos dizem, o seu trabalho se tem revelado primoroso e o artista soube adaptar-se à maneira cinematográfica com surpreendente facilidade.

— Não tenho mãos a medir. António Lopes Ribeiro falou-me para interpretar um papel de relevão no «Marquês de Pombal». César de Sá pensa entregar-me uma das personagens de «Cobardias». Leitão de Barros convidou-me para interpretar, em Espanha, D. Afonso IV, no seu filme «Inês de Castro». Concluo agora «O Violino do João» e só por estar preso por este filme é que não desempenhei um papel na «Ménina da Rádio», e para o qual fora convidado. É de facto curioso o que me acontece. Durante anos e anos, o cinema português, na fase do sonoro, esqueceu-se de mim. E agora só tenho uma dificuldade: não tenho datas e combinar os meus contratos teatrais com a actividade nos estúdios.

Erico Braga não nos disse, mas a verdade é que se explica perfeitamente esta súbita procura. No nosso cinema, escasseiam os galãs centrais, à maneira dum William Powell ou dum Ronald Colman, homens queimados pela experiência da vida, mas com «charme» de sobre para atrair e conquistar as mulheres. No «Violino do João», Erico desenha uma destas figuras. E se bem que ainda se não conhece, de visível, o seu trabalho, estas coisas «acabem-se» cá fora. E os produtores sabem, como é natural...



Retornamos a conversa. A uma pergunta nossa, Erico responde:

— No tempo do mudo, fui, possivelmente, o actor que mais filmes interpretei: Destaco «A Rosa do Adros», os «Fidalgos da Casa Mourisca», o «Colar», «Perdidas», «Os Milagres de Santo António», etc. No Brasil, ao lado do saudoso Leopoldo Frois, desempenhei um importante papel em «A aventureira». Mais tarde, apareci na «Lisboa», de Leitão de Barros e a seguir, no «Ver e Amar» de Chianca de Garcia.

— O cinema interessa-lhe, como campo de actividade artística?

— Já agora, confesso, não me interessou, porque vivia um pouco à margem dos estúdios. Mas, presentemente, como chovem as propostas, o caso é outro...

— E gostaria de realizar um filme?

— Claro que sim. E falo por experiência própria. Há poucos anos, realizei uma película de publicidade, de curta metragem, interpretada por mim e pelo Costinha, mas um filme em moldes novos, com argumento romancado... O certo é que as melhores telas de Lisboa e do Porto o exhibiram e que tecnicamente aquilo não safu mal.

E Erico Braga, numa transição, confessou-nos:

— No entanto, deixe-me dizer-lhe: Eu hoje poderia ser — quem sabe?

— O primeiro produtor nacional! Quando o Georges Pallu saíu da Invicta-Filme quis que eu ficasse no lugar dele. Resignei, então, a favor de António Pinheiro. E assim se perdeu uma oportunidade de me consagrar seriamente à indústria, pelo amor ao tablado, onde então começava a minha carreira. Troquei o cinema pelo teatro...

— ...E hoje? Seria capaz de fazer o mesmo?

Erico pensa e conclue.

— Deixe-me dizer-lhe: se puder distribuir a minha actividade pelo palco e pelos estúdios, parece-me a solução ideal. E segundo creio, estou agora na altura de começar a realizar essa legítima ambição.

Os subsídios reembolsáveis

NÃO sabemos se o leitor já se deu conta da extraordinária acção de desenvolvimento pelo Commissariado do Desemprego em prol da Cinematografia Nacional. Três dos filmes actualmente em produção beneficiam de subsídios reembolsáveis, que vão desde 350 a 700 contos. Emprestando parte do capital necessário a semelhantes iniciativas, capital que não é onerado por juros, aquêle Departamento do Estado solucionou um dos mais graves problemas da indústria, tornando possível a feitura de muitas películas, cujos produtores, embora dispondo de garantias, não tinham inicialmente o capital suficiente, para tamanha empresa.

Acertada e profícua política de fomento de actividade nacional e de combate ao desemprego. Acertada medida de protecção a uma indústria, que nunca deixou de saldar integralmente os compromissos contraídos com o Estado — e que assim se tornou credora da sua boa vontade e da sua confiança. Os três valiosos subsídios reembolsáveis concedidos a Arthur Duarte, a Filmes Lumiar e a César de Sá, atingem 1.650 contos — e permitiram a estes produtores levar por diante os seus projectos, e alimentar, com novas produções, as actividades ligadas à indústria, dando simultaneamente trabalho aos profissionais em luta com as precárias condições do seu funcionamento.

Um filme é uma fornalha insaciável de dinheiro, desde que se inicia, até que se projecta na tela. Qualquer paragem na alimentação dessa fornalha exige, depois, maior consumo... Não são permitidas pausas ou hesitações, senão à custa de maiores sacrifícios e maiores dispêndios. Há pois que dispor, desde o primeiro momento, do capital necessário para chegar ao fim. E quando assim não succedeu, os resultados foram desastrosos. Não citamos nomes e nem sequer os títulos dos filmes que foram «acabados» por improvisados Mecenas ou pelos usurários, porque o leitor certamente não se esquece da crónica acidatada das respectivas filmagens. As películas que param por falta de capital defrontam, a seguir, todas as dificuldades: contratos que acabam e que só podem ser renovados em condições mais onerosas, artistas indispensáveis que iniciaram os seus trabalhos e que depois não estão livres — e isto para falar apenas em dois aspectos flagrantes de tais inconvenientes.

O Commissariado do Desemprego, graças à visão inteligente do seu Commissário, sr. capitão Arrochela Lobo, pode encontrar a fórmula justa, dentro da mais perfeita economia e garantia dos valores confiados à sua guarda e administração, de fazer face a um dos mais insistentes problemas da Cinematografia Nacional.

E no momento em que nova portaria acaba de conceder à indústria tão precioso auxílio — parece-nos de inteira justiça sublinhar o facto e prestar aquêle Departamento do Estado as homenagens que lhe são devidas.

FERNANDO FRAGOSO

«CANTINFLAS»
O CÓMICO MEXICANO

NOS países da América Central, e principalmente no México, tornou-se popular o cómico mexicano Mário Moreno, conhecido por «Cantiflas» e considerado o maior cómico do mundo, havendo quem afirme superar a Charlie Chaplin. Aliás, este mesmo, ao assistir, em Hollywood, à exhibição de um filme de «Cantiflas», o primeiro de larga metragem, cujo título «Nem sangue nem areia», é como se verifica, uma paródia ao filme «Sangue e areia», de Tyrone Power. Chaplin declarou que «Cantiflas» era o maior comediante contemporâneo.

«Cantiflas», que conta hoje 32 anos, era há nove anos um simples palhaço de uma companhia de circo, ganhando cinco pêsos diários. Mais tarde passou a exhibir-se como «boxeur», quasi alcançando o título de campeão dos pêsos leves do seu país. Voltou novamente ao circo, passando depois ao teatro, até que Santiago Reach, atraído pela sua fama, contratou-o por cinco anos para trabalhar no cinema, aonde além do filme já citado fez «El guardia civil desconocido», «Ai está el detalle» e tantos outros. Ultimamente estava a ganhar a bonita cifra de 250.000 pêsos anuais, e já havia recebido várias ofertas tentadoras de Hollywood. Mas «Cantiflas» não se decidiu a abandonar o seu país. Até que há pouco, um director dos mais novos no cinema dos Estados Unidos, Pare Lorentz, conseguiu contratá-lo para fazer vários filmes. «Cantiflas» sabe jogar o «box», o «baseball», toureira, toca piano,

conta admiravelmente, sendo um exímio dançarino; fala um pouco de Inglês e o russo por estar casado com a filha de uns acrobatas russos. E, além do mais, é um verdadeiro comediante, usando olhos, mãos e pernas com a pericia impecável que celebrou «Charlot». Também como éle nunca varia de tipo, aparecendo sempre no papel de um pobre carregador que se mete em toda a espécie de complicações inacreditáveis, das quais se livra no último momento.



«O cinema progride!
O teatro está em declínio!»

Uma entrevista com o actor de cinema BARRETO POEIRA

BARRETO Poeira, o nosso primeiro actor cinematográfico, parece não ter mãos a medir. O seu nome com efeito, no noticiário do dia a dia, anda ligado às diversas produções que se projectam. E, assim, dão-no, sucessivamente, como protagonista de «O Fangeiro da Esquina» e do «Marquês de Pombal» e como um dos principais intérpretes de «Inês de Castro». A entrevista impunha-se. Um homem tão falado — havia de ter forçosamente que dizer.

— Vou, com efeito, interpretar o protagonista de «O Fangeiro da Esquina», o novo filme de Jorge Brum do Canto, segundo a peça «Cobardias», de Linares de Rivas, que eu representei no «Cubo Estefânia», nos bons tempos do Teatro de Amadores e que Alves da Cunha nos deu, também, nos nossos palcos.

— Como nasceu a idêia desse filme?

(Continua na pág. 29)



Marcha duma idéa

NENHUM espectáculo mais belo de que ver e seguir a par e passo a lenta, mas decisiva, vitória duma idéa. Duda idéa nobre e útil, que, realizada, para todos seja grandeza, bondade, harmonia e amor. Um sópro de imarcessível primavera então nos envolve e acartia, e compreendemos melhor, e como nunca, a possível, a desejável alegria de viver. Humina as consciências a luz nova, caminha-se no mundo afirmando uma energia mais calma. Sente-se, enfim, que não há indignidade que não se redima pela sinceridade e pela justiça, e que ser homem é ainda destino que não envergonha. O desejo da morte — sempre latente naqueles que buscam além de si próprios tarefa ou missão, pensamento ou emoção capazes de salvá-los do esparso e doloroso persomismo da época, (o «isto dá vontade de morrer» de Alexandre Herculano) — some-se ou apaga-se. Olha-se através o futuro sem medo, e o ar carrega-se de todos os polens da esperança, da certeza e da confiança.

É o que está sucedendo com a admirável e patriótica iniciativa dos Jardins-Escolas João de Deus, única instituição portuguesa de educação e ensino pré-primário, que o génio de João de Deus Ramos, filho e lúdimo herdeiro do genial João de Deus, ideou, concebeu, fundou, organizou e, através de mil e um obstáculos e dificuldades, soube e sabe manter e defender. Desde a primeira dessas escolas — para as quais Raúl Lino delmeou instalação carinhosa e lufada em tudo e por tudo na universitária Coimbra inaugurada há trinta e dois anos até há pouco tempo, a jornada tem sido morosa. O público levou tempo demais a entender e a avaliar o serviço imenso que João de Deus Ramos prestava às crianças da nossa terra — e tanto assim que Lisboa, por definição capital da inteligência do país, só possui um Jardim-Escola, embora, para cem lugares, all os candidatos afluam em número de trezentos ou mais! O caso, porém, começa a ter aspectos mais animadores e, também — confesse-se — menos vexatórios para a mentalidade nacional. O Pôrto, devido ao espírito generoso do Dr. António Emílio de Magalhães presidente da Liga de Profilaxia Social, e à generosidade dalguns beneméritos, reclama e vai ter o seu Jardim-Escola. A Figueira-da-Foz, Alcabça, Leiria, Castelo Branco, Viseu, Alhadã, Mortágua, Pombal, ou já conseguiram ou querem esse indispensável e adequado instrumento de cultura moral, intelectual, física e cívica da infância. A Figueira-da-Foz pede e supplica a construção de mais um. Chaves, Régua e Vila Real oferecem terreno para idêntico fim. De Braga, Barcelos, chega a mesma indicação. E por aí fora... Sem réclamo de espécie alguma, sem chamariz que não se limite à sua própria e, alhá, já gloriosa existência — os Jardins-Escolas João de Deus alastram de norte a sul a irradiação da sua influência e da sua fecunda e eficazíssima acção. Maravilhoso espectáculo, na verdade, a lenta, a decisiva, a segura vitória duma idéa nobre e útil! Homens de consciência e portugueses devotados — quem há aí que se não honre e desvança perante essa conquista, da alma e da inteligência dum educador-apóstolo, para mais perfeita e alegre ventura dos pequeninos de Portugal?

JOÃO DE BARROS

FALA-SE ESTA SEMANA

ANTÓNIO FERRO



Mais uma larga e valiosa contribuição prestada pelo S. P. N. ao cinema nacional, desta vez em forma de prémio ao melhor realizador e aos melhores intérpretes. António Ferro, que do alto de S. Pedro de Alcântara preside aos destinos de tantas belas iniciativas de sentido cultural — quis, mais uma vez, animar uma indústria que é ao mesmo tempo uma arte, estimulando-a a produzir mais e melhor.

CHARLES OULMONT

A acrescentar à sua já larga galeria de obras divulgadas, Charles Oulmont, actualmente entre nós, deu-nos agora «Voltaire na intimidade», um estudo da vida íntima do escritor, com documentos novos de investigação e análise. Está neste livro de Charles Oulmont, talvez, o seu melhor trabalho sério, de estudo e investigação. E foi reconhecendo-se que a Academia Francesa o distinguiu. A tradução é de Celestino Gomes, para a Gleba.



COSTA JÚNIOR

Eis um livro de excelente documentação e indispensável ao estudo da nossa actividade por esses mares: «Ao serviço da Pátria», escrito por Costa Júnior, com emoção e clareza. Trata-se da história da marinha mercante portuguesa, na primeira Grande Guerra ainda durante as horas iráclicas em que os nossos marinheiros de paz tantas vezes tiveram de lutar com os mares em guerra.



“SURSUM CORDA”!

PERANTE as inquietações da hora presente, o mundo interroga-se numa grande ansiedade: para onde vamos? Belligerantes e neutros, simpatizantes e indiferentes deste ou daquele partido, deste ou do outro lado da luta ficam estáticos diante da desorganização, do caos, do luto, da fome, do sofrimento semeados pela metralha e pelo ódio e desamor dos homens. E, entre todos, os que lutam e os que são testemunhas do duelo, um suspiro se ergue: — Felizes os que não conhecem a guerra dentro das suas fronteiras, sobre o solo pátrio, dentro dos lares familiares!

Portugal há cinco anos que presencia esta luta fratricida, descomunal de gigante que é. E, para se manter afastado — que não alheio — da contenda, muitos têm sido os sacrifícios, o cerrar de dentes e o cerrar do sobreenho. Sofremos o ataque a Timor, Macau não ficou alheio às vicissitudes da guerra, temos sentido grandes dificuldades para que a fome não batesse nos nossos lares, vimos os Açores envolvidos na estratégia da guerra. Tudo isto são contribuições da nação portuguesa, em holocausto a essa deusa devoradora e maligna que é a guerra. Todavia, Portugal é felizmente um país neutro, a guerra não fez cair sobre nós todo o peso da sua pata brutal. E isto é um bem e uma realidade que todos gozam, os simpatizantes e os não simpatizantes de quanto se faz ou não se faz em Portugal.

A verdade é que os homens, se nem sempre são senhores do seu destino — raras vezes deixam de ser senhores das suas idéias. Por isso tanta vez lhes custa renegar os seus credos — mesmo que se encontrem perante uma razão mais forte do que a sua política.

Trata-se, então, de pedir aos homens a abdicção dos seus credos, da pureza das suas intenções, mesmo que sejam enganosos os seus fins?

Felizes dos que são puros, porque justiça lhes será feita um dia. A nação não lhes pede o sacrifício das idéias — mas a renição da vontade, perante as realidades presentes. É preciso que todos os portugueses se unam à volta da mesma idéa de vencermos a guerra sem luta, apelando para o melhor das nossas forças morais — porque acima das divergências dos homens está a concorrência dos interesses da nação. Portugal, como todos os países do mapa, quer em guerra quer em paz, atravessa um momento de extraordinário melindre. Força e subtilidade precisam de dar-se a mão para o governo do barco político. Essa força tem de ser consubstanciada em todos nós — a subtilidade na acção do Estado.

Em vésperas de grandes perturbações sociais e políticas, os homens precisam, por isso, de cerrar fileiras, unir-se à volta do mesmo desejo de não contribuir para que o país se lance na guerra e seguir aquêle princípio inglês que é filho da experiência: primeiro vencer, depois arrumar os problemas nas diversas prateleiras...

Daremos, assim, ao mundo, um excepcional exemplo de civismo, sem deixar, cada qual, de ser quem é, dentro do seu plano de idéias, de política e de conceitos.

Com os nervos e com a inteligência, os homens devem escrever o grande evangelho de uma nova moral nacional, baseada no interesse comum de salvar a pátria das garras do combate. E, diante do altar da pátria, erguer os olhos para o futuro e murmurar: — «Sursum corda!».



O NOVO BASTONARIO DA ORDEM DOS MEDICOS

Foi uma certmónia simples mas nem por isso menos expressiva, aquela em que o ilustre Professor, Doutor Freitas Simões, tomou posse do seu novo alto cargo de bastonário da Ordem dos Médicos. A eleição fizera-se na véspera, numa sessão igualmente significativa. E, em ambas, as altas qualidades do sr. Dr. Fernando Freitas Simões foram postas em relevo pelos seus antecessores e colegas amigos. Na foto, vê-se o ilustre Professor, pouco depois de ter assinado o acto de posse rodeado dos mais representativos elementos do nosso mundo médico e universitário.

Por que escreveu

António Botto
o "Livro do Povo"?



—O que mais me interessa nos meus livros é o conflito interminável da inteligência e dos sentidos.

Fala-se depois do movimento modernista. Recordar-se Fernando Pessoa e a sua tertúlia no Martinho da Arca. António Botto, que conheceu tão de perto aquele luminoso espírito, emociona-se ao evocar o autor da *Mensagem*.

—Para mim — continua o autor das *Cartas que me foram devolvidas* — modernismo intelectual é uma coisa que não faz sentido. Não há modernismo intelectual. Há o compasso lógico do tempo marcando a evolução da humanidade através do pensamento. E repare: na poesia lírica só valem as emoções intensas e as paixões permanentes que animam ou determinam a vida.

—E na épica?...

—Aí, evidentemente, distingue-se o artista que melhor souber erguer os casos ou as figuras da história, num plano de grandeza própria evocada. Isto quanto à poesia, porque no romance, a verdade no mecanismo dos caracteres é que define o romancista. Na crítica há o duplo trabalho de compreender e de apreciar... É certo que há por aí uns maluquinhos históricos, uns parasitas da sensibilidade e do raciocínio que se arvoram em semeadores de novas estéticas mentais e artísticas, mas isso até é conveniente para a gente se divertir nesses intervalos da guerra.

E com um sorriso de lástima:

—Dizem tanta asneira, escrevem tanta asneira e publicam tanta asneira, que saná-los ou proibi-los seria acabar com uma fonte de piada nacional e permanente que francamente nos faz rir... ainda que às vezes sem vontade. São necessários, interessam...

E, António Botto, despede-se com esta rápida frase:

—Desculpe; não tenho tempo para mais...

A poesia, em Portugal, tem em António Botto um dos mais amadoros cultores. Poeta de sensibilidade, apaixonado da rima e do mundo da beleza, o autor das *Cantões* é dos líricos mais discutidos na moderna geração. Vai agora aparecer, nas montras das livrarias, o seu livro — que ele denominou o *Livro do Povo*.

Mais uma vez António Botto, debruçado sobre a epopeia da vida, ouve os queixumes dos que sofrem, ingloriamente, estoirando o arco-boço nesses embates duros, que a existência, dia a dia, sabe provocar.

Preguntamos-lhe:

— Porque escreveu você o *Livro do Povo* e onde foi buscar os motivos que compõem esse novo trabalho?

— A éle, ao Povo, a essa poderosa força eterna a que eu pertença, e de onde venho. Não pense que é um volume de cantigas mais ou menos equilibradas e expressivas na trica do amor para cantar num «pic-nic» ou num salisfré à guitarra. Nada disso. São versos mais sérios e mais fundos. Outros problemas humanos me levaram à construção desses poemas da hora presente.

— Há quanto tempo escreve, António Botto?

— Há 25 anos.

— E não tem por este ou por aquele dos seus livros uma afeição especial?

O Algarve está florido!



O Algarve está florido! Vales e montes, encostas e planuras alongando-se até ao Mar, estão, nesta quadra, cobertos pelo véu etéreo e virginal da flôr das amendoieiras.

A beira das estradas, sob o Sol ofuscante e claro do sul de Portugal, as amendoieiras perfilam-se caprichosas, ornadas com as folhas alvíssimas que a Natureza lhes oferta, todos os anos, nos meses de Janeiro e Fevereiro; pelas veredas tortuosas dos campos caminha-se sob uma abóbada pálida que os ramos das amendoieiras entreteceram; e junto à costa, debruçadas para a vastidão atlântica, ainda as amendoieiras em flôr olham altivas, soberbas da sua condura, a cromia azul do Oceano...

Corre a areia fina na ampulheta...

Dentro de dias no Algarve começará a nevar quando as pétalas das flôres das amendoieiras esvoaçarem, indolentes, ao sabor da brisa calma, para depois voltar a predominar pelos campos a verdura das searas e dos hortijos...

(Foto e legenda de ALFREDO GARCIA)

NOTAS
RÁPIDAS



Esteve muito concorrida, lá em baixo a velha estação de Alcântara-Terra, onde desceram prisioneiros de guerra alemães e ingleses para seguir o caminho das suas pátrias. Durante dias, Lisboa será, mais uma vez, sob os auspícios da Cruz Vermelha, uma grande e generosa plataforma de troca de prisioneiros. Na foto vemos o movimento da estação, no momento em que os alemães eram conduzidos para o comboio, depois de desembarcados.



No pátio do Governo Civil, efectuou-se uma cerimónia em que foi prestada homenagem aos agentes da P. S. P. mortos em serviço, de 1912 a 1933. Estiveram presentes elementos das forças armadas e o sr. ministro do Interior, que presidiu ao acto, descerrou as lápidas com os 34 nomes dos homenageados, tendo-se depois proferido expressivos discursos.



No Pôrto, no Museu Nacional Soares dos Reis, repetiu-se a Exposição de Arte Alemã, realizada há tempos em Lisboa. O êxito foi absoluto, tendo assistido à inauguração, como a foto mostra, a Dr.ª Gertrud Richert, o Dr. Vasco Valente, director do Museu, que tem à sua direita o Dr. Friedrich Irmen, director do Instituto Alemão no Pôrto. A Dr.ª Gertrud Richert fez uma palestra por altura da abertura da exposição.



O Grupo «Tábua Rasa» promoveu, na Casa de Entre o Douro e Minho, mais um Serão literário e artístico que resultou brilhante. Prestaram-lhe o seu concurso o Professor Lobo de Campos e as senhoras D. Maria Amélia Melo, D. Isaura Garriga, D. Aida Caldeira e D. Maria Luísa Schiappa Viana.

A ALIMENTAÇÃO DO POVO

MESMO nos países considerados mais ricos, de nível mental mais elevado, constatou-se que a maioria da população vivia sub-alimentada. Nos Estados Unidos, o Vice-Presidente Wallace afirmou que mais de 50% da população não recebe quantidades satisfatórias de alimentos essenciais. Na Inglaterra, o panorama não se mostrava mais animador. Sir John On relatou que as refeições de cerca de metade dos habitantes não atingia ao menos os padrões mínimos.

No nosso país o panorama também nada tem de animador. Do norte a sul, a sub-alimentação predomina. Por assim o ter reconhecido, o Estado nomeou há alguns anos uma Comissão encarregada de estudar as condições alimentares dos trabalhadores rurais, e a possibilidade de lhes fornecer refeições e equilibradas. Inquéritos vários, oficiais e de iniciativa particular, dão-nos conta do que se passa nos diversos pontos do país. Um destes inquéritos, realizado no Norte, revelava a insuficiência energética e a impropriedade qualitativa dos diferentes princípios nutritivos da alimentação rural do Douro. A pobre, enganadora e invariável alimentação de brã, sardinha e bebidas abundantes, origina um permanente déficit de calorias tão necessárias aos trabalhadores de trabalhos pesados. E o inquiridor salientava o grave problema representado pelas péssimas condições alimentares das crianças e das mulheres nos períodos da gravidez e aleitamento.

Nos países em guerra, a necessidade de manter saudáveis não só os homens da frente como a gente das fábricas, deu um gigantesco impulso no caminho para uma alimentação racional. Mas já nos tempos de paz se esboçaram largos movimentos. Nos Estados Unidos houve companhias nos Estados Unidos, feitas por segentes de demonstrações. Formaram-se mulheres especializadas em problemas de higiene alimentar (nutricionistas), que ficavam agregadas aos serviços de higiene nos estabelecimentos públicos ou nas empresas industriais, fazendo conferências, inquéritos, dando informações. Nos hospitais fundaram-se clínicas para os doentes necessitados de regimes dietéticos. Na Inglaterra fundaram-se também clínicas de alimentação, mas destinadas às crianças das escolas.

Não faltam aos homens recursos técnicos nem idéias. Só falta surgir a oportunidade de resolver radicalmente estes problemas. E isso não acontecerá enquanto se queimarem milhões de toneladas de trigo e de milho, enquanto se inutilizam milhões de animais que servem para a alimentação, enquanto se lançarem milhões de litros de leite nos esgotos, sem respeito algum pelas exigências mínimas de gigantescas massas de seres humanos...

Talvez não saiba que...

1—Que antigamente os cirurgiões tratavam os feridos em combate com azeite quente e ferros em brasa. Ambroise Paré (1510-1519), barbeiro francês que se tornou um grande cirurgião, foi o primeiro a banir estes processos bárbaros.

2—Que antigamente os doídos eram tratados como feras. Metiam-nos em celas frias e úmidas, espancavam-nos ou sufocavam-nos com água, ou davam-lhes drogas muito violentas. O tratamento humano dos doídos começou a partir de 1794, quando William Tuke fundou o «Retiro dos Quakers», em Nova York.

3—Que o médico Serveto foi queimado em 1553, por ensinar que o sangue passava para o coração, após misturar-se com o ar nos pulmões.

4—Que antigamente se supunha que a Terra estava parada e era o centro do Universo. Copérnico (1473-1555) afirmou, pelo contrário, que a Terra rodava e não era o centro do Universo. Esta teoria foi considerada uma heresia pela Igreja. Por aceitar e proclamar as idéias de Copérnico, foi queimado pela Inquisição o pensador Giordano Bruno, em 1600.

5—Que em 1749 o filósofo francês Diderot teve a idéia de inventar um sistema que ensinasse os cegos a ler e os educasse para uma ocupação útil. Os Intuitos de Diderot foram considerados subversivos e o filósofo foi preso para a Bastilha.

QUE DEVEMOS FAZER ENQUANTO O MÉDICO NÃO VEM?

Envenenamento pelos cogumelos

SE o primeiro sinal de intoxicação (dóres de cabeça) aparecer somente horas depois de termos comido, trata-se de um envenenamento por cogumelos, contendo um veneno chamado muscarina, muitíssimo menos perigoso que a *folina*, existente noutras espécies. Antes de mais nada, urge limpar o estômago e os intestinos, porque sendo a velocidade de digestão muito variável com os indivíduos, a natureza dos alimentos, etc., o tóxico pode encontrar-se já nos dois órgãos. São necessários um vomitório e um purgante salino. Se não existir nenhum vomitório à mão, faz-se vomitar o doente cecogando-lhe na garganta com um dedo ou uma pena. O purgante salino, será o sulfato de sódio, por exemplo.

Terminados os vômitos, deve-se igualmente favorecer a eliminação do veneno pelas urinas, dando ao doente abundantes bebidas.

O envenenado, sentir-se-á abatido; este estado depressivo combatem-se com fricções alcoollizadas, café bem forte e, caso seja necessário, com uma injeção sub-cutânea de cafeína.

Não se precipite! Dê os primeiros socorros ao doente, — e vá logo chamar o médico.

certeza, e máxima segurança. O martelo-picareta automático está ligado ao guindaste por um cabo de solidez bastante para poder lçar o extractor a 7 velocidades diferentes ao longo do corte, conforme as necessidades do trabalho.

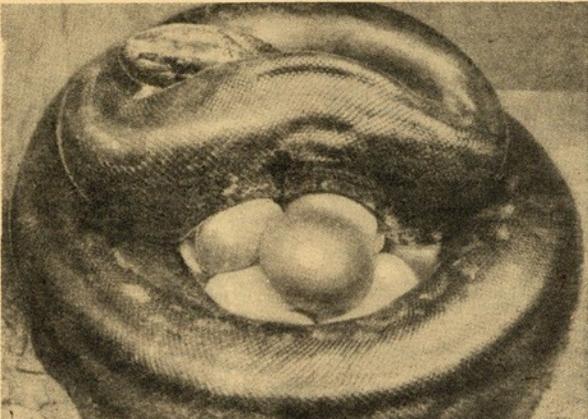
Tódas as espécies de manobras executadas pelo «mineiro-autômato» estão controladas por dispositivos de segurança.

Por exemplo, a tensão do cabo não pode ultrapassar certo limite, e se os dentes do martelo-picareta se embotam ou a máquina encrava devido a fragmentos de madeira, dá-se uma paragem automática do trabalho. O mineiro que dirige a manobra do guindaste, está tão apto a apreciar o funcionamento da máquina, a dureza do filão, ou a agudeza dos dentes mecânicos, como se éle próprio manejasse o martelo-picareta.

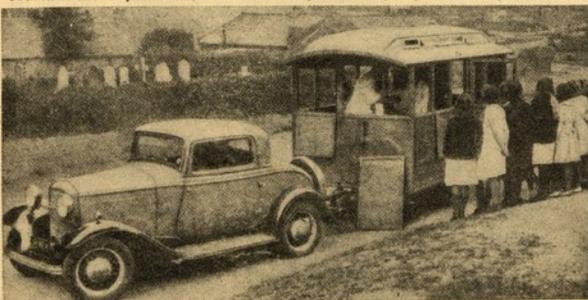
E aqui se vê que nem sempre se pensa em construir autômatos para a «científica» destruição da humanidade.



Neste laboratório trava-se a luta científica contra os parasitas animais e vegetais. Em cada um dos frascos há gorgulhos, e os sábios estudam pacientemente os seus hábitos. Assim, acharão o processo para exterminar os matéticos bichinhos. Os homens de hoje não consideram os seus inimigos da Natureza como castigos para os seus pecados. Os povos selvagens fazem cerimônias mágicas afim de aplacar os deuses; os homens civilizados atacam os males de olhos abertos, servindo-se das inteligências e dos recursos técnicos.



Os ofídios são animais cuja simples vista nos horroriza. No entanto, a Ciência tira maravilhosos benefícios desses animais. Desde que se soube que um leproso no último período da doença deixou de ter dóres após a mordedura duma cobra, o veneno ofídico entrou na terapêutica. Descobriu-se que o veneno mesmo muito diluído aliviava quasi por completo as dóres dos cancerosos. Bastavam cinco injeções sucessivas de veneno ofídico para manter os cancerosos livres de dóres durante meses. E ainda mais: descobriu-se-lhe o poder de reduzir o tempo de congelação do sangue.



Quando não se pode manter um especialista médico numa dada localidade, só há um remédio: transformar o médico numa espécie de catreiro-viável. Um pequeno automóvel, um consultório «a reboque», provido do esse cial, caminhos transitáveis, — eis o preciso para acudir às necessidades mais urgentes das populações deserradas nos lugares. O dentista inglês-da foto dá-nos uma idéia das modernas possibilidades duma Assistência Médica «para todos».

AUTÔMATO HUMANITÁRIO

UM engenheiro escocês inventou um mineiro autômato capaz de fazer a extracção da hulha em jazigos com uma inclinação que se aproxima da vertical. A grande vantagem deste «mineiro mecânico» está em evitar-se o emprêgo da mão de obra humana em casos difíceis e perigosos. E os resultados obtidos são superiores ao trabalho dos mineiros de carne e osso.

Essencialmente, a nova máquina consiste na colocação dum guindaste hidráulico no cimo do corte no jazigo, e no seu engenhoso engrenamento com um extractor mecânico, cujo trabalho dirige com facilidade,

A PRIMEIRA MEIA HORA

AO PRINCÍPIO ERA O VERBO

NEM entrevista amorosa nem, tampouco, o praso imperativo para um duelo. Uma só coisa, absurda, inaceitável, incompreensível, altera os hábitos lisboetas de 1903: havia quem, — absurdo supremo! — se propunha adeantar, em segredo, a hora. E fazia-o apoiado em exemplos estrangeiros, invocando as Américas, o Universo.

Com a suficiência desdenhosa que o caracterizava nestes assuntos, o ilustre compilador do «Almanaque Bertrand», senhor Fernando Costa, naquele que ao ano de 1906 se destinava, assim comentava o estranho, insólito, atentado à calma continuidade do meridiano de Lisboa:

—Aguarda, não sabemos que oportunidade, para ser convertido em lei, um projecto, que foi presente à câmara dos deputados, em 1903, pelo sr. José de Lacerda, então deputado por Angra do Heroísmo, sobre o estabelecimento da «hora oficial» no nosso país».

A ORIGEM DO APELIDO BOURBON EM PORTUGAL

A propósito do que aqui se disse sobre a origem do apelido Bourbon em Portugal, o nosso prezado camarada na Imprensa, dr. Bourbon e Meneses, em Imprensa, dr. Bourbon e Meneses, enviou-nos a carta que a seguir publicamos, gostosamente:

Sr. Director: — No curioso artigo que a «Vida Mundial Ilustrada» publicou no seu último número acerca da origem do apelido Bourbon em Portugal lia-se que José de Azevedo e Meneses era meu tio direito, «como filho de uma das irmãs de Gaspar Falcão, pai do escritor e jornalista bem conhecido». Se o «fidalgo do Vinhão» fosse filho de uma das irmãs de mau Pai, não teria sido, como foi, meu tio, mas meu primo. A verdade é que José de Azevedo e Meneses — de seu nome completo José de Azevedo e Meneses Cardoso Barro — foi marido e não filho de uma das irmãs de meu Pai. D. Maria Júlia. Conheci-o já viuvo e de avançada idade quando, em 1928, o visitei no seu Palácio de Famalicão e não companhia dele realizei a minha primeira romagem à casa de Camilo, em S. Miguel de Seide. E uma das gratas lembranças que guardo da sua bondosa gentileza.

Agora, se me dão licença, outra referência:

Não foi por ser funcionário do Arquivo de Identificação que me escusei a cooperar ostensivamente na página, aliás interessante, que, a propósito da identificação capilar efectuada pelo prof. Locard, a «Vida Mundial Ilustrada» dedicou aos Bourbons de quem e além fronteiras. Como funcionário do Estado, só me está vedado occupar-me em público de quanto se relacione com o serviço a que, obscuramente, estou adstrito.

Agradecendo desde já a publicação destas linhas, subscrevo-me, etc.

(a) BOURBON E MENESES

Havia três anos, pois, que o deputado sr. Lacerda vira o seu projecto sepultado. E o senhor Fernandes Costa nem discutia o caso. Registrava-o, somente, «como assunto de interesse e de curiosidade».

Redactor do «Diário Ilustrado», órgão officioso da dissidência franquista, aquêle official superior de artilharia não podia, ou entendia não dever dar categoria excedente à de um simples passatempo astronómico, a tão fantasiosos propósitos de um partidário do sr. Hintze Ribeiro. Portanto:

— «...aqui deixamos arquivado esse projecto de lei, com o relatório de que foi precedido».

Denunciada a ascendência monárquica da «hora oficial» ou, cientificamente, «tempo médio de Greenwich», tudo emmudeceu, desdenhosamente, à volta do projecto Lacerda. Pura demagogia, já se vê, profanadora da nossa doce quietude, e principalmente atentatório da costumeira do relógio do sol.

Estabeleceu-se, no decorrer destes tempos, uns seis a sete anos até à instauração, por decreto do Governo Provisório, da hora official, agitado debate. Vibrava a palavra, escrita ou falada; avultavam as preferências por o relógio de sol, o canhão da Politécnica, ou o balão do Arsenal.

Ao chegar o dia civil de 1 de Janeiro de 1904, há quarenta anos, os relógios não foram adeitados em 36 minutos, 44 segundos e 68 fracções de segundo.

Tudo ficou suspenso e na certeza de graves acontecimentos.

FUSOS, SEMI-FUSOS, CONTRA-FUSOS E PARAFUSOS

As moças da Fundação continuaram a pendurar-se das castas janelinhas, encobertas púdicamente por cortininhas, vazinhos de manjerico ou alfazema, à espera do seu Manuel, José ou Francisco, afim de conversarem a sua meia hora enquanto a aragem da tarde quebrava a sonolência do meio dia.

Mas, quasi tôdas, costumavam, azafamadas, os seus labores minuciosos, como formiguinhas laboriosas, obediêntes, medidas atiladas do tempo, das linhas e do dedal. Havia que aprontar o enxoval. Nesse dia, o maior de cada vida humilde, aquêle que não se repetiria, já o namorado seria official de seu officio, ganharia oito tostões diários, e entregaria a «féria», pela primeira vez.

Nada tinha a ver tôda esta gente sossegada e mansarrona, saudável, a pimponear côres frescas, com os fusos, semi-fusos, contra-fusos ou parafusos, alucinações de reformadores do mundo ou tresloucados astrólogos. Sádios, hercules, nada entendiam nem lhes parecia do texto do relatório. Parecia obra de um demente:

— Contagem do tempo segundo o sistema usado pelos Estados Unidos desde 1883... Numerosas conveniências de ordem científica e comercial... Grande maioria das nações cultas adoptaram o meridiano convencional com reconhecidas vantagens. A continuar a nossa hora tradicional, isso representará: lacuna, incúria, atrazo...

Todo o português encobre um polí-

cia. Com maior propriedade: um genardarme de si próprio. Havia coisas no projecto do sr. José de Lacerda jámais reconhecidas pelos usos e costumes. Agora mesmo, quarenta anos decorridos, e após as alterações consecutivas de duas horas e meia, derivadas das guerras mundiais, continuam a subsistir nos hábitos: a contagem de hora, 13 a 23; e, pior ainda, a conversão do nosso simpático meio-dia ou meia-noite em termos subversivos. Também eram proibidas as expressões «pela manhã», «pela tarde», «pela noite», mas isso nem então nem hoje conseguiu perturbar os hábitos populares. Quando muito, as Marias, as Luisas, as Helenas, as Matildes, cortaram o cabelo e arremangaram os fatinhos de malhas afim de irem conversar com os seus António, José ou Manueis.

Mas lá nisso de chamarem «zero-horas» à meia noite, ninguém foi, nem irá!

«DURA LEX, SED LEX»

Em 1912, ou seja, oito anos decorridos sobre a publicação do primeiro projecto do senhor José de Lacerda, a doutrina do tempo médio de Greenwich reapareceu convertida em decreto, com força de lei, do Governo Provisório.

A lei é dura, mas é a lei — ensina o próloquio latino. Foi preciso, porém, tôda a montanha de acontecimentos nacionais e internacionais que assinalaram êsses anos todos, para nos levar, em casmurros e teimosos, à adopção do sistema mundial dos «fusos» horários. Ainda assim, esperámos primeiro pela legislação espanhola e francesa. Só depois desta, um simples decreto de três linhas, é que nos resolvemos a aceitar o tempo médio de Greenwich. Mas logo baralhámos tudo num prolixo decreto constituído por seis artigos e infinidade de alíneas, afim de estatuir em termos policiaes o que constava, singelamente, do projecto de lei do deputado dos Açores e do conhecimento geral se tornara:

— Adiantam-se os relógios em trinta e seis minutos, quarenta e quatro segundos e sessenta e oito fracções de segundo.

Com maior propriedade deveríamos escrever: no ano de 1911, pois nesse é que feneceu a hora official de Lisboa, deixou de se ouvir, para sempre, o canhão da Politécnica, agora convertido em bronze inerte e frio; e de se elevar ao meio-dia, em ponto, o balão do Arsenal, marcador da hora exacta, chamador dos amores volantes e graciosos de tôda a espécie de gaiovotas, e, sempre regulador das nossas ingenuas alegrias — dessas amáveis gloseimas de pinhões torrados ou amendoins frescos, ou, ainda da hora de partida e chegada dos barquinhos desengonçados, a vapor, a sairem, constantemente, da ponte da Pacerria Lisbonense.

Permanece, porém, incrustada nos hábitos, a velha terminologia alfaiânica: manhã, tarde, noite, meio-dia, meia-noite; e não nos afeiçãoamos, nunca mais, às zero horas, nem às treze... E, desde então, já tem chovido!

OS «SNOBS» DA HORA OFICIAL

Esbravejou, impetuosamente, contra a nova hora regulamentar, em iracundo



artigo, o seu compilador e excelente poeta, senhor Fernando Costa. Esquecido da compustura derivada da sua qualidade de general reformado, escreveu em 1913:

— O «Almanaque Bertrand», porém, é que lhes não faz a vontade. Bem lhe basta já a obrigação de se considerar na «hora do meio-dia» não quando o sol passa no meridiano do lugar em que o seu coordenador o elabora, e os seus tipógrafos o compõem, e os seus impressores o imprimem e os seus editores o vendem e expedem, mas sim quando (sic) passa no meridiano de uma secundária povoação da Inglaterra, perto de 37 minutos antes de chegar cá!

Ora, isto para que serve e que utilidade tem?

— «Pensam talvez, que em Greenwich ou em qualquer ponto da Inglaterra ou em qualquer outro país onde esse meridiano foi tomado como referência para a determinação da hora, alguém se lembrou de alterar as relações comuns, pela maneira como o snobismo de certos conterrâneos nossos o fêz precipitada e disparatadamente? Ninguém!»

Um ano depois, no Almanaque para 1914, com o título «A contagem do tempo» acolhia Fernandes Costa um artigo dum jornal de Lisboa. A argumentação cerrada, densa, após infinitas alegações, adquiria um tom nitidamente subversivo, ao aconselhar:

— Em todo o caso não se alarmem aqueles que, não querendo transigir, determinem conservar em suas casas a hora nacional, a hora pátria, não desnacionalizada nem integrada num fuso qualquer. Os cronómetros do Arsenal continuarão a marcar a «nossa» hora. E, para qualquer de nós ter em sua casa o meio-dia verdadeiro, não terá mais que pendurar de uma escápula — etc., etc.!

Todos sabemos como acabou isto: em 1916, adiantaram-se mais 60 minutos; agora, em 1939, duas horas que, somadas à meia hora e sete minutos, dá mais de duas horas e meia. Entretanto, esbateu-se na bruma destes quarenta anos a primeira meia hora, da qual só perdura o hábito das designações horárias familiares...

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

POR ÊSSES MARES MILHARES DE PORTUGUESES EMPENHADOS NA "GUERRA DA PAZ"!

JÁ na outra guerra os homens da nossa marinha mercante, sobre quem muita gente põe ainda olhos que não sabem ver, deram largas ao seu espírito de sacrifício e valentia. Presentemente, em circunstâncias bem desiguais, aliás, e a partir da hora em que os titãs da lenda se fizeram realidade, continuam os valorosos nautas a seguir exemplos de outras eras, empenhados, com afino, nos mais generosos actos de solidariedade humana. Nos livros do seu officio podem ver-se, bem claramente, páginas brilhantíssimas de momentos trágicos vividos em longínquas latitudes, e tudo isto sem vislumbres de ufania, simploriamente, sem gritos nem ambições.

A primeira acção de salvamento nesta guerra — cremos que a primeira — verificou-se dois dias após a chegada do tremor cruento que há cinco anos, quasi, tortura os povos. Recordemos:

Na madrugada de 3 de Setembro de 1939, sob um luar que fugia aos poucos para céus occidentais, navegava entre a Madeira e Lisboa o vapor «Carvalho Araújo», no regresso da sua viagem quinzenal às ilhas açoreanas. Naquele pequeno mundo oscilante, àquela hora, apenas o rumorejo das águas a cachoar à proa e o rom-rom da maquinaria porfiada em manter a rotina, davam sinais de vida. Súbito, ao longe, um luzeiro intenso riscou os ares e fogo a marinhagem, avisada e perdulária em sacrifícios — que outra riqueza não tem — presagiu instante de cuidados sem fim. Rumo ao local, olhos e pensamentos no deserto azul, não errou quem logo ali viu desgraça certa: com efeito, 18 homens do barco inglês «Manara», torpedeado pouco antes, esperavam socorro que, felizmente, chegou a tempo. Recolhidos a bordo, logo o capitão português, sr. Francisco de Almeida, ordenou que aos naufragos, primeiras vítimas, no mar, do prelio cuja extensão mal se adivinhava ainda, fossem dispensados os carinhos que o seu estado requeria.

Foi assim, contado em linhas tão simples como a gente do mar, que os homens da nossa frota mercante iniciaram a sua guerra de salvação de vidas. Todo o mundo lhes deve honras e admiração — justo é dizê-lo. Na paz, como na guerra, obrigam-se a levar o barco ao seu destino, mas nem sempre o feito se reveste de facilidade. Demais, agora, em que da crista de cada onda nasce um perigo, em cada vale sombrio há lábios que chamam auxílio, e ao fim de cada milha se tenta impedir ou suavizar um drama. Todo o mar, juntando os mares, é um mar de sangue, e só os marinheiros de Portugal fazem estaque, opondo à violência o seu desvelo, espalhando abnegação através do lago imenso. São dos melhores, dos mais valentes e sabedores os ignorados soldados do mar. Quem uma vez, ao menos, os acompanhou por essas águas além, haurindo a fundo o ar sadio da falna, só a custo pode esquecer o tom sério do seu labor, a presteza empregada, vida rude, intrépida e singularmente produtiva. Valentes e ousados, sim! — mas ora, principalmente, irmãos daqueles a quem a desgraça atingiu na estrada que foi também, sempre, o seu caminho — o mar!

«Vida Mundial Ilustrada» recolhe de alguns desses marinheiros, para os seus leitores, impressões de salvamentos a que procederam:

Portugueses em perigo — no caminho para a Groelândia

Fala o capitão Pinto e Neto:

— O «Alferraredes», navio que comandava ao tempo, largara de Lisboa com rumo aos portos da Groelândia — creio que a primeira unidade portuguesa que ali ia com o fim de carregar bacalhau. No dia 14 de Agosto de 1941, a cerca de 200 milhas ao norte de S. Miguel, avistámos pela amurada de estibordo vários sinais luminosos pedindo socorro com insistência. Eram 19 horas. Depois de algumas manobras empenhadas em pesquisas que duraram uma hora, encostaram ao navio duas frágeis embarcações com 33 naufragos — uma com 6 e outra com 27 — do vapor yugoslavo «Suda», que andava ao serviço da Inglaterra e fôra torpedeado na véspera. A rota que seguíamos é pouco frequentada pela navegação, motivo porque, entendendo eu, aqueles desgraçados teriam perecido, certamente, se não fôssemos nós. Nas baleeiras havia ingleses, americanos, yugoslavos, espanhóis e portugueses...

— Portugueses? Mas que coincidência, capitão. Portugueses salvos por portugueses...

— É verdade! Os nossos compatriotas — disseram-nos depois — ao perceberem no barco iluminado as cores, o nome e, por fim, a fala portuguesa, ficaram como que deslumbrados, radiantes, e esqueceram por momentos a sua desdita. Por nossa parte, claro, se bem que as leis e o coração obriguem ao

salvamento, é bem uma verdade que redobramos de esforços quando vimos que por ali andava gente nossa... E aqui tem, como no caminho para lugares da Groelândia, eu e os meus camaradas salvámos 33 homens, entre eles alguns portugueses. Coisa sem importância, como vê...

Duas viagens em que foram poupadas 44 vidas...

Quasi nasceu no mar, perscrutou os cantos de todos os oceanos e singrou as águas de polo a polo. Quarenta e tal anos ao serviço da marinha mercante, de que é veterano e ama acrisoladamente. Louvores, medalhas, qual quê? — nem pensar em perguntar-lhe, que a publicidade não entra na lista das suas ambições. De resto, «os jornalistas não percebem nada de marinha e estendem-se que nem crianças, nestes assuntos, até na mais pequena notícia»...

No entanto... O comandante Carlos Sérgio Arruda — de quem falamos — é hoje chefe de capitão, motivo porque o seu lugar está em terra para dirigir o movimento. Já na outra guerra comandou navios, e o leme do «Lourenço Marques» muitas vezes girou sob as suas ordens em missões de destaque. Adivinha-se nos olhos do devotado oficial a saúde do mar...

— Actualmente... — Nesta guerra, de duas viagens que fiz à América do Norte, no «Cunene», salvei ali... umas 44 pessoas. Mas não vejo em que isto possa interessar...

— Conte, senhor comandante. — Foi no inverno de 1942, salvo erro. Da primeira vez, estava distante um dia de navegação das costas daquele país, quando encontrei duas baleeiras com naufragos do vapor norueguês «Koen», torpedeado havia poucas horas. Foram os únicos da tripulação que escaparam. Os seus companheiros morreram todos, em consequência da explosão, se bem que muitos se tivessem atirado ao mar. Este, porém, havia-se enchido de óleo e povoou-se, em breve, de altas labaredas. Acabaram horrorosamente. Os que recolhi vinham em estado impressionante, gravemente doentes.

Da outra vez, apenas com 48 horas de rota a caminho de Portugal, abordei uma pequena lancha carregada de homens, também noruegueses, cujo navio tinha ido a pique havia oito dias. Foram felizes, ainda assim, porque a sua capacidade de resistência parecia acabar no momento do encontro. Como vê, isto é sempre a mesma coisa: torpedeamento, mortes, baleeiras perdidas, um navio que chega, mais ou menos dificuldade no salvamento, conforme o mar, e se o navio que chega é português, a costurada hospitalidade — medicamentos, roupas, tabaco, carinhos, sejam quem fôr as vítimas... Olhe, um dos naufragos do segundo encontro, o capitão, tinha as pernas e os braços que nem madeiros — inchadíssimos. Foi içado e lá o tratámos. Nada mais tenho a dizer.

E nada mais disse, de facto, o nosso pouco acessível entrevistado, que em duas viagens e muita generosidade — a sua e a de todos os seus marinheiros — arrancou à fúria do mar 44 vidas.

O navio passou e não viu quem há 14 dias morria aos poucos...

O capitão Armando Lorena pretende esquivar-se à entrevista, aliás como todos os seus colegas, dizendo que «não vale a pena falar nisso»...

— Que mais o impressionou nos salvamentos que fez? — Deixe ver... Talvez a despedida afectuosa que nos fizera, no Pôrto, os naufragos do vapor holandês «Lucrécia», salvos por nós a 100 milhas do cabo Lizard, na ponta sudoeste da Inglaterra. Comoveu-me, profundamente, a gratidão manifestada por aqueles homens que, no cais, à partida do navio que os acolheu, nos disseram um «adeus» especial de maneira chocante...

— O salvamento... — Foi no dia 6 de Julho de 1940, de manhã. Um avião pediu-nos auxílio para duas baleeiras com naufragos, mas quando as avistámos já um navio de guerra inglês se nos antecipara. O desvio da rota, porém, deu ocasião a que encontrássemos qualquer coisa que, vista de longe, não sabíamos bem o que fôsse. Sabe o que era? O «Lucrécia» partido ao meio e junto dele duas embarcações com 33 homens, cinco dos quais feridos com gravidade. O comandante tinha morrido, na ponte, e o imediato, embora recolhido, não resistiu aos ferimentos mais de 24 horas. Trouxe os naufragos para o Pôrto, onde nos fizeram a despedida de que já falei...

— No seu activo... — Tenho mais uma aventura, sim senhor. No «África Ocidental» procedi, mais tarde, a outros salvamentos, ao sul das Canárias. Imagine uma baleeira à deriva com 12 homens dentro, há 14 dias! Quando nos enxergaram sorriram — que para mais não tinham forças, os pobres! — tal o seu estado de enfraquecimento. Iam, enfim, viver de novo. Mas o caso é que nós passámos sem os ver. Calcule a dor que mais ainda os tolheu: um navio que surge, ao longe, mas indiferente à miséria e à morte! Eu ia na ponte, assetei o binóculo, casualmente, para a popa e vi então a vela improvisada do seu barquinho. Ao virar de rumo, novamente a vida baniu naqueles corpos mofados, esgotados, quasi inertes, tão fracos que foi preciso içá-los e proceder, com todo o cuidado, à sua reanimação. Tratava-se de 12 ingleses do vapor «Hornshele».

A terminar, o capitão Lorena diz-nos: — Um dia, entidades inglesas mandaram para o meu navio certa importância destinada a ser distribuída pelos tripulantes. Bem sei que era uma lembrança. Mas eu, de acordo com os meus camaradas, devolvi o dinheiro com a informação de que os marinheiros portugueses apenas cumprem o seu dever...

A baleeira da morte. De 28 homens, em 24 dias à deriva, apenas 4 resistiram...

Foi no dia 17 de Novembro de 1942. O arrastão «João Córte Real» navegava sob o meu comando — diz-nos o capitão Manuel Pereira da Bela — a 180 milhas a leste de S. João da Terra Nova, com destino a Lisboa. As 10 horas avistámos uma baleeira com 4 homens, naufragos do vapor «Gandia»,

que 24 dias antes tinha sido atacado e afundado. Para a pequena embarcação saltarem, na altura do torpedeamento, 28 homens. Escusado será dizer-lhe o que sofreram os pobres marinheiros. Todos os dias a morte os visitava e os corpos iam rolando, uns após outros, para o fundo do mar. Uma hora antes de os encontrarmos tinham eles dado sepultura a dois infelizes. O salvamento revestia-se de grandes trabalhos, dado que o mar estava contra nós. Duas horas, ou mais, de rudes perpécias, em que a baleeira corria a todo o momento o risco de voltar-se ou partir-se e os meus homens se viram obrigados a amarrar-se para não serem levados pelas ondas furiosas. Cada vez que uma vinha e elevava a pequena embarcação junto ao costado do «João Córte Real», fazia-se uma tentativa para os agarrar e pô-los em nossa companhia. Conseguimos o nosso objectivo, que era salvá-los a todos. Mas isto só depois de muito trabalho, como já disse. Cheios de gratidão, pelo que viram fazer no mar a seu favor e também pela maneira como foram tratados a bordo, de tal sorte contaram o sucedido às entidades inglesas e belgas que estas nos homenagearam com uma festa e ofereceram a cada um dos meus companheiros uma cigarreira de prata. Nós, porém, nunca pensamos...

— Bem sabemos, capitão. Que mais houve quando se deu o salvamento? — Olhe: imediatamente a seguir à entrada a bordo do último naufrago, um golpe de mar atirou a baleeira de encontro ao navio e espatifou-a...

Vimos camaradas nossos, de pé, arderem como archotes!

Em 18 de Março do ano passado — diz-nos o comandante do «Foca», sr. António Gama Lôbo — vinha de Cachem, Guiné Portuguesa, a navegar muitas milhas ao sul das Canárias. O imediato comunicou-me, já era noite, que avistara fogachos encarnados no horizonte. Imediatamente ordenei que seguissemos a direcção respectiva. O mar era varrido por temporal impiedoso, tornando difícil as pesquisas, tanto mais que depois de 10 milhas navegadas naquele rumo não tínhamos observado mais qualquer sinal. Já nós receávamos ter ultrapassado o local onde possivelmente estaríamos em perigo, quando novo fogacho chamou a nossa atenção. Estava, porém, uma noite escura como breu e as dificuldades persistiam. A certa altura, enfim, várias luzes mexiam na nossa frente. Alfabeto? De facto assim era, mas nós não o percebemos, e só mais tarde nos foi contado que nos chamavam, dizendo: «venham para nós que não podemos remar». Andamos em volta daquilo com todo o cuidado por recarmos qualquer desastre. O mar continuava rijo e, com franqueza, ignorávamos se se tratava de algum navio. Pois era, simplesmente, uma pequena jangada, já meio submersa, e para nos encostarmos a ela usamos de toda a cautela e pedimos sorte aos deuses. Fomos felizes. Um palmo mais e mandaríamos tudo para o fundo. As luzes que avistáramos eram lâmpadas eléctricas fixas nos ombros dos naufragos e ligadas aos cintos de salvação. Nove homens dali saltaram, a custo, para o nosso barco: sete belgas e dois ingleses, sobreviventes do navio-motor «Moanda», atacado por um submarino dias antes. O primeiro naufrago que subiu a escada quebra-costas, ao chegar à borda caiu ao mar, tão fraco estava. Valearam-lhe os companheiros que o «pescaram». O segundo, oficial belga do navio afundado, uma vez cá em cima, desmalou. Apresentava graves queimaduras e tinha sofrido horrivelmente a pontos de tentar suicidar-se. Disseram-nos os tripulantes do «Moanda» que o seu navio, trabalhando a «mazute», fôra em escassos momentos pasto das chamas. Muitos não tiveram tempo para se atirar à água e morreram no meio do mais infernal suplício. «Vimos camaradas nossos, de pé, arderem como archotes» — recordavam, comovidos, aqueles infelizes.

— Uma vez no navio... — Dispensámo-nos-lhes o maior carinho, dando os melhores aposentos, rou pas, toda a assistência de que careciam.

— É natural — dissemos. Os portugueses são assim... Quando o repórter achou azada esta homenagem à nossa marinha mercante esqueceu, lamentavelmente, que a casa do marinheiro é no navio, e que os navios... andam no mar. Daí a dificuldade em figurarem aqui, hoje, as palavras de quantos — quantos mais! — por esse mar fora têm realizado feitos de vulto. De entre eles registamos, no entanto, os nomes dos capitães Quirino Luís de Carvalho, Francisco José de Brito, Joaquim Andrade Rainho, Luís Moura, Cristóvão Macara, Costa Mota, Paulo da Conceição Baptista, António Dionísio, Américo dos Santos, José Cardoso, Nazaré Cardoso, Guilherme de Oliveira, Luís Spencer, Azevedo, Vitorino Miranda, Carlos Camacho, Santos Mala e outros — que juntamente com as tripulações dos seus navios têm dado os mais desinteressados exemplos de camaradagem e humanidade.

ARTUR ALPEDRINHA



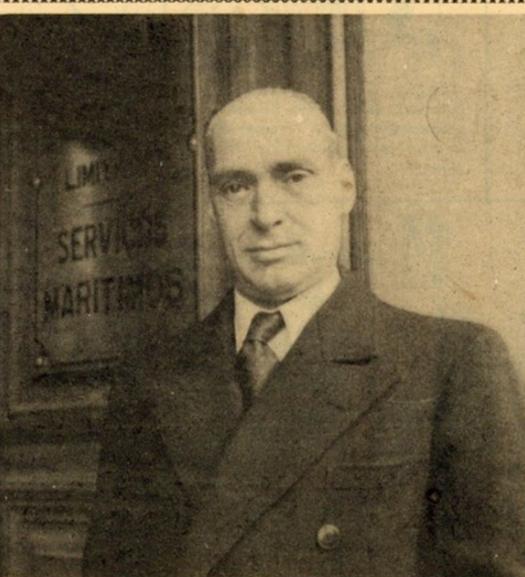
Comandante Manuel Pereira da Bela



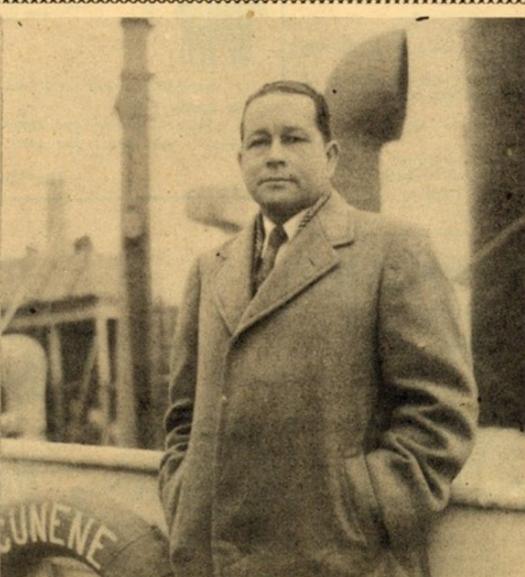
Capitão Armando Lorena



Comandante Carlos Sérgio Arruda



Comandante Gama Lôbo



Capitão Pinto e Neto

HUMORISMO

FÁBULAS DO NOSSO TEMPO

A FILOSOFIA DO CHICO BOM...

NEM sei por que chamam o Chico Bom. Ele não é nada bom — mas, enfim, tem uma filosofia sorridente, uma resposta sempre oportuna para as perguntas que lhe atiram.

Mais de metade da sua vida — é passada na cadeia. Apesar disso, ele diz sempre que é o Chico Bom. E portanto julga uma injustiça absoluta que o prendam.

Lembro-me que uma vez o juiz disse ao Chico Bom:

— Então não tens vergonha de estares aqui prêso, outra vez?

E logo o Chico Bom retorquiu, com o seu sorriso rasgado:

— Saiba Vossa Senhoria que sim, que tenho vergonha... Eu cá na queria vir... mas os senhores polícias trouxeram-me à força...

E assim o Chico Bom. Mesmo bonzinho de verdade...

Conta-se que certo dia ele pensou casar com a filha dum rico merceiro da vizinhança. Pediu uma gravata emprestada, um casaco emprestado, um chapéu emprestado e foi falar com o pai da rapariga.

Quando o ouviu, o merceiro, que conhecia bem o cadastro do Chico Bom, ia explodindo de raiva.

— Oh meu malandro, o que tu queres é roubar-me dinheiro...

Ele abriu os olhos, num ar ingénuo. E disse, muito inocente:

— Na senhora... Eu cá venho somente pedir a sua filha para minha mulher.

— É a mesma coisa, meu patife, é a mesma coisa!

E o merceiro expulsou-o da loja, ao pontapé e ao bofetão.

O Chico Bom não se queixou. Simplesmente, não devolveu nem a gravata, nem o casaco, nem o chapéu...

Mas uma das melhores do Chico Bom, sucedeu quando ele foi prêso, pela primeira vez.

O carcereiro perguntou-lhe:

— Sabes ler e escrever?

— Sei escrever, mas na sei ler...

O carcereiro apontou um papel:

— Escreve aqui o teu nome...

Chico Bom pegou desajeitadamente na caneta e riscou um rabisco qualquer.

O carcereiro ficou espantado, sem conseguir perceber a garatuja desenhada pelo Chico Bom.

— Que queres isto dizer? — perguntou ele.

E o Chico Bom, com cara de anjinho, respondeu:

— Na sei... Eu não disse logo que na sabia ler...

E assim este adorável Chico Bom — um maroto que tem passado na cadeia vinte dos seus quarenta anos. Mas é mesmo bom — pensa ele. — Tão bom que nunca rouba os que não têm nada para roubar...

GRAÇAS HISTÓRICAS

Autobrografia

«Dois anos depois, fui levado novamente à Igreja, muito bem vestido e arranjado, e creio que nada me impressionou tanto como a música. Comecei imediatamente a dançar, de tal modo entusiasmado que não houve outro remédio senão levarem-me para casa. Foi um espectáculo verdadeiramente sensacional.»

(Noel Coward: «Present Indicative»).

Fecundidade de espirito

George Sand, a sublime autora de «Ele e Ela», era dotada de uma extraordinária fecundidade de espirito. Não obstante, estava sempre necessitada de dinheiro, pois que seus parentes recorriam constantemente à sua bolsa. São de Edmund de Goncourt estas palavras, chelas de assombro:

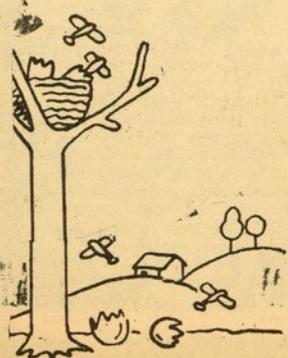
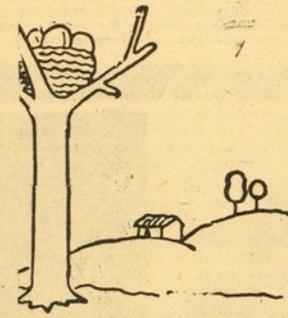
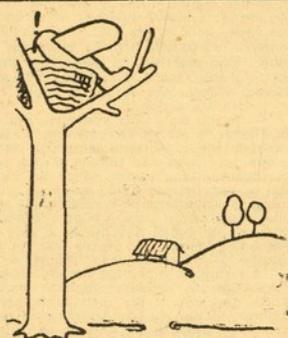
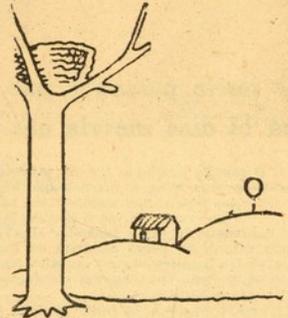
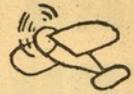
«Estive de visita a George Sand. Havia terminado um romance às nove horas e às dez preparava-se para começar outro!...»

Elogio espontâneo

Sedaine, que era uma pessoa de grande cultura e talento, nunca conseguiu, devido à sua indolência, ser mais que um mau escritor, não obstante trabalhar a prosa e verso. Uma vez, achou-se na Academia, na altura em que um novo imortal fazia o seu discurso de estreia. Terminado o discurso, Sedaine foi abraçado cheio de entusiasmo, enquanto lhe dizia:

— Há vinte anos que escrevo tolices, mas nunca escrevi nada semelhante a isso!

HISTÓRIA SEM PALAVRAS



— Que jamais seja dito, senhora Baronesa, que eu tire os óculos em presença da casta e inocente Baronezinha, para mostrar-lhe os meus olhos nus!

(420, Florença)

TRÊS PREGUNTAS DE ALGIBEIRA

PREGUNTA — Qual é o cúmulo da desgraça?

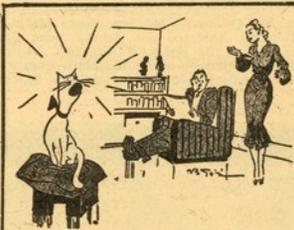
RESPOSTA — Ser mudo e vender a «Voz»...

PREGUNTA — Qual é o cúmulo da delicadeza?

RESPOSTA — Pedir licença a si próprio para entrar em casa.

PREGUNTA — Porque é que o prêto tem os dentes brancos?

RESPOSTA — Para se ver quando ele abre a boca...



O marido — Porque está miando assim aquele gato?

A mulher — Desde que comeu o canário, o gato pensa que sabe cantar...

(De 420)

MODERNISMO



— Evidentemente não fumo, nem bebo. Mas você tem alguma coisa com isso se, ao menos, apareço assim no retrato?

(Ric. Rac, Paris)

Teatro para os soldados

HOJE em dia está demonstrado que os espectáculos artísticos constituem uma esplêndida fonte de revigoramento de energias.

Tanto assim que é uso e costume ler por entre as notícias trágicas dos países em guerra umas certas locais informando que os artistas mais populares do cinema, do teatro e da rádio foram levar aos soldados um naco de alegria e de boa disposição.

De facto, temos de concordar, não faz mal algum sorrir, mesmo nas vésperas das mais tormentosas batalhas.

Por outro lado, os artistas transmitem aos soldados, aos lutadores, mais amor à vida, mais coragem para defender tudo o que é belo e sagrado.

Por isso nos lembrámos precisamente dessa ideia que nos parece oportuna e útil: agora que muitos valores do nosso teatro buscam, em vão, um lugar que os empresários lhes negam, porque não organizam uma *tournee*, patrocinada pelas entidades superiores, e que fôsse levar aos nossos soldados dos Açores e da Madeira, de Cabo Verde e da Guiné — heróicos defensores do Império — um pouco de optimismo e de alegria salutar?

Sim. Organizar-se-ia em Lisboa, com critério e mérito, uma companhia formada por alguns dos nossos mais populares artistas, escolher-se-ia um repertório de boas peças, de bons autores, de características aconselháveis — e esse agrupamento artístico percorreria os marcos de sentinela onde a Pátria se mantém vigilante.

Acreditamos no entusiasmo grande e sincero com que esse agrupamento seria acolhido pelos bravos rapazes do nosso exército. Eles receberiam assim o sorriso reconfortador da terra distante e — por momentos — esqueceriam as agruras da hora que passa afim de refazer o espírito para as horas graves de sempre.

Teatro para os soldados! Eis um alvitre que esperamos ver aproveitado. E porque é nos interessa e porque o achamos oportuno — aqui o viçamos, com sinceridade, nestas linhas.

Vários objectivos se realizariam, simultaneamente, com a concretização desta iniciativa: os artistas desempregados voltariam à cena, autores novos se poderiam revelar, caso se estabelecesse um concurso para a melhor peça original exaltando o amor ao Império e ainda, talvez, um êxito comercial nas terras visitadas.

Estamos certos, também, de que seriam prestadas facilidades para a deslocação deste agrupamento artístico. Facilidades que poderiam ir até à concessão dum subsídio especial.

Todavia nós apenas pretendemos lançar a semente, oferecendo este alvitre. Artistas e empresários, entusiastas e interessados, se pronunciariam, nesta página, dando-nos a sua opinião sobre o assunto e sobre a melhor maneira de o realizar.

É possível — que não passe dum sonho bonito, a ideia de agora.

Mas nós temos esperança. Às vezes, do sonho à realidade, não vai grande distância. Basta apenas... boa vontade!

PROCÓPIO deve o seu triunfo a uma navalha de barba

NUMA recente entrevista, Procópio Ferreira, o grande comediante que Portugal admira tanto como o Brasil, revelou algumas curiosas indiscreções sobre a sua vida artística.

Assim, recordou que o seu primeiro triunfo, o que lhe abriu verdadeiramente o caminho da consagração, foi devido a uma simples navalha...

Eis como as coisas se passaram: Jovem ainda, Procópio trabalhava no "Politeama", com a companhia de Martins Velga. A única pessoa que confiava nos futuros triunfos do moço artista, era o proprietário do teatro, o senhor Mayer.

Todavia, os outros artistas alvejavam-no constantemente, ridicularizando-o a propósito de tudo.

A certa altura, levaram à cena uma peça em que Procópio fazia um pequeno papel de "chefe de escritórios". Ele bem se esforçava por representar bem, sobretudo num diálogo importante que tinha com um seu empregado. O empregado, porém, propositadamente, estragava-lhe a interpretação abafando-lhe a voz e não o deixando à vontade.

Foi então que a ideia germinou no cérebro inteligente de Procópio.

Numa noite, quando o empregado, no auge da discussão, tentava abafar-lhe a voz, Procópio, ines-

peradamente, sacou duma enormíssima navalha de alumínio — uma navalha tão grande como ridícula.

Apanhado de surpresa, o outro, o empregado, assustou-se, recuou e ia caindo.

As gargalhadas na platéia romperam frenéticas, sucessivas. Uma ovação delirante consagrou o primeiro triunfo de Procópio.

Desde aí, essa cena teve de manter-se na representação. Era o clímax da peça, quando Procópio puxava pela sua navalha de barba, descomunal e horrível, e o empregado parecia sumir-se pelo chão abaixo.

Assim se conseguem, às vezes, com simples golpes de inteligência — triunfos grandes e decisivos...



JEAN COCTEAU

o homem das mil surpresas...

BASTARIA o Jean Cocteau, poeta, para definir uma personalidade forte e indiscutível.

Mas temos de contar, também, com o Jean Cocteau, romancista, o Jean Cocteau, pintor, o Jean Cocteau, músico e... ainda com o Jean Cocteau, realizador cénico.

Tudo isso e mais alguma coisa — num homem só. Eis porque de quando em quando, éle, o mágico, nos oferece

uma das suas surpresas: salta da poesia sensuista, para o teatro clássico.

Jean Cocteau apaixonou-se, de repente, pelas figuras de paixão lendária: Edipo, Fedra, Romeu, Julieta, Tristão, Isolda...

E cria um tema «A volta eterna». E sobre esse tema, faz esta coisa simples e admirável: constrói uma história de amor dos tempos de hoje com o halo de tragédia dos tempos de ontem.

Para éle — a história repete-se, sempre e sempre. «Nos mitos eternos, encontram-se sem cessar todos os aspectos da vida quotidiana de hoje.

Que nos dará amanhã Jean Cocteau, o mágico, o homem das mil surpresas? Não sabemos — nem éle próprio talvez o saiba ainda...

As três pancadas

Carnaval... a mais?

NO Teatro Variedades, no domingo de Carnaval, a peça em cena «O escorpião», uma daquelas imitações de João Bastos, foi cortada para conveniência do espectáculo. Não sabemos quem foi o autor dos cortes — nem que critério assistiu a essa «operação».

Sabemos simplesmente que a peça ficou manca, por completo e que no fim alguns espectadores perguntavam: «Mas já acabou?» Sinceramente, éles não tinham percebido.

É certo que na época de Carnaval são permitidas muitas brincadeiras, mesmo como aquêle dito espirotooso que Erico Braga meteu por sua conta num dos diálogos com Luiz Campos.

Mas a partida de cortar a peça para a tornar ainda pior e para que o público percebesse menos de tóda aquela embrulhada — isso parece-nos carnaval... a mais.

Imaginação... a menos?

Ainda sobre o Carnaval no Variedades. Foi posta em cena uma revistazinha onde Maria Matos, ainda que dentro dum género impróprio para ela — como professora do Conservatório — tinha uma interpretação engraçada e aplaudida: a menina do Rádio.

Mas não é disso que desejamos falar. É do facto de Erico Braga repetir na revista, sem explicação alguma, um estribilho que empregara com certa felicidade na comédia «Os vizinhos do rez-do-chão».

Se não nos enganamos, os autores dessa comédia foram os mesmos da revista. Porque transformaram éles o estribilho em rábula? Comodidade ou falta de imaginação?



REPÓRTER DOIS

DESPORTO

JÚNIORES

O campeonato de júniores, de futebol, tem decorrido com normalidade e está despertando compreensivo interesse; conhecer os rapazes que amanhã poderão ser «ases», disfrutando da popularidade que hoje é propriedade de outros, «adivinhar-lhes» o jéto, descobrir-lhes particularidades que possam constituir pontos de partida de futura profeção, sua personalidade, enfim, é de facto, um assunto de interesse.

Fomos sempre partidários das provas para iniciados, quando assentes em bases de sã pedagogia e obedecendo a salutaris princípios fisiológicos. Pensamos que se deve principiar pelo princípio. Ensinando conscientemente, acompanhando a par e passo o desenvolvimento gradual do adolescente, inoculando-lhe de modo persuasivo o sentido técnico e mantendo-lhe bem presente a necessidade duma rigorosa atenção às reacções do organismo. Só assim se atingirá um coeficiente notável de produtividade, quer se trate de futebol ou de outra modalidade, quer da simples mas indispensável ginástica — a basilár educação física.

No caso presente do futebol, os campeonatos de júniores não são mais do que delicados campos de cultura, para os quais todos os cuidados são poucos.

Dêles depende o futuro da espectacularidade, a renovação dos quadros dos clubes e a representação nacional nos pleitos com outros países. Como nada se faz sem tempo, a passagem dos rapazes por uma escala metódica de responsabilidade de competição, só lhes traz vantagem, adaptando-os progressivamente às variadas cambiantes que o jôgo fornece, dando-lhes experiência, «scalo», que só por etapas — e não de um só facto — se podem adquirir.

A Federação de Futebol tem demonstrado indiscutível zêlo na organização do torneio de júniores. Procura rodear os prélios das garantias indispensáveis a uma boa regular acção. Lembra aos clubes a conveniência dos jovens jogarem de manhã, fora da influência das assistências compactas, evitadas de vícios e de patzão, nocivos aos espíritos dos que começam. Recomenda que os campos sejam devidamente policiados e sugere ainda que, sendo possível, os espectadores se limitem aos sócios dos iniciados. Estabelece mais: que os árbitros devem ser escolhidos entre os reconhecidamente mais aptos, para que a sua acção possa ir além de simples assinalações em falhas. O árbitro na competição dos jovens, tem de ser um pouco explicador. Não vai dar lições de futebol, mas elucidará de forma explícita, a verdadeira finalidade da aplicação de uma determinada sanção, e o espírito que enforma qualquer lei, susceptível de ser menos rapidamente assimilável pelo jogador. Aos poucos, sem pressas, o júnior irá conhecendo as leis que regem o seu jôgo, e mais tarde, quando atingir o pósto de honra, não poderá alegar ignorância. Valoriza-se o indivíduo, valoriza-se a aprendizagem que representa, valoriza-se o futuro.

Quando em 1938 estivemos em certo país da Europa, recorda-nos que um dirigente, em conversa amena, nos declarou serem os campeonatos de júniores absolutamente necessários ao desenvolvimento de qualquer modalidade desportiva, muito em especial no futebol, tão popular e tão difícil de ser bem jogado, exactamente porque, para uma turma saber o que quer fazer, é preciso que haja, não onze homens a dar pontapés na bola, mas sim onze jogadores que saibam como a hão-de encaminhar no momento conveniente. A teoria afigura-se-nos certíssima e mostra que no futebol, como em tudo na vida, não se nasce ensinada e que antes de ser mestre tem de se ser aluno.

Os campeonatos de júniores merecem, pois, ser louvados — e estimulada a sua difusão a todas as modalidades.

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

O Dr. Abrantes Mendes fala-nos dos Fósforos



O dr. Abrantes Mendes recorda épocas interessantes do futebol nacional, e depois de ser localmente mente um caso especial dentro do clube onde se fez jogador, o Sporting. Foi extremo direito, interior do mesmo lado e avançado centro. Sempre por direito de conquista, por mérito próprio, imbuído na ala esquerda do ataque. Marcou um lugar e já depois de ter suposto concluída a sua missão, ainda, por necessidade do clube, voltou à liça. Um dia, com uma bagagem recheada de conhecimentos, apareceu treinador do extinto Caravelinhos e em determinada altura, como também fosse preciso, tornou a calçar as botas para enfileirar entre os seus pupilos.

O redemoinho do tempo levou-o a novo período de inactividade, até que hita um ano o seu nome regressou uma vez mais para ensinar. O Fósforos, a simpática colectividade de Marvila, confiou-lhe a preparação técnica dos seus futebolistas. Abrantes Mendes aceitou o encargo, com prazer, porque futebol para ele foi sempre uma paixão, quasi uma necessidade. Sem exhibitionismos, sem barulho, o antigo jogador «leão» dedicou-se com carinho ao trabalho, desenvolvendo e aperfeiçoando as qualidades dum matéria-prima, que pode não ser muito abundante, mas

que é incontestavelmente valorosa e dedicada.

Um grupo não se faz, todavia, de um dia para o outro e não obstante a turma de honra, do Fósforos ter evidenciado sensíveis progressos em relação à época transacta, não pôde ainda furtar-se ao último lugar da Divisão de Honra, que a forçou a defender a sua posição contra o campeão da Divisão Inferior.

Presentemente, o seu lugar na Divisão de Honra está em discussão. O Estoril-Praia disputa-lho pela terceira vez consecutiva. A pelega é árdua. Foi para conversarmos sobre ela, que procurámos o dr. Abrantes Mendes, no Tribunal, onde exerce a sua actividade.

— Fomos apanhados um tanto de surpresa com a marcação dos jogos para agora. Contávamos realizá-los depois de concluído o campeonato nacional da II Divisão. Por circunstâncias várias, que não merece a pena escarpelizar, porque o mal é velho, os jogos efectuaram-se agora. Está bem.

— Está bem? O grupo encontrava-se preparado?

— Tinha alguns jogadores em descanso e um castigado. Aquêles, porém, nunca deixaram de ter contacto com a bola; não competiam, simplesmente. De resto, o grupo está preparado. O resultado obtido no Estoril nada desespera. Se contasse a média de «goals» era pior. Assim, com a possibilidade de rectificação, tudo pode mudar, como no ano passado.

— Os jogadores não tiveram estãglo?

— Abrantes Mendes sorri: — Não senhor. Fizeram sempre a sua vida normal. Gente essencialmente de trabalho, não pode perder um par de dias que seja.

No Fósforos são todos amadores.



Futebol entre a R. A. F. e o exército, em Alger. Jogaram «ases» do futebol inglês e os aviadores venceram por 5-1. Os capitães cumprimentam-se perante 60.000 espectadores

AUGUSTO SILVA analisa o Estoril-Praia



AUGUSTO SILVA!

Este nome assinala uma das épocas mais gloriosas do futebol português, que atingiu a culminância em 1928, nos Jogos Olímpicos de Amsterdão. Quantas jogadas de mestre, quantas arrancadas magistrais à procura de um tento que resolvesse uma situação, quantos quadros de beleza atlética e de dedicação clubista, Augusto Silva ofereceu pelos campos do País — e no estrangeiro!

— Era o Belenense a recuperar terreno, e um quarto de hora do fim, quando a derrota já parecia certa, mercê da acção indizível do seu médio-centro; eram as suas recargas famosas; era a turma nacional a vibrar com o seu querer que não cedia; era toda uma página de história a compôr-se, para mais tarde ser recordada com saudade.

Augusto Silva, o leão de Amsterdão, foi um jogador inconfundível. O público e a crítica estrangeiros, tributarão sempre justiça ao seu valor.

Ele foi, de facto, nessas jornadas memoráveis das Olimpíadas, um árbitro decisivo do papel preponderante desempenhado pelo «onze» de Portugal.

No prélio de estrela, contra o Chile, os portugueses estavam perdendo por 0-2. A célebre linha média, Figueiredo, Augusto Silva e

O único dinheiro que os jogadores recebem é apenas o dos prémios dos jogos: 50800 por vitória, 30 por empate e 10 por derrota. Nada mais. Claro, que eu tinha um plano de preparação, quando se aproximavam as datas dos jogos, que previamos como já disse, lá mais para diante. Não o pude desenvolver totalmente. Mas repito: o grupo está preparado e a vontade dos rapazes é inquebrantável. Até ao último minuto que tenham de jogar, darão tudo por tudo. Quanto a isso é ponto assente, sobre o qual não pode haver dúvidas.

— O Estoril Praia tem um bom grupo?

— Absolutamente. Merecia sem favor estar na Divisão de Honra. E já defendi, públicamente, quanto o futebol beneficiaria com a sua inclusão na Divisão principal. A sua permanência na II Divisão tira o interesse ao Campeonato, pelo desnível existente e não estimula os restantes concorrentes. No bloco superior, animaria e poderia muito bem igualar-se aos melhores.

— Então...

— O número de clubes da Divisão de Honra deveria ser aumentado. O Fósforos, hoje, já tem um contributo importante dado à causa do futebol, já ganhou um certo «scalo», que lhe dá jús a continuar nela. Se descer é uma injustiça.

— Mantém portanto as melhores esperanças para domingo próximo?

— Evidentemente. Aguardo serenamente o desfecho da luta e sei que os jogadores corresponderão à confiança que eu, os dirigentes e os seus adeptos, neles depositam.

César, agüentou bem o desnível, e como tantas vezes sucedeu, insuflou coragem a todo o grupo. De tal sorte, que já no fim do primeiro tempo a contagem estava igualada e na segunda parte, a vitória portuguesa tomava expressão indiscutível.

Depois... o tento do triunfo, obtido contra a Lugoslávia, quasi no fim do jôgo, quando os lusitanos acusavam cansaço que os derrotaria por certo, no prolongamento. Grande e inolvidável momento foi esse!... Corria o ano de 1928...

Hoje... Augusto Silva, homem do mar, exerce a sua actividade no Arsenal da Marinha. Retirado das competições, cedendo o lugar a outros — e que difícil tem sido encontrar-lhe substitutos! — não deixou todavia de querer ao futebol.

De jogador, Augusto Silva passou a treinador do clube que tanto honrou. Pouco tempo, porém, se manteve nesse pósto, em virtude de compromissos da sua vida profissional, que o forçavam a afastar-se do País, como componente dos navios de guerra.

Regressado a Portugal, com carácter possivelmente definitivo, Augusto é no momento, treinador do Estoril-Praia, a progressiva agremiação da Costa do Sol, que os Fósforos está disputando o direito de ingresso na Divisão de Honra.

Com die trocimos impressões sobre o pleito em curso.

— O desafio de domingo foi prejudicado pelo mau tempo. Se o terreno estivesse seco, o Estoril-Praia marcaria maior vantagem.

— Mas ficou satisfeito com o desfecho do jôgo?

— Claro. A primeira etapa venceu-se bem...

— ...E a segunda?

Augusto Silva tem um sorriso discreto, característica de sempre: — Veremos... Sou contrário a prognósticos. Creio todavia, que podemos encará-la confiadamente.

— Sim. Atingiu um período que considero prometedor, quanto a ligação, conhecimento perfeito dos jogadores e confiança recíproca.

— Qual o seu sistema de treino?

— O individual. Esclareço: trabalho o jogador individualmente, tentando corrigir-lhe os defeitos e apurar-lhe as qualidades. Tornando o meu critério maleável, consoante as características de cada um. Como padrão de jôgo, cruzamentos largos dos médios aos extremos e trocas curtas entre o trio central, mas sempre a caminhar rápido para a baliza.

— E treino de conjunto?

— Vinte minutos, meia hora, o máximo. E às vezes, para lhes fazer a vontade...

— Estiveram em estágio, em Bucelas?

— Sim, desde sábado górdo. Visitando principalmente, a cuidados de alimentação e repouso conveniente.

Um paréntesis, para dizer que os estorilenses voltaram ante-ontem para Bucelas.

— Parece-lhe que deveria fazer-se o alargamento da Divisão de Honra?

Categoricamente: — Sem dúvida. O Estoril pode passar, mas também não é justo que o Fósforos desça. Tem um lugar e marcou uma posição. O campeonato principal nada perderia e o da Divisão inferior só teria a lucrar.

E com esta opinião, gêmea da do treinador do Fósforos, terminou a breve «charla»...

VAMOS TER TEATRO RADIOFÓNICO A SÉRIO



DOIS ARTISTAS PORTUGUESES NA RÁDIO AMERICANA

L EONOR de Bivar Viana da Mota, filha de artistas ilustres, é também uma artista de grande classe. O público de Lisboa conhece-a. Mas, tanto como o público de Lisboa, conhece-a o público estrangeiro — da Alemanha, da Bélgica, de Londres, dos grandes centros em que o conceito do canto sobe à mais alta expressão de arte. De facto, Leonor de Bivar Viana da Mota, que estudou canto em Lisboa com Marina Devander Gabriel e se aperfeiçoou depois na Alemanha, tanto lá fora como em Portugal tem mostrado sempre a fina estirpe de artista donde provém. Como um dos primeiros elementos da Missão Cultural do S. P. N., Leonor Viana da Mota percorreu todo o país, levando aos quatro cantos de Portugal a sua voz privilegiada, uma verdadeira mensagem de arte; como concertista, na Alemanha e na Bélgica, obteve os maiores aplausos.

Recordam-se da visita do Rei Leopoldo da Bélgica à legação de Portugal em Bruxelas — uma honra excepcional! — em 1937?

Leonor Viana da Mota esteve nessa festa e cantou para o Rei, como seu pai, Mestre Viana da Mota, que foi expressamente de Portugal, este também ao piano enchendo os salões da legação com a sua grande arte.

Pois bem: um dia deixou de se falar da jovem artista. A Missão Cultural desaparecera. Leonor procurara outros horizontes: os do amor. Casara com Sampaio Brandão, cantor de mérito e profissão, diplomado pela Sorbonne em estudos musicais. E, um belo dia, a bordo de um «Clipper» — ou talvez não... — voaram para a América do Norte. Peregrinaram, então, o seu amor e a sua arte pelos Estados Unidos, onde colheram aplausos nos concertos que deram. Até que um dia, Sampaio Brandão entrou para locutor da World Wide Broadcasting Foundation — e todos os dias na «Voz da América», o ouvimos nas emissões em português!

Leonor de Bivar Viana da Mota — agora senhora Leonor Sampaio Brandão — trabalha com o marido:



é a «Maria Fontalvo» das 21,45, que faz palestras sobre assuntos femininos, de Nova York para todo o mundo!

Leonor, assim tão jovem, que colheu tantos aplausos como artista, renunciou, então, à carreira de cantora?

Se daqui lhe pudessemos fazer a pergunta e ela nos pudesse responder, com certeza que Leonor nos diria que não. A sua arte, que reis aplaudiram — pois não foi convidada pela rainha, mãe de Leopoldo da Bélgica, para dar, só para ela, um concerto no seu palácio de Bruxelas? — certamente não lhe dará consentimento para que a filha de Viana da Mota se recolha a um silêncio de avezinha ferida. E logo que nasça o seu segundo «enfant» — Leonor é mãe da pequenina Inês que se vê na foto — que não deve já tardar, grande artista voltará a pisar os palcos do mundo em paz e os microfones da rádio, para cantar.

Estamos certos — e disso fazemos votos!

Seria, de facto, uma óptima lição que a Emissora daria nos descrentes e nos desdenhosos se apresentasse programas de teatro radiofónico verdadeiro, puro, sem malabarismos literários de pouco interesse ou indigestos que dizem segredos, berrando junto do microfone.

Vamos lá, justiça seja feita, alguma coisa de promissor se tem realizado ultimamente. E ainda que alguns dos programas bons comecem a revelar cansaço dos organizadores e repetição dos temas — uns elementos têm surgido, de valor indiscutível, na nossa rádio.

É com eles que a Emissora conta? Não sabemos. Apenas poderemos sugerir que não sobrecreguem os elementos bons — para que amanhã não possam demonstrar o cansaço e a repetição de outros que nós conhecemos.

E, entretanto, esperamos. Esperamos, sinceramente confiados.

Duas tentativas merecedoras de aplauso estão diante da nossa expectativa: a de «Horizontes Novos», com as suas promessas, e a da Emissora, com as suas possibilidades.

Qual delas se concretizará, primeiro, com êxito? A resposta pertence ao futuro!

REPORTER DOIS

A NOSSA CAPA

Na capa do nosso número de hoje publicamos uma foto de Maria Eugénia e Oscar de Lemos numa das primeiras imagens do novo filme «A Menina da Rádio»

O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO

Qual a vedeta mais popular da nossa rádio?

5 Valiosos prémios

SERÃO SORTEADOS ENTRE OS CONCORRENTES!

V AI ser bastante renhida a luta para a conquista do título «A vedeta portuguesa mais popular da rádio», luta essa que começa já a desenhar-se e com grande nitidez. De toda a parte chegam cartas e bilhetes-postais que são votos para o grande concurso da «Vida Mundial Ilustrada».

Todas as nossas vedetas da rádio já possuem o seu voto. Nomes ainda não consagrados surgem de repente. Quem sabe se a artista preferida do nosso público não sairá de um pequeno pósto? Quem sabe se a vedeta portuguesa mais popular de rádio não será, hoje, uma desconhecida ou quasi desconhecida da «crítica oficial» e do grande público?

5 PREMÍOS!

O interesse despertado pelo nosso concurso obriga-nos, com

bastante prazer, a dar-lhe maior amplitude. Assim, «Vida Mundial Ilustrada» além da grande festa que tenciona realizar numa das nossas melhores salas de espectáculo, onde a vedeta portuguesa mais popular da rádio será consagrada, oferece também, para serem sorteados pelos admiradores e admiradoras dos cinco primeiros classificados, cinco valiosos prémios que constam de... Mas é melhor nada dizer por enquanto. Aí fica apenas a notícia, meia velada, para acicatar a curiosidade dos nossos leitores. Talvez no próximo número se desvende mais qualquer coisa...

A PRIMEIRA ÉTAPA

Atenção radiófilos de todo o país! Terminou hoje a primeira etapa! Vai proceder-se à contagem dos votos. No próximo número

será anunciada a vencedora desta primeira jornada para a conquista do título de «A vedeta portuguesa mais popular da rádio?». Quem triunfará?...

SEGUNDA ÉTAPA

De hoje até ao dia 8, serão aceites os votos para a 2.ª etapa do nosso concurso. Esses votos têm que ser enviados no coupon que publicamos. É preciso que todos — todos, notem bem! — os admiradores desta ou daquela vedeta saiam do «debaix andar» habitual e indiferente dos admiradores-platónicos, para correrem, entusiasmados, a lutar pela vitória da sua preferida. Querem melhor oportunidade do que esta para manifestarem carinho e simpatia pelas suas vedetas queridas?

Atenção, pois, radiófilos de todo o país! Envíem hoje mesmo o seu voto! Digam-nos qual a artista da nossa rádio que preferem. Mas não se esqueçam de mencionar, de forma bem legível, o nome e morada, para efeitos da distribuição dos prémios. Para isso basta preencher o «coupon» que vem publicado em baixo, e enviá-lo à redacção de «Vida Mundial Ilustrada» (Concurso de Rádio), Rua da Emenda, 69, 2.ª — Lisboa.

A pergunta aqui fica, uma vez mais: Quem será a vedeta portuguesa mais popular da rádio? Quem vencerá a 1.ª etapa?

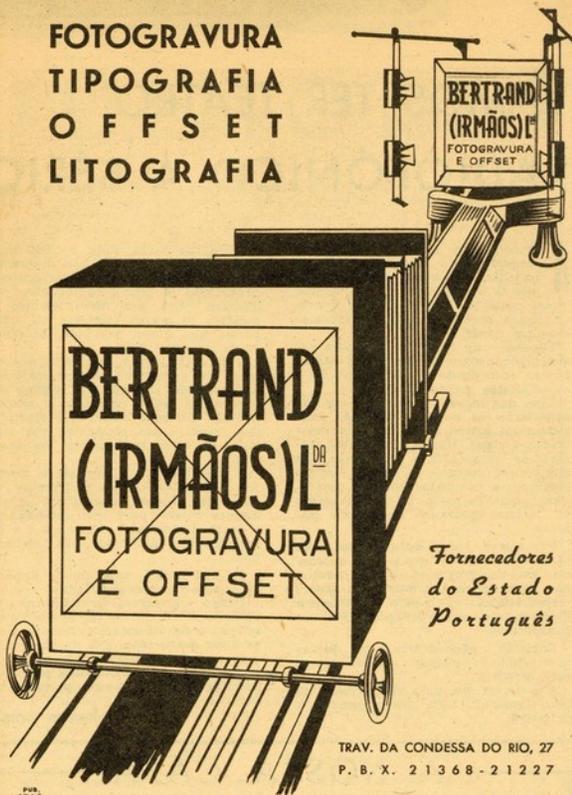
CONCURSO DE RÁDIO

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

2.ª etapa

Voto em
 Nome
 Morada
 Pósto em que trabalha

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
OFFSET
LITOGRAFIA



Fornecedores
do Estado
Português

TRAV. DA CONDESSA DO RIO, 27
P. B. X. 2 1 3 6 8 - 2 1 2 2 7

O último jornal

(Continuação da pág. 32)

riola propôs ir em à doca ver um «barco grande que estava arrombado». Ao cimo da Avenida um carro eléctrico surgiu e êle lépido, gritou: — «Eh! malta, eu sou o primeiro vão ver!» Mas, coisas da vida, o salto foi mal calculado, e, dentro em pouco, nada mais restava do que um corpo estendido no pavimento. Depois êles — os seus amigos — viram-no partir na ambulância que, silvando lancinante, rolava Avenida fora. Sentiam que haviam perdido alguém muito querido, mas

eram demasiadamente novos para apreciar uma leal amizade.

No templo do Silêncio, erguido na cidade turbulenta, sobre o mármore branco e frio duma mesa, seu corpo. Na face um sorriso. Tudo para lá ficara: o mar, as gaivotas, as barcas...

Na sacola, ainda empastada de sangue, o último jornal... E nos lábios entreabertos e gelados pairava o mesmo terno sorriso, aquêle que êle tinha quando via a Mónica, alegre e donairosa, bater as tamanquinhas nas lages do pátio.

PELES

A primeira casa especializada do país.

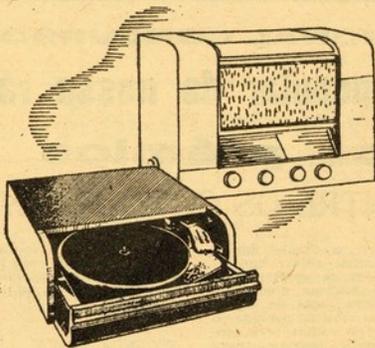
Manolita

APRESENTA:

Preziosos modelos e peles para a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha exclusivamente em peles, são dirigidos por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende a preços acessíveis.
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160
Telefone 40961



Modernize o seu rádio

Transforme-o num rádio-gramofone aplicando um discofone eléctrico próprio para REPRODUZIR DISCOS através de qualquer aparelho receptor

Modelos para corrente alterna
Modelos para tôdas as correntes

Peça uma demonstração nos
EST. VALENTIM DE CARVALHO
RUA NOVA DO ALMADA, 97

Corte o mal pela raiz!



Com a aplicação do

CASULO Limpa-Fatos

opera-se o mal pela raiz, sabido que lustro, nódoas, mau cheiro são eliminados, ficando as roupas com aspecto de novas e mais duráveis.

Síntese admirável de 8 substâncias químicas inofensivas, actua sobre os tecidos renovando-os. Cada pacote custa apenas 2\$00 e dá para 1 litro de soluto.

Em tôdas as drogeries
REVENDA
Schroeter & Almeida
Rua da Madalena,
128, 2.º — LISBOA



O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL
vendida em tôdas as livrarias
Uma magnífica edição de
«VIDA MUNDIAL»



ÁGUA CRÊME PO DE ARROZ

Rainha DA
Hungria

3 produtos indispensáveis à pureza e frescura da epiderme. SÃO PRODUTOS



Mme Campos

ACADEMIA CIENTIFICA DE BELLEZA
AVENIDA DA LIBERDADE, 35 - LISBOA
TEL. 21866

Composição e impressão: Bertrand (Irmãos), Lda., — T. Condições do Rio, 27 — LISBOA

UMA ENTREVISTA A PROPOSITO

Os rapazes do salão dos excluídos não querem ser rebeldes...



— Então, temos um acto de rebeldia?

Com esta pergunta iniciámos a conversa com Estêvão Soares, um rapaz novo, alofrado, alto e magro, que nos tinham indicado como o organizador deste certame de dissidentes.

Ele, porém, que é pintor e tem razões de queixa, apressou-se a explicar:

Nada disso, não é um acto de rebeldia. Acredito, mesmo, que alguns dos que hoje aqui expõem um dia irão parar ao estúdio do S. P. N.

— Então?...
— Eu lhe digo. Nós e alguns mais que não estão aqui representados, enviamos os nossos trabalhos para o Salão de Arte Moderna. Mas o Secretariado devolveu-nos os trabalhos e impediu-nos a representação, alegando que não tinham já espaço para nós. E nós, que reconhecemos essa verdade, porque as paredes do estúdio já mal chegam para a meia dúzia de modernistas consagrados, resolvemos, então, expor aqui nos «100 à Hora». Pretendemos que a exposição fosse simultânea do Certame do Secretariado mas, não obstante o nosso desejo e a boa vontade da direcção deste clube, só agora foi possível.

— Como se reúniram?
— Fêz-se a convocação pelo jornal. É possível que falte ainda muito artista que não foi directamente convidado. E faltam, mesmo, talvez, outros artistas que já têm nome e que não quisessem tornar pública a recusa do júri do S. P. N...
— São todos novos os artistas que expõem no Salão dos Excluídos?

— Todos novos e quasi todos expositores em primeira mão. Como vê, há aqui de tudo que represente interpretação nova da vida e da arte. Algumas ousadas, sem dúvida. Mas também há trabalhos que acusam equilíbrio e desenho, não obstante todos estes rapazes constituírem um caso à parte: não se guem escolas, não tem programa.

Pintam como lhes é sugerido pelo objecto de inspiração artística.

— Que tencionam fazer, depois de encerrada esta exposição?

— Prepararmo-nos para outras, isto é, continuar a pintar... São treze os expositores aqui reunidos. Passaremos a formar uma família, reunimo-nos em tertúlia... A Tertúlia dos 13!...

— Não sabem, então, ao certo, quantos teriam sido excluídos?

— Não sabemos. O S. P. N. não quis ou não pôde fornecer-nos a lista dos que foram postos de parte...

— E pensam que será possível figurarem futuramente no Salão de Arte Moderna?

— Porque não? Não é um certame aberto a todas as ousadias, a todas as liberdades artísticas? Por que haviam de fazer restricções? Com o tempo, acredito e julgo que acreditam quantos aqui expõem, ou as paredes hão-de aumentar ou os consagrados hão-de diminuir... O sol quando nasce é para todos. De resto, eu próprio falei com o Dr. Silva Bastos, que dirige no S. P. N. a secção de organizações públicas, e que não viu o menor inconveniente na nossa iniciativa. Lá fora, as exposições dos excluídos são frequentes. Porque, infelizmente, em toda a parte e em todos os tempos, sempre houve quem se queixasse. Aqui, não haverá obras-primas, repito. Mas não me parece que haja uma só indigna de figurar no Salão de Arte Moderna...

Desandamos. Damos uma volta pela sala que não será excepcionalmente feliz para certames desta natureza. De facto, ali há de tudo que reflecta audácia e inquietação. O simbolismo à maneira de António Pedro parece que faz escola. Algum é tão complexo e impenetrável, que precisa de legenda. Eis o que José P. de Serra escreveu no seu quadro «Imortalidade»:

O quadro descreve-nos como um grande artista — violinista, assim o mostra o instrumento — se tornou célebre. A espiral escura representa a época em que procura tornar-se conhecido e a conseguir. Um grande desgosto fá-lo sonhar lágrimas de sangue. Então, compõe músicas formidáveis que toca com grande sentimento. E começa a ser apreciado em todo o mundo. A linha recta luminosa representa os anos em que percorreu os vários países, realizando concertos. A voz da glória é indicada por uma estréla.

Dizemos a Estêvão Soares que, de facto, o quadro sem legenda seria incompreensível e preguntamos se também eles não fizeram exclusões.

— Seria o cúmulo! — diz o artista sorrindo.
E assim terminou a nossa palestra.

PAISAGENS DE JAÍME MURTEIRA

JAÍME Murteira, conquanto seja um dos artistas da nossa geração, não abandonou a técnica e a concepção dos mestres da pintura clássica. Nem por isso, porém, ele fala menos à sensibilidade de quem o vê e aprecia. Pelo contrário. Depois de cançarmos os olhos em tanta inquietação que às vezes mal consegue esconder a ingenua ignorância dos inquietos, sabe bem repousar a vista e o espirito nestas telas, nêstes quadros de Jaime Murteira, expostos na S. N. B. A., e a que não falta, indiscutivelmente largueza de vistas e momentos emocionais da mais bela expressão.

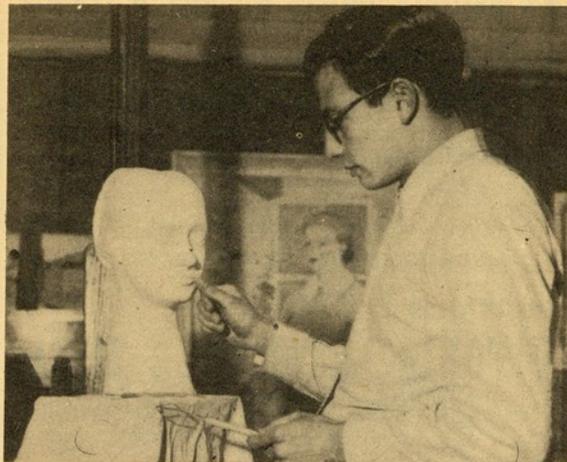
Com efeito, Jaime Murteira — ele pertence àquelles que ainda ostentam o nome dos seus professores como um título de nobreza, ao contrário de outros que nascem ensinados e para os quais não são precisos mestres — é um artista nobre na arte e sério nos processos com que pinta. A sua linguagem entronca-se em Frederico Aires, mestre de pintura e, por excelência, pintor de paisagens como o seu discípulo. Este, porém, embora acuse os processos aprendidos com o mestre, já não precisa de tutela. Pode dizer-se que atingiu plena maturidade em alguns trabalhos — aquelles, precisamente, em que mais se afasta do bom exemplo e do bom conselho do mestre,

para se erguer, com a sinfonia da sua paleta, em franca liberdade.

São cinquenta os trabalhos agora apresentados — cremos que alguns já conhecidos noutras exposições, ou não? — mas, em tão vasta e harmoniosa produção nem um só se afasta da verdade artística que em si próprio Jaime Murteira encerra. A sua galeria é realmente honesta nos propósitos, sólida na realização e perfeita no conjunto em que há aldeias aninhadas à sombra das grandes árvores e fontes matando a sede à terra luxuriante.

Ao contrário da paisagem de Frederico Aires, onde a paisagem agniza num suave arroxeadado de pôpsto, esta de Murteira é captoza e viva nos tons de sol e na pujança dos verdes. E aí está — assim pensamos — a maior, a mais fundamental das diferenças entre o mestre e o aluno. Os olhos de Murteira não precisam de vestir a terra de cores invisíveis para nos traduzir o seu lirismo. Este, pelo contrário, vive de uma realidade aproximativa da arte e da natureza, quer se fique pelas veredas estreitas da Malveira ou pela melancollia ribeirinha de Carenque — quer se faça de longada até Alcabaca, onde o artista recolheu um tão lírico recanto, no seu quadro «Moimho da Fontinha».

ARTES



NASCEU UM ESCULTOR...

A arte será hereditária? Se assim é, aqui temos um caso a ilustrar a razão dos que a têm: Rafael Botelho, filho do pintor Carlos Botelho, herdou — ainda em vida do pai... — esse microbiozinho da arte que vivia incipiente no seu espirito do bom rapaz bonacheirão — pelo menos tão bonacheirão e bom rapaz como o pai...

Ele é hoje um atarefado aluno do Instituto Superior Técnico, aprendeu desenho e modelação nos primeiros anos do liceu, com a indiferença com que nós bebemos um copo de «glacé», quando não temos muita sede. Pois, um dia destes, Rafael surgiu escultor. Arranjou um pedaço de barro, amassou, modelou, fez a irmã tomar algumas posições à luz e contra-luz da janela — e apareceu «Raquel», o busto que reproduzimos nesta foto, notável de delicadeza e semelhança com o modelô.

Preguntámos a Rafael Botelho qual será o seu próximo trabalho e se pensa em continuar a trabalhar a escultura. Mas êle franziu muito o nariz e disse que ainda não tinha resolvido. No fundo, receia comprometer o curso e vir a morrer de «tanga»...

De qualquer modo, porém, pode dizer-se que nasceu um escultor!...

As ilustrações de João Carlos no S. P. N.

ARAS vezes um artista se terá excedido a si próprio e ao conceito que d'êle havia, com agora João Carlos, que expõe uma valiosa e vasta colecção de trabalhos no estúdio do Secretariado da Propaganda Nacional. A leveza, a originalidade, a pujança do ilustrador que é hoje, talvez, o primeiro artista no género, erguem-se numa poliformia de cores e de linhas majestosas, por vezes de inexecdível encanto.

João Carlos é um artista novo pela forma e pelo espirito, e bem se pode dizer que êle vem, com esta sua vasta galeria, trazer-nos uma das mais belas afirmações de arte, neste ano em que tão pouco de grande e absoluto nos tem sido apresentado nos domínios das artes plásticas.

A inauguração da exposição, onde esteve António Ferro com a sua dinâmica presença, foi muito concorrida. E muito concorrida de visitantes tem sido a exposição — e ainda bem. Em Lisboa ainda há gente de bom gosto.



Uma colecção excepcional!

AS MAIORES OBRAS DO NOSSO TEMPO

publicadas pela EDITORIAL SÉCULO

Seleccção de obra primas de todos os países

Livros seleccionados para pessoas
de bom gosto literário

Ter na sua estante estas obras, é possuir as
maiores criações do espirito contemporâneo

VOLUMES JÁ PUBLICADOS:

VITORIA, QUATRO E MEIA

por CÉCIL ROBERTS. Um originalíssimo romance
da literatura inglesa. (Esgotado)

NAO SE VOLTA AO PASSADO

por ALBA DE CÉSPEDES. Famoso romance italiano
já traduzido em 20 linguas. (Quasi esgotado)

A SOLTEIRA

por THEODORE DREISER. Grande romance ame-
ricano traduzido em todas as linguas. (Recentemente
publicado)

A GLORIA DE DON RAMIRO

por HENRIQUE LARRETA. Um dos mais célebres
romances da Argentina. (Acaba de sair)

A SAIR BREVEMENTE:

VIAGEM AO FIM DA NOITE

por LOUIS FERDINAND CELINE (francês)

O REGRESSO

por THOMAS HARDY (inglês)

VINTE E QUATRO HORAS

(Título provisório). Por LOUIS BROMFIELD
(americano)

DON SEGUNDO SOMBRA

por RICARDO GUIRALDES (argentino)

À venda em todas as livrarias do País

Pedidos à EDITORIAL SÉCULO

Rua do Século, 63—LISBOA

«O cinema progride!»

O teatro está em declínio!»

(Continuação da pág. 11)

— Pouco tempo depois de «Fátima, Terra de Fé», César de Sá, interessado em descobrir uma história para o seu próximo filme, ouviu-me contar o enredo de «Cobardias». Ficou preso imediatamente pelo conflito — e o seu entusiasmo subiu, quando lhe li a peça, certa tarde de verão, na varanda do Martinho...

— O Barrêto Poeira vai então, finalmente, fazer um papel inteiramente ao seu gosto.

— Sim, de facto. E sobretudo um papel fora do género em que o público está habituado a ver-me. Trata-se, com efeito, duma comédia, ou melhor, duma alta-comédia, cheia de espirito, e cuja história assenta em cheio sobre a figura que eu vou desempenhar.

— Já era tempo, concordamos, de o vermos num papel talhado para si.

— Até hoje, nos filmes que me coube interpretar, nunca tive, aquilo que em «gíria» artística se chama «um fato por medida». Passada a «Canção da Terra», lutei sempre com as figuras que me coube desempenhar: o espião, de «Porto de Abrigos»; o ateu, de «Fátima, Terra de Fé»; o Tadeu de Albuquerque, do «Amor de Perdição». Estes papéis eram difíceis, pelo desenho das próprias figuras. Aceitei-os por mera disciplina profissional. Porque entendo que não tenho ainda envergadura para fazer exigências sobre os papéis que me são distribuídos — e ainda porque considero que o trabalho de um actor é tanto mais meritório, quanto mais esforço demandar do seu talento criador. O «professor» de «Fátima, Terra de Fé» obrigou-me a mais de dois meses aturados de estudo, em que procurei adivinhar quais seriam as reacções humanas naturais, no desenrolar do

drama de consciência em que a personagem constantemente se debate.

— E quanto aos outros projectos?

— Leitão de Barros convidou-me para interpretar um papel no filme «Inês de Castro». Não chegámos a acôrdo, menos pela questão económica, do que pela obrigação de uma longa estadia em Espanha, que me impediria, possivelmente, de cumprir os compromissos a que me obrigara, perante César de Sá e António Lopes Ribeiro — o último dos quais assentou comigo, há alguns meses, em que eu seria o intérprete principal do seu novo filme «O Marques de Pombal».

— Diz V. que não foram as condições económicas que o levaram a recusar a ida a Espanha... Mas não é isso que se afirma nos «mentideros»... Fala-se até na verba que lhe teriam oferecido — vinte contos!

— Posso garantir-lhe que Leitão de Barros me ofereceu muito mais. E posso garantir-lhe também que a minha recusa se deve apenas a esta circunstância: impossibilidade de conciliar datas e compromissos. De resto, permita-me um esclarecimento: fui convidado para interpretar o papel de Diogo Lopes Pacheco e não o de D. Afonso IV.

— O que há de verdade nos projectos do seu regresso ao palco, desta vez como profissional?

— Apenas isto: Cada vez estou mais desinteressado do Teatro. Lembro-me do que é hoje — e verifico o que hoje é...

— Acha então que o Teatro em Portugal está em declínio?

— A sua pergunta poderia opor outra pergunta: «Haverá alguém que o considere em progresso?». A meu ver, a diferença mais notória entre o nosso Teatro e o nosso Cinema está nisto: o segundo progride, lenta e seguramente, de ano para ano. O Teatro declina, a olhos vistos.

E Barrêto Poeira, com um sorriso acrescenta:

— Não julgue que falo assim por despeito. Ainda este ano tive duas propostas excepcionais para ingressar no tablado, em condições invejáveis. Uma foi feita pela Empresa do Teatro Nacional: Estrear-me-ia em «Dulcinéia» interpretaria, a seguir, «Tovaritch». Outra, mais recente, partiu dum conhecido empresário. Oferecia-me um contrato anual e o lugar de titular de uma companhia de comédia. Não sou vaidoso — e a proposta não me tentou. O Teatro morreu para mim quando se desfez o grupo dramático do Clube Estefânia. E agora fujo de lá entrar... Ressalvo, bem entendido, todas as tentativas honestas levadas a cabo e os excelentes actores que honram a Arte Dramática. Mas o Teatro não se pode medir por valores isolados. Tem que ser visto em conjunto. E o panorama, temos de confessar, não é brilhante nem animador.

E mais não disse — ou não quis dizer — Barrêto Poeira, excelente artista e excelente camarada.



LEIA TODOS OS SÁBADOS

VIDA MUNDIAL

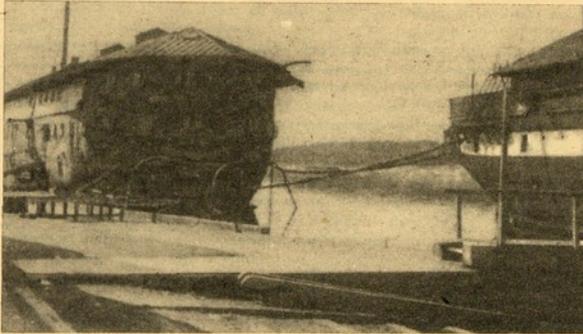
Um jornal que vale
por muitos jornais

Documentário da Imprensa de todo o Mundo

NOTAS DE GUERRA



Este respeitável senhor que faz a continência numa parada realizada no México, no dia da sua independência — é o mais velho soldado do mundo. Dizem as revistas francesas que ele é centenário e que conheceu Maximiliano da Austria — uma figura tão estreitamente ligada à história da Colonização da América.



Agora que os grandes transatlânticos, verdadeiras cidades flutuantes, desapareceram do cruzamento dos mares, outros sistemas de habitações estão a vingar nos portos da Dalmácia. Aqui está o modelo: casas flutuantes, com janelinhas de fazer inveja aos prédios da Avenida...



Quatro polegadas de neve sobre os telhados, sobre os velhos muros e jardins dos lugares santos, onde há muitos anos não nevava, vieram subitamente modificar a paisagem de paz, no meio do mundo em guerra. Este branco súrdido entusiasmou os fotógrafos de todo o mundo diante do Muro das Lamentações — ao centro da foto — e da Torre da Antónia, à esquerda.



Estes a mais recente «toilette» usada pelos japoneses que lutam no Pacífico contra os anglo-americanos e... contra os mosquitos, pelos modos, adversários de respeito que combatem contra as duas facções em luta. As máscaras, transparentes, descem dos capacetes até aos ombros.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



ALMIRANTE NIMITZ — Chester W. Nimitz, comandante supremo da frota dos Estados Unidos no Pacífico, é agora uma das grandes vedetas da guerra. As operações navais de ataque às posições japonesas no grande Oceano ocupam a maior atenção, e ainda há pouco a surpresa do Truk bem se pode considerar brilhante inspiração de Nimitz, realizada sob o seu controle directo. Temperamento irrequieta, soube aplicar à sua larga experiência da vida do mar e das noções da clássica estratégia, um sentido novo de orientação combativa, desta vez apoiado nesta outra força que é a aviação. Chester Nimitz, durante o período largo de comando das operações navais no Pacífico, tem desenvolvido intensa actividade, constantemente procedendo a inspecções e verificando directamente os efeitos das suas teorias. O glorioso marinheiro, antes de ocupar o alto cargo de comandante supremo das forças navais americanas no Pacífico, foi chefe da repartição de navegação do Departamento Naval. Nimitz sucedeu, no cargo actual, ao almirante Kimmel.

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIII - a campanha da Rússia

TRÊS GRANDES OPERAÇÕES

A campanha da Ucrânia desenvolveu-se em três grandes operações, executadas segundo movimentos ofensivos correspondentes, realizados pela Wehrmacht com intervalos de duas a três semanas. Durante o mês de Agosto de 1941, os alemães conquistaram a Ucrânia ocidental, em Setembro conquistaram a Ucrânia central e a cidade de Kiev, em Outubro e Novembro prolongaram as suas operações na península da Crimeia e ao longo do litoral do mar de Azov.

A primeira fase (conquista da Ucrânia ocidental), foi conduzida pela Wehrmacht no estilo clássico das grandes batalhas de movimento. O Estado Maior alemão regressou às suas concepções preferidas da perfuração e de envolvimento da frente adversa. Em vez de se orientar imediatamente em direcção a Kiev, a ofensiva alemã dirigiu-se para o sul desta cidade, deixando-a à esquerda da sua linha de progressão.

A superioridade numérica que, até essa altura, caracterizava a balança de forças entre os dois exércitos desapareceu. Mas para a compensar os alemães tinham uma experiência de que os seus adversários não dispunham. Sobretudo,

jogavam a seu favor dois elementos decisivos: uma capacidade de manobra superior àquela que o exército russo revelara, até aí, e o facto de haverem sido preparados para uma ofensiva sistemática.

A ofensiva na Ucrânia ocidental partiu da região situada entre Zhitomir e Vinnitza, onde as forças que operavam sob o comando do marechal von Rundstedt dispunham dum apoio aéreo de primeira ordem. Depois de haverem ultrapassado a cidade de Kiev e de haverem ocupado a zona estratégica de Bielaya Tserkov-Uman, os alemães dividiram-se, encaminhando-se um dos ramos das suas forças para o sul e outro para o leste, enquanto as forças germano-romenas do comando do marechal Antonesco e do general Schobert (que mais tarde faleceu no campo de batalha), vindas da Bessarábia, se dirigiam para sueste, com o objectivo de alcançarem, o mais rapidamente possível, o litoral do Mar Negro.

No sul, os objectivos imediatos da ofensiva eram a ocupação dos portos de Odessa e Nicolaiev; a leste pretendiam os alemães ocupar os centros industriais de Krivoi-Rog (grande centro produtor de ferro) e de Dnieperpetrovsk (onde se encontrava a famosa central eléctrica que alimentava uma grande parte da indústria de guerra russa). O objectivo final era o litoral do Mar Negro com a foz do Dnieper.

O GENERAL VON KLEIST

A parte principal dessa gigantesca operação estava confiada ao general von Kleist, um dos mais famosos peritos de forças blindadas de que o comando alemão dispunha. O vencedor de Sedan executara já uma manobra idêntica em França onde, depois da sua inesquecível perfuração da zona defendida pelas forças de Corap, encaminhara imediatamente os seus carros na direcção do mar explorando, com uma rapidez espantosa, o êxito inicial. Era a repetição dessa manobra, que lhe dera celebridade mundial, que von Kleist, o futuro vencedor de Rostov, ia ensaiar nas terras ricas do sul da Rússia.

Mas a perfuração e o cerco que ele pôde executar na Ucrânia, não se liquidaram, ao contrário do que acontecera na batalha da França, nem pelo aniquilamento do adversário nem pela sua evacuação pelo mar. Odessa não repetiu Dunkerque. O Mar Negro não repetiu o Atlântico. Esta diferença fundamental transtornou a execução imediata dos planos concebidos pelo O. K. W.

A perfuração da frente russa, próximo de Krivoi-Rog, foi realizada por von Kleist com uma pericia consumada. Os carros das suas «Panzer» penetraram, profundamente, nas linhas do adversário, segundo o modelo clássico das cunhas irresistíveis, e espalharam-se em tromba na sua retaguarda. Numa semana as divisões blindadas alemãs percorreram cerca de duzentos e trinta quilómetros, penetrando profundamente na imensidão ucraniana. A aviação seguiu os carros acompanhando-os como arma de perseguição.

Mas, esclarecidos pela lição de Tobruk, os defensores de Odessa organizaram à volta da cidade um verdadeiro campo entrincheirado, de dimensões gigantescas que, durante dois meses, resistiu eficazmente a todas as tentativas de aniquilamento esboçadas pela Wehrmacht. Os contra-ataques incessantes, desencadeados a partir desse campo entrincheirado, não se limitavam a demorar todo o avanço coordenado no conjunto da frente. Realizavam uma incessante acção de desgaste e de enfraquecimento contra tropas cujo cansaço, depois de haverem percorrido distâncias quase inverosímeis, era evidente.

NO BAIXO DNEIPER

A ofensiva tenaz da Wehrmacht correspondeu, assim, uma defensiva servida por métodos ofensivos que os russos começaram a executar com êxito incontestável. Na sua retirada para o Baixo Dnieper conseguiram evitar todas as tentativas de envolvimento esboçadas pelo inimigo. O «Voelkisher Beobachter» reconheceu a eficácia dos novos métodos de combate ensaiados pelo inimigo e da sua capacidade de resistência



O general Guderian, considerado o primeiro perito de «tanks» alemães e o criador das «Panzer», concedera um operário das fábricas de material de guerra.

o escrever: «Contra o abraço com que pretendemos reduzi-lo, o inimigo debate-se com uma energia extraordinária. De resto, o desespero, com que ele combate, não constitui para nós novidade. Tornou-se proverbial. Em tantas campanhas que tiveram de realizar vitoriosamente, nunca os nossos soldados encontraram adversário tão tenaz. Um oficial superior com quem conversei declarou-me que nunca a perfuração da frente inimiga, depois de ensaiada, levava tanto tempo a completar-se como na Ucrânia».

O comando soviético procurava atingir dois fins realizando uma defensiva obstinada e custosa na Ucrânia. Em primeiro lugar, queria assegurar, ao menos por algum tempo, a linha defensiva do Dnieper, para poder construir, por detrás deste rio, um novo sistema fortificado onde as suas tropas ficassem em condições de prosseguir a resistência eficazmente. Em segundo lugar, pretendia impedir que os alemães fizessem irrupção na bacia do Donetz, de grande significação económica para o prosseguimento da luta, sendo-lhe para isso indispensável acautelar, a todo o custo, a posse de Kharkov.

A defensiva obstinada de Odessa reflectiu-se no conjunto da frente, onde os vários sectores começaram a afirmar uma certa solidariedade, ao contrário do que desejava o comando alemão, cujo objectivo fundamental consistia em os manter separados para liquidar separadamente a resistência soviética em cada um deles. Os acontecimentos demonstrariam que essa solidariedade era irremovível para ambos os beligerantes.

A BATALHA DE KIEV

Em meados de Setembro, iniciou-se a grande batalha para a posse de Kiev, capital da Ucrânia. Além do significado militar e económico incontestável de que a posse desta cidade se revestia, havia ainda a considerar o significado político da sua ocupação, uma vez que nem Moscovo nem Leningrado haviam ainda sido ocupadas, até essa altura.

A batalha para a posse de Kiev pode considerar-se como a operação mais brilhante, sob o ponto de vista militar, que os alemães conduziram na Rússia durante toda a prolongada campanha que se tem desenrolado neste país. Foi levada a cabo pela ala esquerda do grupo de exércitos do sul (von Rundstedt) e pela ala direita do grupo de exércitos do centro (von Bock). Para esse efeito tiveram, portanto, de ser distraídos do sector central (Moscovo) dois exércitos alemães, o exército blindado do comando do general Guderian (o primeiro perito de «tanks» da Wehrmacht e o verdadeiro criador das «Panzer») e o exército do general von Weichs.

Estes dois exércitos forçaram a passagem do Desna e ocuparam Chernigov, alcançando rapidamente Nezhin e Romny. Ao mesmo tempo, a ala esquerda do grupo de exércitos de von Bock forçava o Dnieper e alcançava Kremenchug. A junção das divisões blindadas de Guderian e Kleist realizou-se, em 14 de Setembro, na localidade de Lochvitzia.

Flanqueada pelo norte e pelo sul, a cidade de Kiev pôde ser investida por um ataque frontal que se iniciou em 19 de Setembro. O assalto foi conduzido com a cooperação de todas as armas, carros, bombardeiros, artilharia e tropas especializadas, pontoneiros, infantaria e lança-chamas. O assalto foi irresistível. Com ele tinha sido pôsto em causa o núcleo principal do grupo de exércitos soviéticos, do comando do marechal Budiény. Este retirou-se para a outra margem do Dnieper, a fim de poder utilizar o sistema defensivo que ali tinha sido preparado, embora a sua utilização houvesse sido prevista para mais tarde e em condições diferentes daquelas em que se verificou. Para os russos, todo o conjunto da batalha ia ser influenciado por essa circunstância.

OS RUSSOS NA DEFENSIVA

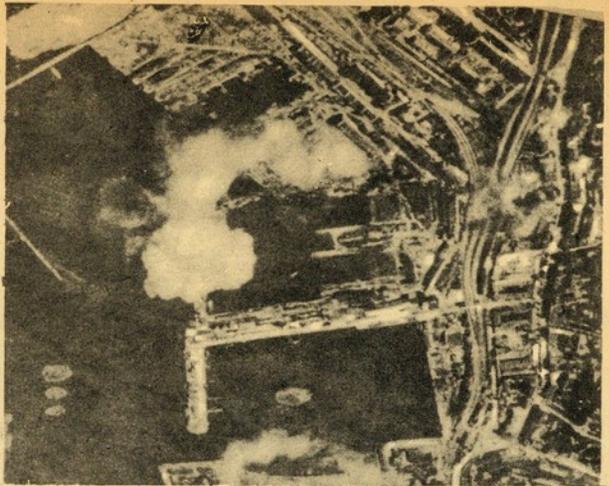
Com a passagem do núcleo principal do grupo de exércitos de Budiény para



À esquerda, o general von Kleist, comandante das forças alemãs para a conquista do Mar Negro, considerado um dos maiores peritos de forças blindadas.

a margem esquerda do Dnieper, os russos significavam claramente que no sector sul da frente iam remeter-se a uma defensiva porfiada. O comunicado oficial alemão afirmava que a batalha de Kiev fôra a maior da história militar da Alemanha, e alguns críticos, como o general Westhofen, classificavam-na como a maior batalha de toda a história.

O número de prisioneiros russos, segundo o referido comunicado, elevava-se a seiscentos e cinquenta mil homens, número que excedia os resultados oficiais de todas as batalhas anteriores, de Tannenberg a Bialistock. Ao mesmo tempo, uma parte da imprensa alemã, e especialmente o «Voelkischer Beobachter», revelavam que Budiény se retirara para lá do Dnieper a fim de organizar um novo



Sobre o porto de Odessa, o exército alemão deixa cair as bombas. Os cais e os entrepostos tremem e ardem sob a acção dos explosivos

grupo de exércitos com o qual a Wehrmacht teria de se defrontar rapidamente.

Neste ponto essencial, as duas versões, a alemã e a russa, embora aparentemente contraditórias, coincidem pelo menos em parte. Os alemães reconheciam que, apesar do grande número de prisioneiros feitos (número sem precedentes), o grosso das forças de Budiény conseguira atravessar o Dnieper, em cuja margem esquerda procurava organizar-se com a junção de novos elementos. Do lado russo, a batalha de Kiev aparecia caracterizada como uma retirada a tempo, depois de terem sido deixadas na cidade apenas as forças mínimas necessárias para retardar a perseguição dos alemães.

O comando russo insistia na afirmação de que nunca fôra intenção sua defender Kiev até à última extremidade, como havia de o fazer mais tarde em outras cidades (Sebastopol, Estalinegrado, Moscovo, Leningrado). A capital da Ucrânia tinha, no plano geral encarado pelos soviéticos, uma função retardadora que visava, como a resistência em Odessa, a acautelar a defesa de Kharkov e a região riquíssima da bacia do Donetz.

Segundo essa versão, das sessenta divisões que constituíam o grupo de exércitos de Budiény, apenas quinze se encontravam na região de Kiev. Dessas quinze apenas cinco tinham sido deixadas no interior da cidade como cortina retardadora, capaz de deter por algum tempo a progressão do inimigo. De qualquer maneira, a versão alemã e a versão soviética coincidem no reconhecimento de que o núcleo principal do grupo de exércitos de Budiény transpusera o Dnieper, a fim de continuar a resistência na margem esquerda deste rio.

A OCUPAÇÃO DO SUL DA RÚSSIA

A ocupação de Kiev e a retirada das forças de Budiény conduziram rapidamente os alemães a uma série de feitos que se traduziram pela ocupação dos principais centros industriais e urbanos do sul da Rússia. Em 8 de Outubro, depois de haverem ocupado Berdiansk, os alemães alcançaram as costas do mar de Azov. Uma semana depois, a 16 de Outubro, a cidade de Odessa capitulava, depois dum cerco de dois meses. A 20, Stalin, um dos grandes centros industriais da bacia do Donetz, caía. Em 23 de Outubro era a vez de Taganrog, que abria à Wehrmacht o caminho de Rostov, ferrão do Cáucaso e do petróleo.

Em 24 Kharkov, que era, como dissemos, uma das mais importantes cidades da U. R. S. S., sob o ponto de vista político e económico, era ocupada. Tratava-se, ao mesmo tempo, dum centro de comunicações de importância vital. Três dias depois, a 27, caía Kramatorskaia, e, no dia 30, os alemães alcançavam o istmo de Perekop, que defendia a Crimeia do seu assalto.

Os êxitos da Wehrmacht eram incontestáveis. Mas as características da campanha haviam-se alterado. Para os conseguí, o comando alemão abandonara a sua concepção da guerra de movimento no sul, cujos últimos lampejos tinham fulgurado em Kiev e na Ucrânia ocidental. Em cada um dos grandes centros tomados, a resistência dos defensores afirmara-se com um poder crescente. Nenhum deles era abandonado sem que se travasse uma luta encarniçada que, por vezes, como no caso de Odessa, se prolongava para além da ocupação, sendo conduzida por elementos especializados e revelando-se pelas explosões que surpreendiam os ocupantes, produzindo-se nos pontos mais distantes e menos esperados da cidade.

Os ganhos territoriais realizados eram importantíssimos e a posse de centros urbanos e industriais de primeira ordem equivalia a uma diminuição enorme do poder de resistência dos soviéticos. Mas a decisão militar da campanha estava distante e o inverno aproximava-se, com todas as suas incógnitas. A não ser que se produzisse um colapso da máquina militar soviética ou uma revolução que subvertesse o poder político dos soviéticos, uma campanha de inverno era a realidade que invocava que começava a perfilar-se na imensidade da estepe russa, quando o clamor das vitórias incontestáveis parecia significar que a ofensiva alemã estava prestes a realizar os seus objectivos essenciais.

AS CARACTERÍSTICAS DA LUTA NO SUL

A guerra relâmpago, no sector central da frente, degenerara numa guerra de desgaste em virtude da decisão da batalha de Smolensko. A guerra rápida, no sector sul da mesma frente, cedera o passo a uma penetração sistemática que

(Continua na pág. 30)

FESTIVAIS FOLCLÓRICOS NOS ESTADOS UNIDOS

por ISABEL ROSS

tivos folclóricos suecos, noruegueses, polacos, letões, russos, suíços, checo-eslovacos, finlandeses, romenos, dinamarqueses, gregos e vários outros.

Entre os festivais folclóricos já com profundas raízes, contam-se os da Country Dance Society, de Nova York; do Mountain Workers, da região dos Apalaches; do White Top Festival, de Vermont; do American Folk Song Festival, de Kentucky; do Spring Fiesta, da Universidade de New México; do Arkansas Festival, do Denver Folk Festival, do Vermont Folk Festival, do Pennsylvania Folk Festival e do Festival of Nations, que se realiza na cidade de St. Paul, Minnesota. Durante os anos de 1940 e 1941, realizaram-se 200 festivais folclóricos no Estado de New México, Estado rico de música e dança folclórica, de lendas, superstições e tôdas as formas de expressão popular.

Os festivais são geralmente patrocinados por universidades, institutos internacionais e grupos recreativos, que procuram empregar, tanto quanto possível, instrumentos musicais típicos, pelo que os

rabequistas e tocadores de gaita, que se encontram com facilidade, são os mais procurados.

Um espectáculo típico de Nova York, antes da guerra, era o festival de dança folclórica que se realizava todos os anos em Prospect Park, onde se reuniam 50.000 homens, mulheres e crianças, de diversos países, assistindo ao festival e ao «desfile de nações, que se lhe seguia. Por eles passavam os vistosos chales e as saias rodadas de Espanha, as botas altas vermelhas e os casacos típicos dos holandeses, os chapéus com penas dos suíços, os saíotes brancos dos gregos, os vistosos saíotes aos quadrado dos escoceses, com as suas gaitas de foles, e muitos outros trajes nacionais, com os quais se dançavam as modas dos respectivos países.

Cenas como essa, eram frequentes antes da guerra, em várias cidades dos Estados Unidos, onde cada grupo procurava introduzir os seus elementos folclóricos próprios. Os suecos, por exemplo, têm diversas associações, clubes desportivos e sociedades corais e coreográficas, onde, no dia de S. João, executam a popular «dança da roda», o «Hambo» e outras danças nacionais.

No Dia da Independência da Grécia, as igrejas ortodoxas são vistosamente engalanadas e grupos de raparigas envergando os bonitos trajes regionais do seu país, executam bailados baseados na mitologia grega, que são seguidos da dança dos camponeses e montanhese. Durante a Festa de S. Vlaho, santo patrono de Dubrovnik, os iugoslavos realizam uma festa a seguir à missa, em que executam animadamente a sua dança típica conhecida por «poscocika», ao som da «lírica», um violino de três cordas que se toca sobre os joelhos.

É vasta a contribuição prestada pela Rússia à vida cultural

americana, com a sua arte, a sua música, literatura e bailados. A Polónia também é bastante representada, existindo 10.000 grupos polacos dramáticos, literários, corais, sociais, religiosos e desportivos espalhados de uma costa à outra dos Estados Unidos. Os letões também têm os seus grupos coreográficos e corais e os húngaros mantêm na América a tradição das suas danças, ao som da adorável música cigana. Os 90.000 turcos que vivem nos Estados Unidos e os arménios também não esquecem o folclore dos seus países e, assim, reúnem-se frequentes vezes, relembrando a terra distante.

Os portugueses também realizam numerosas festas, durante as quais exibem as suas danças folclóricas e, em certos dias do ano, não deixam de acorrer às cerimónias religiosas e peregrinações. Entre êles, as procissões e as festividades religiosas são tão frequentes como entre os italianos. Estes, onde quer que se encontrem, não deixam de celebrar periodicamente certas cerimónias religiosas tradicionais no seu país. Nesses dias, as ruas do bairro italiano de Nova York, verdadeira Itália em miniatura, refulgem de luzes, enquanto imagens santas são conduzidas em procissão pelas ruas.

A tradição mediterrânea de celebrações está bem patente nos Estados Unidos e, muito em especial, na Califórnia. A terça-feira gorda, em New Orleans, por exemplo, é uma outra herança da Europa e a principal festa do ano nessa cidade.

CIRCO E RODEO

O espectáculo sobre o gelo, hoje tão popularizado por Sonia Henie e outros escandinavos, é um espectáculo que goza de grande preferência dos americanos. A êles acorrem as mesmas grandes multidões que adoram o «rodeo», espectáculo tipicamente americano que o mundo inteiro conhece através do cinema.

Realizam-se anualmente, na América, cerca de 200 espectáculos públicos de «rodeo», 106 dos quais são organizados pelos

membros da Associação de Rodeo. O que se realiza no famoso Madison Square Garden, de Nova York, tem sempre o concurso dos melhores «cow-boys», que maravilham a assistência com os seus trabalhos com laços e com o destemor e perícia com que montam cavalos e toiros bravos.

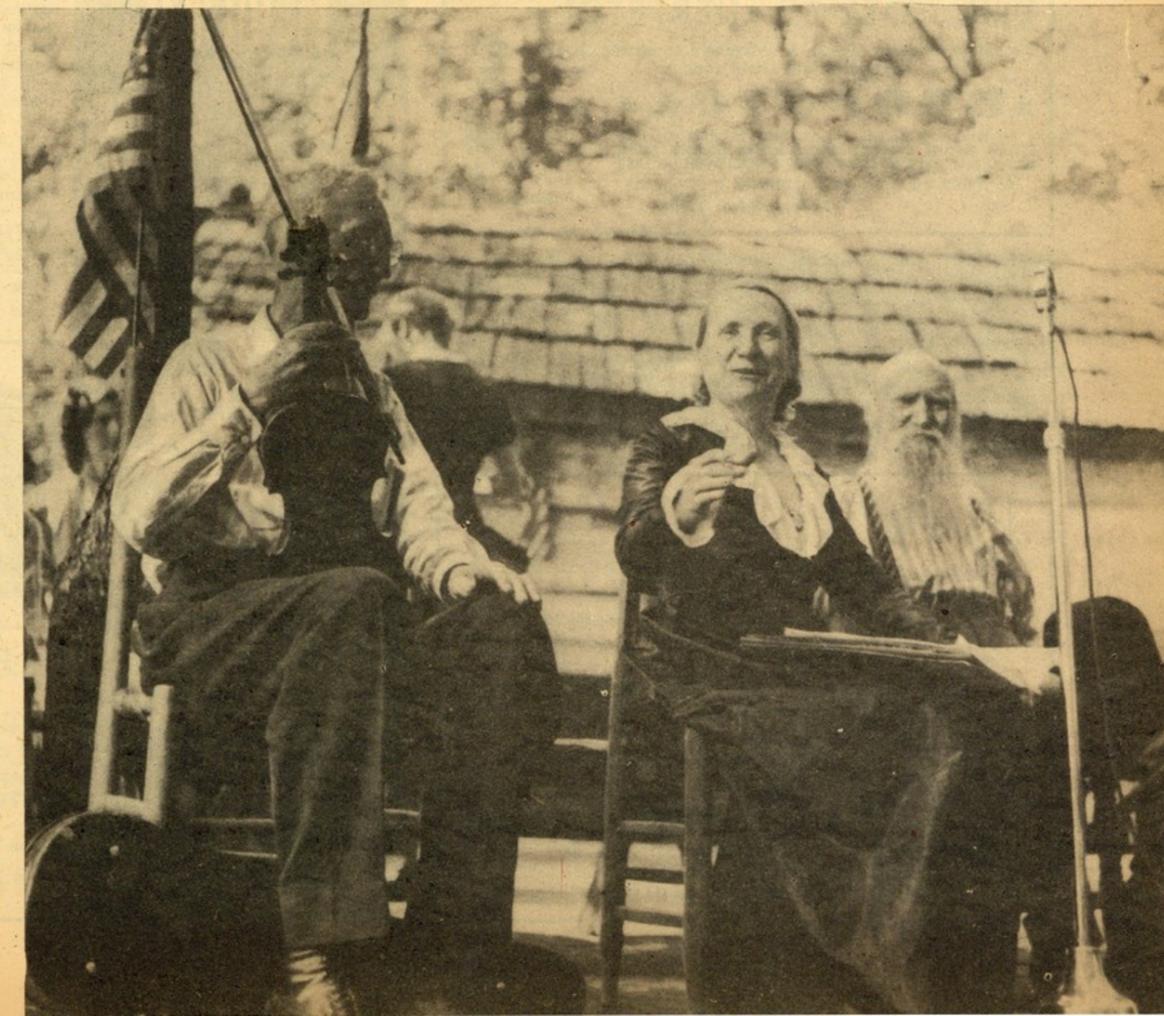
O «rodeo», porém, tem o seu grande cenário — cenário natural — na pequena cidade de Cody, Estado de Wiscousin, onde, todos os anos, durante dois dias do mês de Julho, o oeste tradicional é posto à vista do público, com todo o seu maravilhoso colorido.

«Rodeo» é uma palavra espanhola trazida pelos mexicanos para os Estados Unidos. As competições dessa arte tornaram-se, há muito, espectáculo obrigatório em tôdas as festas rurais, nas regiões onde se cria gado.

Outro acontecimento anual que atrai multidões em todos os Estados Unidos é o circo. Conhecidas de todo o mundo são as companhias americanas Irmãos Rangling e Barumm, que iniciam em Nova York as suas temporadas, tôdas as primaveras, e donde em seguida partem em «tournée» pelo país e pelo estrangeiro. Os membros dessas companhias, num total de 1.600 pessoas, foram recrutados em vários pontos do globo. Alguns pertencem a famílias de artistas de circo que se dedicaram a uma determinada especialidade, com que provocam a admiração do público. Na primavera de 1943, atingiu o total de 987.000 o número de pessoas que assistiram, em Nova York, aos espectáculos de circo.

Além do circo profissional, Texas também possui o seu circo amador, onde 135 artistas põem à prova as suas habilidades, numa barraca de lona, com lugares para 2.500 pessoas. Os artistas são estudantes universitários — rapazes e raparigas — alguns dos quais excelentes acrobatas. A sua receita anual, tôda empregada em benefício do circo, eleva-se a 17.000 dólares. Essa jovem companhia dispõe de oito barracas, seis vagões e vários cavalos, potros e outros animais.

Velhos músicos das montanhas do sul dos Estados Unidos, cantam as suas canções regionais em frente de uma cabana da região, onde, anualmente se realizam festivais folclóricos.



Mãe e filhas de uma região do sul dos Estados Unidos, cantam as canções folclóricas que herdaram dos primitivos colonos britânicos.

O folclore americano tem sido alvo, durante os últimos anos, da mais cuidada atenção. Poucos países haverá, onde a expressão folclórica seja tão variada, como nos Estados Unidos. A êste respeito, o Presidente Roosevelt exprimiu o seu ponto de vista numa carta que dirigiu a Paul Green, presidente do Festival Folclórico Nacional, e em que dizia, entre outras coisas, o seguinte:

«Nós, nos Estados Unidos, possuímos uma riqueza extraordinária de elementos, para a formação de uma cultura própria. Possuímos, entre nós, as melhores e mais variadas tradições, trazidas por gente de todo o mundo. Ao combinarmos êstes elementos numa unidade nacional plena de força e de beleza, conservemos intacta a sua estrutura, de modo que a delicadeza de cada um se manifeste e se destaque no conjunto.»

Recentemente, tem-se procedido a uma tentativa consciente destinada a promover e alargar o campo dos festivais folclóricos. O «Mountain Song and Dance Festival», em Asheville, em Asheville, Estado de North Carolina, há 14 anos que se vêm realizando periodicamente. Em 1939, pôs-se em cena um festival folclórico, na Golden Gate Exposition, na Califórnia, que, tal como a Feira Mundial de Nova York, serviu de óptimo meio de estimular as artes, nos Estados Unidos. Desde 1934, realizam-se anualmente nove festivais folclóricos, nas cidades de St. Louis, Missouri, Chatanooga, Tennessee, Dallas, Texas, Chicago, Illinois e, nos últimos cinco anos, em Washington. A princípio, os programas resumiam-se às expressões tradicionais dos índios, e de outros antigos grupos americanos-ingleses, espanhóis, franceses e holandeses. Nos últimos cinco anos, porém, os programas foram ampliados, de modo a incluir mo-



**EMISSIONES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERENCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas		
7,45	WKTS	49,0	WRUL	38,4	WKLJ	39,7	WBOS	48,9
8,45	WKTS	49,0			WKLJ	39,7	WBOS	48,9
9,45					WKLJ	30,8	WBOS	25,3
12,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	25,6	WGEO	19,8
13,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WRUW	16,9	WRUL	19,5
17,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8				
18,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	25,3		
19,45	WRUA	26,9	WRUS	19,8	WGEO	31,5	WKLJ	30,8
20,45 a 21,15	WRUA	39,6	WRUS	31,4	(meia hora programa especial)			
21,45	WRUA	39,6	WRUS	31,4	WKLJ	30,8		
22,45					WKLJ	30,8		
23,45					WKLJ	30,8		

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da B. R. C. das 18,45 às 19 horas.

EMISSIONES DIARIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

UMA GOTTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e certo para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, ardenças na pele, etc. **ATE HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR**

À venda em todas as farmácias e drogas
Preço avulso: 11\$00



TELEF - 2 0244
TELEG - PAPEL CAR

Papelaria Carlos
de Carlos Ferreira, Lda

SECCOES DE VALORES/SELADOS E TABAGARIA

RUA DO OURO, LISBOA

GRANDE SUPRIDO DE ARTIGOS PARA DESENHO E ESCRITORIO

PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc
PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelerias e Tipografias
Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
Rua dos Correiros, 70
LISBOA
End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

PAPYRUS Extra Strong

HISTÓRIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

deparava com a resistência crescente do inimigo alicerçada nos grandes centros de população. Mais grave do que isso era o poder ofensivo do grupo de exércitos de von Bock, que devia alcançar a decisão no sector central pela ocupação rápida da capital soviética, depois de desgastado pela batalha em profundidade de Smolensko, fôra enfraquecido pela necessidade de distrair as forças de Guderian e Weichs a fim de se realizar a operação que conduziu à conquista de Kiev.

As realizações da máquina militar do Reich eram de extraordinária significação: atravessar o Dnieper perante a resistência encarnada dum adversário que lhe não dava tréguas, dominara a posição defensiva de Perekop, uma das mais fortes do mundo, penetrara até à bacia do Donetz quando os soviéticos se empenhavam obstinadamente em a acatular. Melhor do que isso, a Wehrmacht continuava a deter a iniciativa e os exércitos soviéticos tinham-se remetido a uma defensiva de características diferentes, nos vários sectores da luta, mas que nem por isso deixava de ser uma defensiva perante a vontade do adversário.

Estas realidades não invalidavam, porém, a certeza, patente aos olhos de todos, quando o Outono de 1941 começou a declinar, de que a decisão na frente leste, a menos que se produzisse qualquer acontecimento imprevisível, não seria alcançada naquele ano, e que essa decisão não poderia ser arrancada sem suportar uma campanha de inveno cujas dificuldades e riscos eram evidentes para quem conhecesse a história das campanhas anteriores conduzidas na Rússia por outros exércitos.

OS RESULTADOS EFECTIVOS

Comentando os resultados concretos da batalha da Ucrânia, um dos mais categorizados comentadores militares do Reich, o capitão Weiss, escrevia: «Como Weygand, há precisamente um ano, não conseguiu tapar a brecha aberta entre Amiens e o mar e libertar o grupo de exércitos do norte, Timochenko não conseguiu tapar a brecha que separava Gomel do grupo de exércitos de Budiuni. Como em França, o génio militar do Führer pôde dividir os exércitos inimigos e dizer, no seu discurso de 2 de Outubro, que os exércitos russos estavam derrotados e incapazes, para sempre, de voltar a combater. Falando assim, o Führer quis significar que o conjunto das operações na frente leste se desenrolou segundo um plano de conjunto, executado em todos os seus pormenores. Agora, com uma visão retrospectiva dos acontecimentos, é permitido dizer que todos os combates travados, desde o dia 22 de Junho, constituem apenas uma única e gigantesca batalha».

O discurso do chanceler, proferido em 2 de Outubro, e a declaração formal do dr. Dietrich de 9 do mesmo mês, sobre a verdadeira situação dos exércitos russos, não foram confirmados pelos factos. A resistência na frente leste continuou. A diferença fundamental que caracterizava a condução da campanha por parte dos dois adversários não estava na progressão territorial nem mesmo na evolução das batalhas. Estava na utilização racional das suas reservas.

As reservas soviéticas estavam concentradas no sector central da frente e iam decidir da batalha de Moscovo, em Novembro-Dezembro, enquanto as reservas da Wehrmacht haviam sido consumidas no sector sul para a realização duma campanha brilhante, sob o ponto de vista militar, rendosa sob o ponto de vista económico, mas que, sob o ponto de vista estratégico, deixava a decisão em suspenso. A utilização das suas reservas no sector de Moscovo havia de permitir a passagem dos soviéticos à ofensiva no inverno de 1941/42, como a utilização dessas reservas no sector de Estalinegrado lhes permitiria a passagem à ofensiva no inverno de 1942/43.

(Continua)



TRATA
gingivas descarnadas
ou sangrentas
EVITA
estomatites mercuriais
ou birmuticas
MATA
os microbios da boca,
que dão causa a tantas
doenças graves
Couto, Lda. Pôrto



**TÃO CERTO COMO
1 E 2 SEREM 3**

Torná-lo-emos rápida e economicamente Guardalivros se seguir os nossos modernos cursos por correspondência. Peça folhetos gratis a:

INSTITUTO LUSO-BRASILEIRO DE COMERCIO
Avenida Dr. Manuel Laranjeira, 12. 1.º PORTO
N. E. Não nos remeta dinheiro para selos



PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

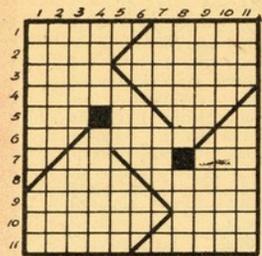
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA A R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 17

Por Jerónimo Pinteus de Sousa (Lisboa)



HORIZONTAIS: 1 — Secreção mucosa de alguns animais; passáros. 2 — Zangar; máscara de papelão. 3 — Animal doméstico; queiridos. 4 — Aborreceu; ventos. 5 — Deixa por legado; prep. e art.; partia. 6 — Estás; sinal que deixa qualquer pancada; compreendi. 7 — Caminhar; prep. e art.; igual. 8 — És possuidor; pedra usada para as estradas a macadame. 9 — Presas com pela; agarrar. 10 — Rebolara; irmã. 11 — Cheiro; de alto preço (plur.).

VERTICAIS: 1 — Porção de barba por baixo do nariz; abreviatura de para. 2 — Lavrados; texto de um escrito. 3 — Dava pancada; animal de esgalhos ramosos. 4 — Jarro (planta); governam. 5 — Ligo; nom de mulher. 6 — Aqui; apêndice das aves; apelido. 7 — Folhagem; debaixo. 8 — Discursaria; calxilha onde se apertam as fôrmas tipográficas. 9 — Vai ao lado; esmagar. 10 — Ferros temperados; raças que derivam dos romanos. 11 — Sádias; observaras.

PROBLEMA N.º 16

Solução

HORIZONTAIS: 1 — Vida; mundial. 2 — Irá; Ivo; ária. 3 — Ra; prata; só. 4 — Odre; asada. 5 — Tourada; iras. 6 — Esmo; Lordelo. 7 — Allar; Ossa. 8 — Rá; arcos; or. 9 — Arou; mos; une. 10 — Restara; alas.

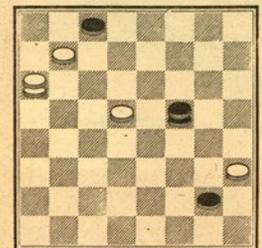
VERTICAIS: 1 — Virote; arar. 2 — Irados; are. 3 — Dó; ruma; os. 4 — Pérola; ut. 5 — Mira; al; irmã. 6 — Uvas; do; acoz. 7 — Nota; ar; rosa. 8 — Dá; addos. 9 — Ir; ares; Ul. 10 — Ais; alsona. 11 — Laos; Soares.

DAMAS

PROBLEMA N.º 10 (Concurso)

Por Bonifílio Augusto Gomes (Vila Viçosa)

(Dedicado a António Martins Val, 2.º sargento do B. C. 8, de Elvas)



Jogam as brancas e ganham.

Colocação das peças:

B — Pedras em 9, 19 e 28.

Dama em 24.

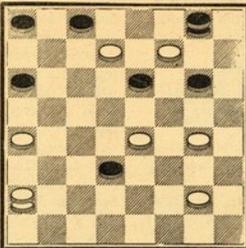
P — Pedras em 5 e 31.

Dama em 18.

PROBLEMA N.º 11 (Concurso)

Por António Lopes (Ovar)

(Dedicado a Tonca Cunha e Costa)



Jogam as brancas e ganham.

Colocação das peças:

B — Pedras em 5, 13, 14, 16, 26 e 27.

* Dama em 8.

P — Pedras em 11, 21, 22, 24, 31 e 32.

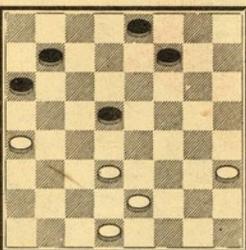
Dama em 29.

JOGO N.º 5

Jogo disputado no V Campeonato de Lisboa de Jogo das «Damas» entre os grandes jogadores Albino Martins (Brancas) e Luís António David (Pretas):

Brancas (Albino)	Lances	Pretas (David)
10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
5-10	3.º	32-28
1-5	4.º	28-23
11-15	5.º	21-17
7-11	6.º	26-21
12-16	7.º	19-12
8-15	8.º	21-18
10-14	9.º	22-19
15-22	10.º	31-28
22-31(D)	11.º	29-26
14-21	12.º	25-18
31-13	13.º	17-1(D)
2-5	14.º	1-7
4-11	15.º	23-19

Posição do jogo ao 15.º lance das pretas:



16-20	16.º	24-15
11-20	17.º	28-23
20-27	18.º	30-23

Empatam em todas as hipóteses.

FINAL N.º 1 (Concurso)

Solução

Lance forçado:	6-24	1.º	5-9
"	24-31	2.º	8-5
"	31-22	3.º	19-14
"	22-15	4.º	14-10
"	15-20	5.º	25-21
"	20-15	6.º	21-17
"	15-11	7.º	5-2
"	11-14	8.º	2-5
"	11-18	10.º	13-9
"	14-11	9.º	17-13
"	18-13	11.º	Empata

Quando as brancas fazem o seu 4.º lance, a posição que se forma é uma posição de empate. E se as brancas não executam estes 4 primeiros lances, as pretas ganham.

OVAR

1.º Campeonato de «Damas»

Ovar está disputando o seu

1.º Campeonato de «Damas».

O torneio iniciou-se em 28 de

Fevereiro no salão de festas da

Associação dos Bombeiros Voluntários, gentilmente cedido pela sua direcção, e será orientado pelo sr. António Carvalho de Moura, prometendo ser rijamente disputado.

António Alberto Valente, Dr. José Augusto Carvalho da Silva, Joaquim Belo Correia Dias, Eng.º Fernando Moura, Manuel Antunes, António Laranjeira, David Godinho, José Polónia Figueiredo, Manuel Silva, José Flávio da Silva Ribeiro, José de Oliveira Soares e António Lopes, são os candidatos ao desejado título de Campeão.

A Câmara Municipal de Ovar, presidida pelo sr. Manuel Pacheco Polónia, desportista cem por cento, sempre disposto a acarinhar e proteger todas as iniciativas, ofereceu uma taça para o primeiro classificado. Quatro medalhas e uma fotografia do «Stúdio» Almeida, generosa dádiva do seu proprietário e nosso amigo Mário de Almeida, completam o lote dos prémios que serão distribuídos aos seis primeiros classificados.

«Vida Mundial Ilustrada» publicará algumas das melhores partidas disputadas.

NOTICIÁRIO

Realizou-se, no passado dia 31 de Janeiro, na próspera villa de Torrões Vedras um encontro de Jogo das «Damas» entre uma equipa daquela localidade e que era formada por Domingos da Silva Lino, Francisco Marques de Carvalho, José Simões, António dos Santos e Joaquim Augusto da Silva, e outra de Lisboa e que era constituída como segue: Artur Ferreira Santos, Albino Martins, Domingos Pais, Carlos Alberto Gonçalves e Joaquim Nicolau. A vitória coube à equipa da capital por 19 vitórias, 3 derrotas e 2 empates. José Simões, campeão das Caldas da Rainha, jogou pela equipa torrensense para a reforçar.

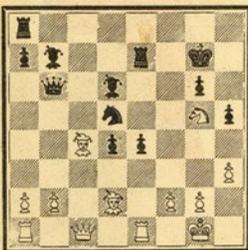
A formação lisboeta ganhou a taça «damistas» torrensense Alvaro Mendes Jorge.

Os jogadores de Lisboa depuseram um ramo de flores na campa do «damista» torrensense Alvaro Mendes Jorge.

XADREZ

MOMENTO CRÍTICO (N.º 2)

Que jogaria nesta ocasião?



Jogam as pretas.

MOMENTO CRÍTICO (N.º 1)

Solução

Partida Tomás-Rubinstein: 30. ... TITD!!, ganhando as pretas brilhantemente.

CORRESPONDENCIA

Belarmino de Oliveira Clara (Lisboa) — As soluções dos problemas que tem enviado, estão certas.

Albino Pais (Nelas) — As suas soluções estão boas.

António Alves (Lisboa) — E com prazer que verifico a velha guarda voltar às lides «damísticas».

Bonifílio Augusto Gomes (Vila Viçosa) — Disponha sempre deste seu amigo.

EÇA DE QUEIROZ

(Conclusão da pág. 9)

me apenas duzentos mil réis e alguns pipos de vinho a um deputado influente. Parece-me que o meu conchavo gostará de subtrair de gerarquia: é de muito habilitado na habilitação: espero que Você ainda um dia ha-de regular-se de ver no «Diário do Governo», por industria minha, a elevação deste Vatel a Cavaleiro Plálgico da Casa Real...

Fêz uma pausa — para eu rir. «Pindara o seu monólogo? Jamos talvez conversar, discutir?»

Logo, porém, êle tornou: — Quando eu fui agora a Paris não pude deixar de lembrar-me que em Neully morava um mihomem que ha trinta annos — antes mesmo de eu nascer — trabalha para mim, sem nunca se queixar do exiguo salário. De cinco a dez tostões, o máximo um quartinho, cada obra-prima! E Eça de Queiroz? Ah! que não sei como me não meti num carro, e fui visitá-lo, a dizer-lhe — obrigado! Mas, enfim, eu fiz a Paris — só para almoçar...

Está você daqui a vé-lo: regressando daquelle atrás consulado, encostase à mesa alta, toma o papel, recompõe com esforço o ambiente mental apropriado ao labor ingente, e começa a escrever.

Pois lá está êle ideando a acção, abrindo os parágrafos, modelando os períodos, cinzelando a frase...

Para mim!

Ler Eça é um grande prazer: não há hoje no Mundo escritor mais agradável.

Depois de um pequeno silêncio — evacuando sensações de gourmet literário? — F. concluiu:

— O que êle não faria agut em Coimbra, ou no seu Aveiro, ou na sua Póvoa do Varzim, e mesmo em Lisboa ou em Sintra, livre da papuleira e dos cuidados da burocracia! Se eu o tivesse visitado, talvez o convencesse: tirava-o do consulado e punha-o por minha conta...

O crepúsculo brandamente descia, a grom entrou e acendeu as luzes. A porta surgiu o Augusto de Castro, o Barão de Cruzeiro, o Luiz de Albuquerque e o capelão-secretário. E, pouco depois, José Ferrão, que vinha da sua volta da tarde pelo Jardim — não o Jardim de Armida, mas o Botânico de Brotero.

Por suas próprias mãos, D. Fernando de Távora pôs na mesa a garrafa do velho licor russo e os cálices.

E, sem dar qualquer explicação aos recém-vindos, tomou um volume dos «Malas», e com a sua voz ben-timbrada, recitou magistralmente todo um capítulo.

E esta foi a lição: pôde discutir-se o valor de Eça, aquitandoo por várias medidas estéticas, que, por mais que lhe queiram mal, ninguém, de boa-fé, há-de negar que êle é o mais agradável de todos os nossos escritores — de pensamento claro e maravilhosa forma, o mais vivo, saboroso e pitoresco.

O livro que você vai editar não é um grande livro: pela sua autoria, poderia mesmo ser bastante mediocre. Mas é tão repositado do espirito de Eça, tão entretido das suas próprias palavras, Eça achase em todas as suas páginas tão presente, que talvez dai lhe advenham condições para ser — um livro de algum modo agradável.

Oxalá encontremos os leitores nesse accordo! E não nos fagum a nossa obra o que voce vai fazer: esta carta com o seu mejanete — descoravel fogão...

LOPES DE OLIVEIRA



O Último Jornal

NOVELA POR
P. ALBERTO PIMENTEL
DESENHO DE STUART

NO pátio, só a quebrar do silêncio da madrugada, o canto alegre do galo. Lisboa, sonolenta, começava a despertar, a aprontar-se para a labuta diária, e os primeiros alvares da madrugada tentavam obstinadamente romper as sombras pertinazes que se espalhavam entre as ruas estreitas do bairro, e o manto de névoa que as encobria.

José olhou o casarão desconforme, onde as poucas peças de um pobre mobiliário se perdiam e pareciam boiar. Achou-o triste e desconfortante, atabafou um arripio de medo, envolvendo-se mais na coberta em que se enroliava; meteu as mãos à cabeça e, tosquenejando, pegou novamente no sono; mas, em breves instantes, outra vez desperto, pôs-se a amalçoar a porta esburacada e carcomida pelo caruncho, por cujas fendas entravam aquelas pontas de ar que se obstinavam a ferir o pobre rapazinho e em que ia fértil o mês de Novembro. Um relógio bateu horas, um grito ecoou numa rua próxima; depois, tudo esmoreceu e se apagou, recaído José na sua sonolência.

No quarto do lado, tão pobre e desagasalhado como o primeiro, o pai arrotou saciado depois de haver bebido o copo de bagaceira, engolido sempre ao romper de alva para matar o bicho. Estava já a pé, ia para o rio, para a estiva. Aconchegado na capa, sem côr definida e puida, percorreu com fortes passadas o casarão, e na sua voz cavernosa e seca espalhando na atmosfera densa do quarto do José uma ampla bafurada de álcool, gritou:

— Eh! pá, eh! malandro, vá a riba, seu pedaço de estaférmo, seu molengão, olhe que o Nini já está a pé prá venda e você vai pirar-se, ouviu?

Sim, o José ouviu, resmungou um «já lá vai», voltou-se para o outro lado e readormeceria se não fôra uma bofetada do pai, que logo o pôs a pé, enquanto dos olhos congestionados de sono lhe brotavam e corriam sobre a macerada face pálida, álgidas lágrimas. Volveu os olhos ao casarão. O pai saíra trauteando um fado, ouvido na véspera ao Chico cantor e pela porta, que deixara aberta, engolfava-se a aragem frígida daquela manhã triste.

Num instante, galgou da cama e aprontou-se, pôs o boné, carregando-o sobre a frente; olhou a bacia de esmalte chaguenta, pousada sobre um mócho, junto à cómoda escavacada, e perdeu o apetite de lavar-se só com olhar a água que nela ficara toda a noite, e que devia gelar.

A Maria vendadeira deu os *bôs dias* a alguém, naturalmente ao Zeferino, Almeida da Câmara, bateu as tamancas no lagêdo do pátio, colocando à cabeça o cabaz onde hortaliças e legumes se baralhavam numa policromia garrida. Saiu para a praça; na rua um eléctrico deslizou, fuscando, e logo tudo recaiu novamente em silêncio, que não foi longo, porque o Nini surgiu na soleira da porta. Era um rufião de dezóito anos, avantajado de estatura e de músculos, terror da *malta* baírrista, pois, se não ia a bem, ia a mal. E tudo isto pela simples razão de que se convencera de ser um Beni... Na pancadaria era o primeiro, era dos fortes.

A sua silhueta enquadrou-se na porta, calçando ainda uma alpergata, a *bia* colada ao canto do lábio superior, meneando os quadris, num hábito de faia, de rapaz batido, enquanto num gesto rápido atirava para sobre um dos ombros a bolsa remendada.

Não vendo o companheiro, berrou para dentro:

— Eh, miúdo, ala, toca a *pirar* cá para fora, e vamos que já é tempo.

O interpelado olhou o pátio já esbranquiçado pelos alvares, esfregou os olhos e, com a unha, arrancou a ramela teimosa do canto de um déles. Depois respondeu:

— Vamos, Nini.

O matulão foi à frente, êle atrás, qual satélite. O outro não era de dar confiança, pois quem se mete com miúdos...

O José já não *ligava* à cidade, estava habituado a vê-la tôdas as manhãs, cinzenta sob nuvens baixas, mergulhada em neblina no inverno; clara e auspiciosa na primavera, alegrada pelo chilrear dos pardais. Então até dava gôsto, era uma beleza, as pernas tinham outra elasticidade, a face coloria-se e a aragem matinal era banho salutar ao corpo e à alma. De princípio, aquela terra tão grande, rasgada de muito largas ruas, percorrida por gentes desconhecidas, cheia de rumores, e em que uma vez se perdera entre a grande multidão que se acumulava nos seus bairros, amedrontava-o. Na casa da venda relacionara-se com o *Petisca*, o *Bibi*, o *Nini*, o *Quicas*, o *Mariola* um miúdo espertalhão que dizia chulices às madamas e gracejos obscenos às raparigas da vida, o mais querido da *malta*, e lugar tenente do Nini. Jogava com êles o botão, enquanto se distribuíam as fôlhas e o *Quicas*, o *fedêlho*, como dizia o *Mariola*, encolhia-se no ombral da porta e cabeceava, embalado pela algazarra do rapazio.

Quando êles iam beber a bagaceira ao tabernório, perto, era o suplício do José. Recusara-se de comêço, mas apodado de *menina*, ameaçado de pancadaria, teve de tragar aquilo a que o

Nini chamava a *bebida dos homens*. Depois habituara-se e era agora o primeiro a propor a matadela de bicho.

Nos seus oito ou nove anos, seus ares desempoeirados, era já um homem, com resposta pronta, cigarro ao canto dos lábios delgados e exangues.

Com a bolsa atafalhada de jornais, era o mais rápido no galgar das ruas e calçadas e mostrava-se exímio em jogar para os terceiros andares os jornais entrelaçados, que criaditas de olhos sonolentos recebiam nas mãos avermelhadas de frieiras. Dava-se por satisfeito; aquela era a sua vida; sempre desejara viver à sua vontade, livre como o vento, e só ficava triste quando à noite o pai lhe pedia o dinheiro e abalava para a tasca, a ouvir o Chico cantor. À tarde, depois da venda dos jornais da noite, seguia para o pátio vagarosamente, o rosto mais pálido, vendo as senhoras agasalhadas em casacos de peles, com um sorriso na ponta dos lábios. Inviada-ia uma calma santa, e esperava que o rapazio do bairro aparecesse para a partida do botão, ou falava à Mónica, a filha da Maria vendadeira, a petiza dos seus encantos. Sentados no degrau duma velha casa, contava-lhe as proezas do Nini e do *Mariola*, riam os dois, e, ao escurecer, quando as janelas, ainda há pouco incendiadas pelos raios derradeiros do sol, se tornavam melancólicas, recolhia ao casarão, e pensava na Mónica, a sua namorada. De quando em quando, ia para a doca e, sentado num molho de cordas, ou num fardo, ficava a contemplar as barcas grandes ou os paquetes. Sonhava partir um dia e levar consigo a Mónica. Mas o tempo rodava na sua cadência eterna, e êle, de quando em quando, pensava, numa reminiscência remota, no pequeno cemitério estendido para trás do Outeiro, onde sua mãe repousava e onde, por vezes, os melros iam assobiar, quer fizesse sol ou chovesse.

Ficava enleado ao ver a donairosa Mónica, sentia-se preso àquêle rosto onde a vida palpitava e arquitetava planos para o futuro, e pedia a Deus por ela e por êle.

Uma manhã, depois da venda acabada, o Ma-

(continua na pág. 22)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25344